



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

MAIARA DIANA AMARAL PEREIRA

ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO:

Colocando “retratos” nas Ciências Sociais e Estudos das Mulheres na Bahia

SALVADOR

2021

MAIARA DIANA AMARAL PEREIRA

ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO:

Colocando “retratos” nas Ciências Sociais e Estudos das Mulheres na Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes

SALVADOR

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pela autora.

P436 Pereira, Maiara Diana Amaral
Zahidé Maria Torres Machado Neto: colocando “retratos” nas Ciências Sociais e Estudos das Mulheres da Bahia / Maiara Diana Amaral Pereira. – 2021.
93 f.

Orientador: Prof.º Dr.º Felipe Bruno Martins Fernandes
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Machado Neto, Zahidé, \$d 1931- Sociólogos - Bahia. 2. Etnologia.
3. Companheiro conjugal – Escolha. 4. Mulheres – Bahia – Estudo de casos.
I. Fernandes, Felipe Bruno Martins. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências humanas. III. Título.

CDD: 306.43

MAIARA DIANA AMARAL PEREIRA

ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO:

Colocando “retratos” nas Ciências Sociais e Estudos das Mulheres na Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Aprovada em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes (Orientador)
Universidade Federal da Bahia PPGA – UFBA

Prof. Dr. Guillermo Vega Sanabria
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profª. Dra. Candice Vidal e Souza
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG

Salvador
2021

A minha família, meus pais,
irmãs e sobrinhos.

Troquei um marido e uma família e uma casa na qual envelhecer por determinados pergaminhos amarelo que apenas umas quantas pessoas são capazes de ler e que menos ainda se interessariam por ler, se o fossem (Virginia Woolf).

AGRADECIMENTOS

Quando fui selecionada para o mestrado com um projeto que seria a continuação da minha pesquisa de monografia não sabia que o estaria por vim, o programa me indicou Felipe Fernandes com quem já tive o prazer de realizar pesquisas e eventos juntos, e, ele compreendendo o meu jeito de ser me propôs “vamos continuar com sua pesquisa sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto ?” respondi satisfeita que sim. Quero agradecer-lo pelo apoio de sempre e por ter mais uma vez acreditado em mim.

E não somente ele me incentivou nessa minha nova empreitada acadêmica, meus pais, Umbertão e MariElza, nomes carinhosos que chamamos eles, que sempre acreditaram em mim, fazendo com que eu pudesse ter uma graduação e um mestrado, como diz minha mãe “*não tive essa oportunidade e é o que quero para minhas filhas*”. As minhas irmãs : Maraiza, que me ajudou a traduzir meu resumo para o inglês, além de nossa amizade e divisão de responsabilidades da casa, moramos juntas, e antes da dupla de sertanejo já éramos mais conhecidas por nossa parceria; a Myrian aquela que mesmo a 700 km de distância nunca deixou de se fazer presente na vida das suas irmãs e de me ensinar que escutar e aceitar críticas é necessário com o seu famoso bordão: “*Maiara, nem sempre você é a dona da razão*” . Aos meus sobrinhos, Valentina, Rafael, Gustavo e Davi que durante a pandemia quando eu estava ocupada estudando me ajudavam nas minhas funções domésticas, sem contar todo o amor, carinho e respeito, e as brincadeiras de *pergunte a Tia Cuca ela com certeza tem um livro sobre isso* e ao meu cunhado Gabriel, o bruto de um coração bom, que sempre dizia estamos com você quando precisar e a Pedro, também meu cunhado, que sempre esteve disposto a me ajudar quando precisei, apesar de ficar cada um no seu canto na casa.

Minha família nuclear foi como sempre a base para que eu acreditasse em meus sonhos. E, quando precisei de ajuda financeira para ir apresentar meu trabalho em Porto Alegre, por não ser bolsista, conjuntamente com minha Madrinha Nega começaram uma vaquinha para que eu pudesse ir até lá e primos, amigos abraçaram cada um contribuindo o com o que podia. Não posso me esquecer de Tia Ró que me tendo como filha está sempre comigo para o que der e vier, meu primo Vamberg Barros que me ajudou com o que deveria fazer para conseguir adiantar meu processo na UFBA. Quando precisava folgar no trabalho para algum evento minhas colegas Amanda, Diana trocavam o dia e o turno comigo. Agradeço ao meu *grupo de ideologia*, meus amigos que cursaram Ciências Sociais comigo e se tornaram amigos e importantes parceiros na minha trajetória acadêmica, também as minhas amigas dos rolês do metalpunk que com a rede criada entre a gente uma fortalece a outra como pode, e, entre esse

grupo de mulheres tem Will aquele que é nosso outro diferente, o único homem, gay e tropicalista, que nos mostra outras possibilidades de mundo, a minha amiga Biatriz que sabendo da minha paixão por literatura, me presenteou com um livro que amo porque sabia que se eu lesse um romance minha ansiedade com a escrita da dissertação diminuiria, mal sabia ela que seu presente se tornaria uma referência.

Durante o mestrado uma colega foi muito importante estudando juntas e construindo nossos projetos e pesquisa, Gabriela Bacelar, outra estudante de programa, mas que conheço há muito tempo, cursou comigo Ciências Sociais e estagiou no mesmo período que eu no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, foi uma parceira de diálogo e também é uma grande amiga: Anne Alencar.

Na escrita da dissertação estava nervosa e encontrei em Marina Rute, também uma amiga e que entrou comigo no curso de Ciências Sociais em 2009, um porto seguro que me fez acreditar que daria tempo e terminaria, durante um mês nos encontramos no *google meet*, eu lia a tese dela e ela lia minha dissertação, uma questionava a outra e assim fomos construindo os nossos textos. Durante essa trajetória tive a oportunidade e o prazer de entrevistar Carlos Caroso, Jeferson Bacelar e Alda Motta, que colaboraram muito, cada um do seu jeito todos muitos amáveis.

Alda com sua fala calma e tranquila me ensinando que paciência é algo que sempre devemos ter, Jeferson com suas ironias e brincadeiras dizendo de certo modo não leve tudo muito a sério, a vida passa, os momentos mudam e Caroso, sério, pontual, mas que desde meu estágio no Museu de Arqueologia e Etnologia me ensinou a ser dedicada; e sempre pronto a me responder a qualquer momento, qualquer dia, o que me diz muito da ajuda que me dava e como era um professor acessível, pelo menos para mim. Sou agradecida também a Luzinete Simões, que infelizmente não a conheci, ainda, e que desde 2015 contribuiu para que a história que trago nessa dissertação fosse escrita.

Não posso deixar de agradecer também meus colegas do Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação pelas trocas e compartilhamento de conhecimento, pelas leituras e debates, cada um ajudando o outro com questionamentos, reflexões nos fazendo sair da nossa “zona de conforto intelectual”, sempre sob orientação de Felipe Fernandes.

Toda minha gratificação também a professora Candice Vidal e Guillermo Sanabria por terem aceitado a fazer parte dessa minha passagem pelo mestrado como banca de examinação, na qualificação fizeram apontamentos e me deram algumas trilhas que eu deveria seguir para a escrita da dissertação, o que agradeço muito.

Esse agradecimento é um muito obrigada a todos que acreditaram nesse sonho, que não foi só meu, mas compartilhado com outras pessoas que nunca deixaram de acreditar em mim, e como dizia Raul Seixas, cantor admirado por mim e por meu pai : *“sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”*.

PEREIRA, Maiara Diana Amaral. **Zahidé Maria Torres Machado Neto**: colocando “retratos” nas Ciências Sociais e Estudos das Mulheres da Bahia. 2021. 93f.i. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo fazer um resgate da memória de Zahidé Maria Torres Machado Neto levando em conta a agência da autora e das suas obras e a sua importância para as Ciências Sociais e os estudos sobre mulheres na Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de “recuperar” a história da socióloga, contextualizando-a no espaço-tempo, do final da década de 1960 até início de 1980 na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas FFCH–UFBA. Assim como também mapeou quais as outras mulheres estavam presentes como pesquisadoras e estudantes na FFCH e como se relacionaram com Zahidé Maria Torres Machado Neto. Além disso esta pesquisa investigou a sua conjugalidade com Antônio Luís Machado Neto demonstrando que apesar de ter sido casada com um influente jurista-sociólogo soube construir sua própria trajetória intelectual. Para a realização deste estudo os métodos antropológicos utilizados foram a antropologia de e no arquivo, antropologia histórica e entrevistas, foram realizadas visitas ao arquivo da FFCH e acesso a documentos que estão disponíveis no repositório da UFBA, assim como documentos que eu tinha em um arquivo pessoal de 2015 e outros que foram enviados por professores. A dissertação não tem como propósito contar uma história geral da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, mas resgatar a contribuição de uma intelectual, uma respeitável socióloga, sem, no entanto, cair na “ilusão biográfica” e sua importância se dá por contribuir para a história das Ciências Sociais na Bahia e no Brasil

Palavras-chave: Zahidé Maria Torres Machado Neto. Conjugalidade. Etnografia de arquivos.

PEREIRA, Maiara Diana Amaral. **Zahidé Maria Torres Machado Neto**: colocando “retratos” nas Ciências Sociais e Estudos das Mulheres da Bahia. 2021. 93.f.i. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

The current research has as its objective to rescue the memory of Zahidé Maria Torres Machado Neto taking into account the agency of the author and her academic production and its importance for Social Science and women's studies at the Federal University of Bahia (UFBA), besides "recovering" the history of our sociologist, contextualizing it in space-time, from the late 1960s to the early 1980s at the College of Philosophy and Human Sciences FFCH-UFBA. The research also mapped which other women were present as researchers and students at the FFCH and how did they relate to Zahidé Maria Torres Machado Neto. In addition, this research investigated our sociologist's conjugality with Antônio Luís Machado Neto, demonstrating that despite being married to an influential jurist-sociologist, she knew how to build her own intellectual trajectory. For this study the anthropological methods used were anthropology of and in the archive, historical anthropology and interviews, visits were made to the archive of the FFCH and access to documents that are available in the repository of the UFBA, as well as documents that I had in a personal file from 2015 and others that were sent to me by professors. The dissertation do not intend to tell a universal history of the College of Philosophy and Human Sciences FFCH-UFBA, but to rescue the contribution of an intellectual, a respectable sociologist, without, however, falling into the "biographical illusion" and its importance is the contribution to the history of the Social Sciences of Bahia and of Brazil.

Keywords: Zahidé Maria Torres Machado Neto. Conjugality. Archival ethnography.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ANPOCIS	Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais
APEM	Associação de Pesquisa e Estudo da Mulher
BEGD	Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade
CAD	Coordenação de Arquivos e Documentos
CADE	Conselho Administrativo de Defesa Econômica
CECIBA	Centro de Ensino da Ciência na Bahia
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPPD	Comissão Permanente de Pessoal Docente
DOI-CODI	Destacamento de Operações de Informações -Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DPS	Departamento de Pesquisas Sociais
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
GIRA	Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação
GT	Grupo de Trabalho
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
I.E.F.B	Instituto de Educação e Finanças da Bahia
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
MMRB	Movimento Maria Brandão da Bahia
NEIM	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher
NEN	Nível de Exposição Normalizado
OIT	Organização Internacional do trabalho
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPGCS	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SP	São Paulo

UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas de Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNIFACS	Universidade de Salvador
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Foto Zahidé Maria Torres Machado Neto da matricula na UFBA.....	19
Figura 2: Fotografia da formatura da turma de graduação em Ciências Sociais em 1972.....	28
Figura 3: Fotografia da pesquisa de campo do projeto Garimpo e Garimpeiros.....	35
Figura 4: Fotografia do arquivo da FFCH-UFBA.....	71
Figura 5: Fotografia do arquivo da FFCH-UFBA.....	72
Figura 6: Quadro de Dora Leal Rosa na Reitoria da UFBA.....	80

SUMÁRIO

1. O ACASO E O MEU ENCONTRO COM ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO	
15	
2. CAMINHOS: COMO ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO PERCORREU SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL.....	27
2.1. DOS CARGOS AOS EVENTOS ACADÊMICOS: QUAL O LUGAR DE ZAHIDÉ MARIA TORRES MACADO NETO.....	38
2.2. AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DE ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO: TEXTOS, ARTIGOS E LIVROS	44
3. A CONJUGALIDADE NA VIDA INTELECTUAL DE ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO	55
4. (RE)PENSANDO A ETNOGRAFIA DE DOCUMENTOS E A MEMÓRIA DE ZAHIDÉ MACHADO NETO	66
4.1. MULHERES: NOVOS RETRATOS PARA A FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFBA	76
5. TEMPO: O QUE GUARDAMOS E O QUE SE DESVANECE.....	85
6. REFERÊNCIA	93

1. O ACASO E O MEU ENCONTRO COM ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO

É mesmo curioso como o tempo, no começo, parece longo a quem se encontra num lugar estranho. Quer dizer... Absolutamente não me aborreço; nada disso! [...] mas, quando olho para trás - em retrospectiva, sabe? - tenho a impressão de estar aqui há não sei quanto tempo já [...] isto me parece toda uma eternidade. Essas coisas não têm que ver com as medidas e raciocínios. São puramente questões de sentimentos. (*A Montanha Mágica*, Thomas Mann, 1953)

Ainda como aluna do curso de Ciências Sociais da UFBA, estagiei no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFBA, momento que conheci Carlos Caroso pois nessa época (2011-2013) ele era o diretor do museu. Trabalhar no MAE despertou em mim um afeto pela antropologia o que de certa forma me fez escolher fazer o bacharelado nessa área da ciência social. Todavia, apesar de meu primeiro estágio ter sido em etnologia, ao longo da minha trajetória acadêmica acabei trilhando outro caminho, fui para *Estudos de Gênero e Antropologia Feminista*.

Meu primeiro contato com os *Estudos de Gênero* foi em uma disciplina sobre parentesco, *Antropologia da família e do parentesco* (2012.2), ministrada pelo Prof. Luís Nicolau Parés, que no primeiro momento da disciplina trabalhou com os estudos clássicos de parentesco, introduzindo os alunos nessa antropologia que é de suma importância. Já durante a segunda metade do curso, a responsável pela disciplina foi a Profa. Cecilia Anne MacCallum que trouxe para a turma o debate do parentesco através de uma literatura de antropólogas feministas, colocando em questão “verdades” clássicas sobre o parentesco e apontando a importância dos estudos das mulheres e de gênero para repensar o que seria o parentesco.

Após ter sido seduzida para esse campo, resolvi cursar *Introdução à Antropologia do Gênero* (2013.1) ministrada pela Profa. Alinne Bonetti. Mais tarde me tornaria monitora desse componente curricular sob orientação do Prof. Felipe Bruno Martins Fernandes, momento em que tive a oportunidade de ministrar aulas para alunas e alunos do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD/UFBA).

Após ter sido monitora de Felipe Fernandes participei de uma seleção para ser sua bolsista no Projeto de Pesquisa *Ensino da Antropologia na Bahia* e fui selecionada; foi nesse;

período de 2015 que “conheci” Zahidé Maria Torres Machado Neto. O objetivo da pesquisa, inicialmente, era fazer um levantamento histórico dos grandes nomes da antropologia na Bahia e as suas contribuições, como também teria se dado o processo de construção e institucionalização da antropologia no estado e qual a relevância da disciplina nas universidades baianas, entretanto, por uma ironia da vida, a *fortuna*¹, o meu trabalho seguiu outro rumo, sem, no entanto, deixar para trás o que se propunha inicialmente.

Enquanto eu, Míria e Bárbara, que eram as outras bolsistas do projeto, nos dedicávamos à leitura dos clássicos das Ciências Sociais, como, por exemplo, “*A antropologia brasileira*”, (1952) do autor Estevão Pinto, “*Pesquisa etnológica na Bahia*” do autor norte-americano com doutorado na Universidade de Coimbra, Melville J. Herkovitz, “*Ensaio de Antropologia Brasileira*” de Edgard Roquette-Pinto (1933), “*Ensaio de Antropologia*” de Thales de Azevedo (1959). Nos deparamos com a persona de Zahidé Maria Torres Machado Neto como autora do livro *Sociologia Básica* (1987), que havia escrito conjuntamente com seu marido, Antônio Luís Machado Neto. Após esse contato com essa produção o objetivo da pesquisa foi reconsiderado e eu e Míria ficamos responsáveis em procurar nos arquivos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas sobre essa socióloga até então totalmente desconhecida tanto por nós, as bolsistas, quanto por nosso orientador.

Sociologia Básica (1987) teve sua primeira edição em 1972 e é uma introdução do que são as ciências sociais e quais são os seus problemas de pesquisa, a história da sua construção como ciência, como se desenvolveu e quais são suas vertentes teóricas. O mais interessante, para mim, pelo menos, é o fato que ao final de cada capítulo dessa obra serem trazidos “temas para debates e exercícios” para que fossem respondidas como, por exemplo, as seguintes questões : a) faça uma análise, de um ponto de vista ecológico, do recente desenvolvimento urbano da sua cidade e também sobre o desenvolvimento do bairro que morava; b) faça uma análise de um fato social típico e procure reconstituir sua evolução da situação de uma criação individual a um fator interindividual e, afinal, a um fato social indiscutível; c) classifique como primários ou secundários os seguintes grupos: sua família, sua vizinhança, o bairro, a cidade, o estado, o Brasil, a sociedade anônimo x a sociedade internacional, a Igreja Católica.

O livro é dividido em oito unidades e essas em subtópicos: As Ciências Sociais; O meio Natural e Cultural; Processos Sociais; A sociedade; Estratificação Social; A vida Econômica e

¹ A vida tem seus reveses, e nada me fez pensar mais sobre isso que lembrar da deusa romana, a *Fortuna*, representada por uma mulher quase que sinônimo de destino. A vida, como uma grande brincadeira dessa deusa, com seus ventos me fez caminhar por caminho que eu não imaginei trilhar. Cf. PACHECO, Marina Rute de Aquino Marques. **O Riso do Demônio**: o inferno irônico n’O príncipe de Maquiavel. 92 f. il. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

a sociedade; Instituições Sociais e Dinâmica Social. Não me debrucei profundamente nesse livro porque ele é mais um manual sobre as ciências sociais e seus métodos, e, portanto foi utilizado por mim para compreender os métodos e as epistemologias utilizadas por Zahidé Maria Torres Machado Neto e Antônio Luís Machado Neto.

Subsequente à leitura do livro acima mencionado foi decidido conjuntamente com o orientador que a partir de então eu me dedicaria à análise da contribuição acadêmica e da história de Zahidé Maria Torres Machado Neto. Ao nos depararmos com a socióloga ponderamos sobre quantas histórias “escondidas” e não contadas de intelectuais mulheres, que ocuparam cargos e eram influentes pesquisadoras das Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, podem ficar pairando como “sombras na memória da instituição”. E foi justamente por perceber essa ausência e a precariedade de fonte sobre mulheres cientistas na instituição de ensino, é que compreendemos a importância de se escrever sobre essas mulheres e assim fazer emergir novas histórias na pesquisa sociológica na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA. Já nos primeiros levantamentos de dados sobre a cientista social foram encontradas informações dos seus interesses para com os estudos das mulheres, o que despertou ainda mais, a vontade em resgatar a sua memória, pois como orientanda do *GIRA: Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação*, grupo dedicado aos estudos das mulheres, gênero e sexualidade, recuperaria a trajetória de Zahidé Maria Torres Machado Neto e a sua importância para o estudo das mulheres na Bahia.

Se durante a pesquisa em 2015 fiz os primeiros levantamentos sobre quem foi e o que produziu Zahidé Maria Torres Machado Neto através de uma perspectiva da “invisibilidade” da autora, na pós-graduação em Antropologia dei continuidade na pesquisa que havia começado na graduação, só que agora levando em conta a agência e a autonomia da socióloga. O casamento com um intelectual influente e se a conjugalidade interferiu na sua produção acadêmica foi um problema de pesquisa do meu mestrado; respondi – la fugindo das armadilhas que podemos cair ao fazermos juízo de valor sobre parceria conjugal/acadêmica; também não poderia falar de Zahidé Maria Torres Machado Neto apenas como uma intelectual e através das informações que alcancei evidencio que ela era mãe e esposa.

Em 2015 fiz os primeiros levantamentos e análises sobre a socióloga, porém essa pesquisa não teve um ponto final pois sabia que ainda haveria muito sobre o que se pensar e falar sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto. Posso dizer então que houve um ponto e vírgula para que assim no mestrado houvesse uma continuidade com mais informações sobre sua vida e obra, além disso com uma perspectiva metodológica que complementaria os métodos usados anteriormente. A vida intelectual da mesma me fez perceber que em seu tempo ela não era uma

mulher que passava despercebida, então o qual foi o motivo de um “desconhecimento” por parte de estudantes das Ciências Sociais e estudos das mulheres no que diz respeito a socióloga? No entanto, reconheço que o desconhecer não é algo generalizado, pois ao longo da minha pesquisa conheci algumas pessoas tiveram conhecimento da sua *persona* e do seu trabalho.

Por exemplo, quando fui me tatuar com Bernardo², que foi aluno do mestrado do programa de Antropologia, ao me questionar sobre o meu tema de pesquisa ele disse ter usado o texto de Zahidé Maria Torres Machado Neto sobre garimpeiros como referência para sua própria pesquisa. Bernardo é dez anos mais velho que eu, ou seja, eu era graduanda quando ele era mestrando. Apesar da diferença geracional entre Bernardo e eu, em termos acadêmicos, uma década não é tanto tempo assim, e diferentemente de mim, ele teve acesso ao trabalho da cientista social através da indicação do professor que o orientou. Dessa maneira cheguei a conclusão de que Zahidé Maria Torres Machado Neto não está completamente “escondida” e que “apareceu” para alguns estudantes de alguma maneira, como, por exemplo, no caso de Bernardo e no meu. Mas, então quem é Zahidé Maria Torres Machado Neto?

Zahidé Maria Torres Machado Neto, advogada, socióloga, intelectual, mãe, esposa, personalidade forte, vibrátil, presença vital, contestadora, polêmica e perspicaz, foi membro da Ordem dos Advogados do Brasil seção Bahia, da Associação de Pesquisas e Estudos Da Mulher (APEM-BA) e uma das fundadoras da *Asociación Latino-americano de Estudios Sobre La Mujer*. Militante que se organizou em movimento de mulheres baianas durante o período de perseguição política da Ditadura no país, lutando pela anistia dos presos políticos, foi pioneira nos estudos sobre as mulheres na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)³.

Nascida na cidade de Salvador no dia primeiro de agosto de 1931, filha do comerciante Emílio Torres Timóteo com a professora Noélia de Vinhaes Torres, mas não era filha única; seu irmão mais novo Geraldo César de Vinhaes Torres, nascido em 1935 e falecido no ano de 2018, foi também um professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia como um médico veterinário renomado. Zahidé Maria Torres casou-se, ainda nova, com o também jurista e sociólogo Antônio Luís Machado Neto (1930-1977), desse casamento nasceram dois filhos: o

² Nome fictício que utilizei para o antropólogo hoje tatuador.

³ A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, ao que tudo indica, no início da sua formação, funcionava na Faculdade de Medicina, localizada no Terreiro de Jesus, Pelourinho, informação retirada das atas das reuniões do departamento de sociologia que tinha esse o endereço.

mais velho, Carlos Frederico Machado Neto, e o mais novo. Luís Antônio Torres Machado⁴, conhecido por Lula.

Figura 1: Foto Zahidé Maria Torres Machado Neto da matricula na UFBA



Fonte: Arquivo da FFCH-UFBA.

De acordo com a entrevista feita com o antropólogo Carlos Alberto Caroso Soares, Antônio Luís Machado Neto tinha uma ânsia em se casar com presteza e assim o fizeram. Quando terminou sua primeira graduação já estava casada⁵, aderindo ao sobrenome do marido a jovem agora era conhecida como Zahidé Maria Torres Machado Neto. O casal trilhou os mesmos caminhos acadêmicos como a graduação em Direito e posteriormente a licenciatura em Ciências Sociais.

Do ponto de vista da produção intelectual escrita pelo casal há referência aos filhos, *Sociologia Básica*⁶ (1987) foi o único material no qual encontrei menção às crianças, a passagem a qual me refiro está no capítulo *Processos Sociais* : no qual o trabalho intelectual

⁴ Coloquei o nome dos filhos como apareceram para mim ao longo da pesquisa, das entrevistas, por isso o de Luís aparece o Torres e o de Carlos não.

⁵ Em seu diploma da Faculdade de Direito, datado de 1952, sua assinatura está Zahidé Machado Neto.

⁶ A obra será mais desenvolvida posteriormente no capítulo dedicado as suas obras escritas.

de escrita e estudo aparecem como algo incompreendidos pelos filhos, que não compreendiam os processos de como os pensamentos dos seus pais escritos em folhas rabiscadas, com canetas de tinteiros, transformavam-se em livros, obras datilografadas. Frederico Machado Neto e Luís Antônio Torres Machado aparecem como a prole que tinha um olhar “inocente e cético” sobre o trabalho intelectual dos seus pais.⁷ É percebido por mim como a vida intelectual não estava separada da vida doméstica.

Esse fragmento remete a sua vida como uma mulher casada, com filhos e que faz um trabalho intelectual de pesquisa. Imagino que devido ao seu campo de pesquisa esse trecho tenha sido escrito por Zahidé Maria Torres Machado Neto, mas como o livro foi escrito pelo casal não posso afirmar que essa sensibilidade de citar os filhos tenha sido dela. No entanto, na parte dedicada a apresentação dos autores já aparece os estudos da socióloga referente a sociologia da família e da relação entre os sexos, o que nos dá uma pista de que talvez relacionar os filhos com trabalho intelectual tenha sido uma preocupação de Zahidé Maria Torres Machado Neto.

Como eu não obtive informações sobre a sua vida pessoal de maneira tão profunda não posso descrever como se dava a organização do casamento, o cuidar dos filhos e a profissão. Como não tenho como interrogá-la não me aprofundei nessa relação como fizeram as pesquisadoras Candice Vidal e Souza (2021) e Fernanda Azeredo (2020), que ao desenvolverem suas pesquisas sobre antropólogas e cientistas sociais, respectivamente, se debruçaram em compreender como suas interlocutoras conciliavam as relações familiares com as atividades intelectuais. Londa Schiebinger (2001) demonstra como a ciência é uma atividade profissional que se organizou com o pressuposto de que a sociedade não reproduz ou de que cientistas não estão envolvidos nas tarefas diárias da reprodução, e, isso pode ser uma realidade para muitos dos cientistas masculinos, porém não é verdadeiro para a maioria de cientistas mulheres.

De acordo com Schiebinger (2001), arranjos domésticos são parte da cultura da ciência pois, apesar da distinção histórica público/privado, a vida privada não está separada da vida pública. Portanto, é um equívoco afirmar que por mais que as mulheres das ciências paguem, outras mulheres para fazerem o trabalho de casa e de cuidar dos filhos que elas deixam de

⁷ Carlos Frederico Torres Machado, o mais velho, no livro póstumo dedicado ao seu pai escrito em 1979, em seu agradecimento dá a entender que estava cursando direito e ele também aparece em uma fotografia em campo com sua mãe, que aparecerá mais adiante nesta dissertação como um jovem. Sendo possível que esse relato dos filhos, sem entender os processos do trabalho do pai, como crianças inocentes, deve ser uma memória de quando os filhos ainda estavam na infância.

ocupar o lugar de mãe e esposa tradicional, ou seja, a distinção entre o público e privado não é, factível com a realidade na qual estão inseridas as mulheres intelectuais.

Como apontei anteriormente o aspecto da vida doméstica do casal não chegou até a mim através das entrevistas e nem através dos documentos. Então o que me restou foi fazer uma análise das pesquisas desenvolvida por Zahidé Maria Torres Machado Neto sobre as mulheres e relação de trabalho: “*Força de trabalho da mulher no espaço do Bairro*” e “*Funcionária pública: a dona de casa nas repartições*”. Então deixo em aberto aqui a questão: quem era responsável pelos afazeres do lar e do cuidado dos filhos enquanto ela estava em campo pesquisando sobre outras mulheres e o seu marido, A. L. Machado Neto estava ocupado com as teorias jurídicas? Dessa maneira como se dava essa reorganização do espaço doméstico e do cuidado familiar no lar “Machado Neto” é uma lacuna da vida pessoal que eu não pude acessar, no entanto ao longo da pesquisa ficou evidente que não poderia pensar a vida intelectual de Zahidé Maria Torres Machado Neto ignorando sua vida fora da academia.

Sociologia Básica (1987) parte do pressuposto que o objeto da Sociologia como ciência é o contexto social, e à História caberia falar sobre os indivíduos. Essas eram as concepções metodológicas na época da escrita do livro *Sociologia Básica* (1987), hoje em dia, no entanto, já possuímos outras concepções teóricas metodológicas que me permitiu fazer um estudo antropológico de Zahidé Maria Torres Machado Neto.

Os métodos utilizados nesta dissertação foram: a revisitação⁸ dos documentos sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto localizados no arquivo e na biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); realizei entrevistas com pesquisadores (as) da instituição que conheceram e conviveram⁹ com a socióloga, Carlos Alberto Caroso Soares, Jeferson Afonso Bacelar e Alda Britto da Motta; analisei livros e artigos escritos por ela, que me foram emprestados, enviados ou que fiz *download* em *sites* de eventos; como também utilizei o Repositório da UFBA para continuar a análise de dados de documentos; e fiz uma busca na Plataforma *Lattes* de alguns currículos de intelectuais que se relacionavam com Zahidé Maria Torres Machado Neto.

⁸ Utilizo o termo revisitação porque fui bolsista do projeto Ensino da Antropologia na Bahia coordenado pelo pesquisador/professor Felipe Bruno Martins Fernandes no ano de 2015, e, nesse período eu tive meu primeiro contato com uma obra de Zahidé Machado Neto, que foi escrita conjuntamente com seu marido A.L. Machado Neto, e, posteriormente a esse momento houve uma decisão em se pesquisar sobre essa cientista social que nos era desconhecida, então fiz um levantamento dos documentos de Zahidé Machado Neto no arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, mas sem me debruçar de uma maneira analítica sobre eles.

⁹ Conviver aqui no sentido acadêmico, das relações dentro da faculdade quanto também pessoal, caso a pessoa entrevistada tenha tido uma relação mais próxima de Zahidé Machado Neto.

Carlos Alberto Caroso Soares é antropólogo, Professor Titular do Departamento de Antropologia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA, suas áreas de pesquisa são: Teoria Antropológica, Antropologia e Patrimônio, Etnologia Indígena, Antropologia da Saúde e das Populações Afro – Brasileiras. Já Alda Britto da Motta é socióloga, professora da UFBA, atua no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre as Mulheres (NEIM), possui doutorado em Educação e suas pesquisas estão centradas nas áreas de Gênero, Gerações, Envelhecimento, Velhice e Família. Jeferson Afonso Bacelar é cientista social e foi Professor da Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia e atualmente é professor da Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, pesquisador do Centro de Estudos Afro-Orientais, CEAO/UFBA, desenvolveu pesquisas na área da antropologia com ênfase nos seguintes temas: etnicidade, identidade étnica, migração, ideologia, alimentação, futebol e lazer. E, por fim, Luzinete Simões Minella, que é socióloga e professora adjunta aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenou projetos nos Estudos de Gênero no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas de 2003 a 2020 e suas pesquisas estão centradas nos estudos sobre as mulheres na ciência, gênero e saúde mental, gênero e saúde reprodutiva, gênero e infância.

Esta dissertação não contou uma história universal e essencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA a partir da história de vida de “uma grande socióloga”. Zahidé Maria Torres Machado Neto se encontrava inserida na conjuntura da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas do final de 1959 até início de 1980. Para a escrita desta dissertação foi imprescindível contextualizá-la durante esse período na instituição com o intuito de descrever o cenário em que ela esteve ativa como professora, pesquisadora, coordenadora de projetos, como também as relações que foram construídas ao longo da sua passagem na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) e na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A imaginação histórica de acordo com Jean e John Comaroff (2010) evita uma história realista ou essencialista e pretendem mostrar como as realidades são construídas, como elas se tornam reais e como as materialidades se materializam. Ao destacarem que as biografias não são inocentes e estão profundamente relacionadas ao *eu cartesiano* afirmam que são modos de inscrição culturalmente específicos e ideológicos. As histórias de vidas indicam, dessa maneira, uma trajetória humana como uma progressão de eventos e ações e alimenta a fantasia modernista da sociedade e da noção de individualidade que cada um tem, potencialmente, controle sobre seu destino, sendo o mundo constituído pelas ações de “agentes” autônomos. Para romper com essa historiografia burguesa, no sentido individualista, a alternativa é situar o

ser e a ação, comparativamente, em seus contextos culturais diversos, e, justamente por esses motivos:

Devemos trabalhar com uma teoria operante não só do mundo social, mas também do papel das inscrições de vários tipos na formação da ideologia e do argumento. Pois só então poderemos situar expressões individuais e práticas de significação dentro de um campo mais amplo de representação” (COMARROF; COMARROF, 2010, p. 42).

Pierre Bourdieu (2011), ao discorrer sobre as biografias, exteriorizava os perigos de que os autores que propunham realizar tal tarefa poderiam cair nas “armadilhas” da ideologia romântica de uma individualidade única e insubstituível, se fazendo necessário então fugir desses riscos epistemológicos e pensar o *habitus* socialmente construído que possibilitou o artista, o intelectual, ocupar as posições que eram oferecidas naquele campo intelectual e quais posições ideológicas foram adotadas por esses indivíduos.

Não à toa que a narrativa escolhida para a escrita desta dissertação foi pelo viés da contextualização intelectual que Zahidé Maria Torres Machado Neto estava inserida; no livro já supramencionado *Sociologia Básica* (1987) no capítulo Processos Sociais, os autores põem em discussão a genialidade do indivíduo por si mesmo.

Mesmo o gênio, a individualidade marcante por excelência, mesmo esse terá, de dever mais à coletividade do que esta é capaz de proporcionar de pessoal e inédito, o que, de fato não passará de uma combinação mais ou menos original e inteligente de um universo de elementos exógenos, herdados do patrimônio universal da civilização (MACHADO NETO.A.L; MACHADO NETO.Z. 1987,p.59).

Optei a dar continuidade na narrativa da socióloga baiana através das notícias póstumas. Zahidé Maria Torres Machado Neto faleceu de maneira inesperada aos 52 anos de idade e seu sepultamento foi no cemitério do Campo Santo, às 18 horas, tendo o cortejo saído da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia às 17:30, o cortejo foi acompanhado por professores, alunos e autoridades do meio cultural e político do Estado, de acordo com jornal escrito por Adilson Fonseca¹⁰.

Sua morte repentina em um acidente de carro no dia 17 de março de 1983, durante os festejos carnavalescos, gerou uma comoção entre seus pares acadêmicos e a sociedade baiana, dada a sua importância para atividade cultural como também por ser uma intelectual ativa

¹⁰ Na nota referida o nome do seu marido aparece errado, está Raimundo Machado Neto ao invés de Antônio Luís Machado Neto

dentro e fora dos muros da Universidade. Justamente por seu falecimento ter sido um acontecimento acidental que causou em alguns de seus pares tanto uma reflexão sobre o tempo como também sobre a existência como algo transitória, conforme escreveu Consuelo Pondé de Sena em um jornal.

Os relatos escritos no ano da sua morte me ajudaram a escrever a história de Zahidé Maria Torres Machado Neto a partir da visão que alguns dos seus colegas possuíam sobre a socióloga quando ela veio a falecer. E subsequentemente no decorrer da escrita desta dissertação vozes de interlocutores, como de seus alunos e orientandos, que entrevistei, me contaram sobre o que lembraram de Zahidé Maria Torres Machado Neto através das suas memórias.

Do ponto de vista da historiadora, geógrafa, Consuelo de Sena, a morte de Zahidé Maria Torres Machado Neto foi um acontecimento que a provocou, fazendo com que refletisse como a sua geração intelectual na academia se comportava diante dos compromissos que possuíam com a sociedade. A socióloga para qual prestava homenagem póstuma havia sido um exemplo de mulher com uma postura cada vez mais atuante, declarava-se em luta aberta contra os absurdos dos privilégios, lutando pelas reivindicações femininas ao lado de dona de casas como também por eleições livres, o sagrado direito de escolher e o sufrágio em todos os níveis.

Em uma nota escrita por Adilson Fonseca sobre o óbito da socióloga duas declarações em específico são imprescindíveis, a de Frederico Machado Neto, filho de Zahidé Machado Neto com o jurista e sociólogo Antônio Luís Machado Neto. Como também a de José Antônio, professor da FFCH-UFBA, conhecido como Sarja.

Para seu filho, Zahidé Machado Neto foi: *“Alguém que se imortalizará pelo que deixou feito e pelo que deixou aberto para que outros deem continuidade ao seu trabalho”*, e, de acordo com o mesmo, ele teve a honra de ser próximo de duas pessoas queridas que produziram trabalhos para a posteridade, que, no caso, seriam seu pai e sua mãe.

Já para o professor universitário, Sarja: *“Zahidé representa muito em termos de cultura e muitos terão que ter a iniciativa de dar continuidade a esse trabalho, produzindo novas ideias e levando-a a participação de todos.”* Sendo, assim, esta dissertação ratifica tanto o que foi dito por Carlos Frederico Machado Neto como também pelo seu colega de instituição, Sarja, pois é uma continuidade do trabalho de Zahidé Maria Torres Machado Neto não só no sentido do resgate das suas contribuições teórico-acadêmicas como por ser um estudo sobre a história de mulheres.

Minha Amiga Zahidé, um obituário de jornal, escrita por Edvaldo Boaventura, advogado e cientista social, descreve a inteligência nervosa e perspicaz da sua amiga e

companheira de universidade, afirmando que ela deixou um vazio, e o sentimento de ausência para amigos, familiares. Acerca de sua atuação na Universidade, Edvaldo Boaventura afirma que apesar de participar de ações e de organizações institucionais, a socióloga tinha por vocação, a intelectualidade.

A notícia intitulada *Luta pela Emancipação da Mulher Perde uma Líder*¹¹ reporta-se ao seu matrimônio com Antônio Luís Machado Neto, tema que será abordado em um capítulo próprio. Além disso, noticiam que a grande atuação pública de Zahidé Machado Neto começou em 1970, quando dirigiu suas pesquisas e atividades, para a emancipação das mulheres e informam também sobre sua articulação política com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e que após a perda de Leonel Brizola ela migrou para o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Em uma dedicatória encontrada em um jornal sobre o falecimento de Zahidé Maria Torres Machado Neto é dito: “*Um mito que apesar de não ser cultuado, e não deve por se tratar de alguém que sempre lutou pela igualdade, continuará persistindo sempre que se falar da emancipação da mulher e de anistia*”. Em concordância com a nota do jornal acima citada acredito que criar um mito através da *persona*, em uma perspectiva individualista iria contra o que a socióloga baiana acreditava, além de que ao criarmos um mito, ou torná-la um gênio, negaríamos sua vivência como mulher, mãe, esposa, advogada, pesquisadora e intelectual.

Em *Caminhos: como Zahidé Maria Torres Machado Neto percorreu sua trajetória intelectual* trato do percurso intelectual, das produções acadêmicas e dos cargos ocupados, como também faço uma análise de algumas das suas obras. Já em *A conjugalidade na vida intelectual de Zahidé Maria Torres Machado Neto* faço uma reflexão sobre se o casamento com um intelectual da mesma área e com grande influência foi um empecilho ou não para a sua atividade acadêmica, e para tal fiz um diálogo com autoras que também fizeram pesquisas sobre conjugalidade e a carreira de mulheres cientistas. No capítulo dedicado à discussão metodológica, *(Re) pensando a etnografia de documento e a memória de Zahidé Maria Torres Machado Neto*, verso sobre o meu processo de análise dos documentos, arquivos e acervos, desde como me deparei com esse material até como fui compelida a repensar o fazer etnográfico e a pesquisa de campo; e de como essa reflexão me ajudou no resgate da vida e obra tanto da cientista social, advogada, como também de outras cientistas sociais da FFCH-UFBA. A conclusão que cheguei com esta pesquisa discorro em *Tempo: o que guardamos e o que se desvanece*, mesmo com o desenrolar dos anos e apesar da neblina do tempo, o que fez com que

¹¹ Essa nota de jornal está pela metade assim como a que foi escrita por Consuelo Pondé de Sena, então faço uma análise do que é apresentado nos documentos.

poucos a conhecessem ou tivessem consciência da sua relevância para os estudos sobre as mulheres na Bahia, como também para a organização do curso de Ciências Sociais na UFBA, Zahidé Maria Torres Machado Neto atravessou na ampulheta do tempo não através da sua *persona*, mas do seu legado.

2. CAMINHOS: COMO ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO PERCORREU SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL

A personagem dessa dissertação concluiu a sua primeira graduação pela Universidade Federal da Bahia na Faculdade de Direito formando -se em bacharel em direito em 1955 com vinte e quatro anos de idade, posteriormente fez a licenciatura em Ciências Sociais pela mesma instituição, terminando a sua segunda graduação em 1959, com vinte e oito anos.

No seu dossiê de discente encontramos cartas escritas por Zahidé Maria Torres Machado Neto solicitando à faculdade documentos que comprovassem os semestres cursados, que na época eram denominados de séries. Para que de posse deles pudesse renovar junto a Divisão Seccional do Ensino Médio a autorização para continuar a lecionar aulas de História Geral, História do Brasil, Organização Social e Política do Brasil, História da Literatura e Economia e Direito. O primeiro documento com esse tipo de pedido é do ano de 1957 e nele identificamos o Instituto Sete de Setembro, em que integrava o quadro de professores (as) e, segundo consta no seu currículo, onde ela ocupou o cargo de diretora e vice-diretora nessa instituição.

Em carta escrita em 2 de março de 1966 por Thales de Azevedo (1904-1995)¹², o então diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, para Dr. Miguel Calmon de Almeida Sobrinho, reitor da Universidade Federal da Bahia na época, informa os nomes de professores que foram indicados pelos departamentos daquela instituição para lecionarem na FFCH-UFBA. Dentre eles estava o de Zahidé Machado Neto, escolhida para ministrar o curso de Sociologia. E no dia 9 de março daquele mesmo ano, Thales de Azevedo recebeu uma autorização para admissão dos professores lecionarem no ano corrente.

Já no dia três de agosto de 1966, um ofício é enviado pelo então secretário da FFCH – UFBA, Fernando José da Silva, direcionado para a professora Zahidé Machado Neto, estava um requerimento coletivo dos alunos da primeira série do curso de Ciências Sociais da instituição, sobre a possibilidade da socióloga ministrar aulas de sociologia aos mesmos, em curso livre, no segundo semestre do corrente ano. No entanto, não há nos arquivos que eu consulte qualquer resposta a esse pedido. O ato de ensinar que se iniciou ainda na sua graduação em licenciatura em Ciências Sociais parece ter se transformado em um trabalho muito primoroso e que ela fazia com muita dedicação, pois ao começar a ministrar aulas de sociologia para alunos da graduação, obteve como retorno um pedido da turma para que continuasse como professora deles(as) no próximo semestre.

¹² Ao longo da dissertação me dediquei a colocar a data do nascimento e falecimento de sociólogos, antropólogos, cientistas sociais que são citados, porém para alguns não achei tais dados

Na época em que Zahidé Maria Torres Machado Neto era professora existia uma grande articulação por parte dos alunos, tanto nas entrevistas de Jeferson Bacelar, de Carlos Caroso, como no e-mail enviado por Luzinete Simões, mencionava-se o engajamento por parte dos estudantes.

Jeferson Bacelar afirmou que Zahidé Maria Torres Machado Neto havia sido uma das poucas professoras que não foram expulsas pelos alunos, isso na época da ditadura; a conheceu na década de 1960/1970, foi sua professora na graduação e posteriormente foi quem o orientou na escrita da dissertação. O relato de Carlos Caroso corrobora o de Jeferson Bacelar por mencionar que um professor foi afastado da universidade tanto pela união dos alunos como também por alguns professores.

Em correspondência com Luzinete Simões ela me escreveu sobre o que sentiu no dia da sua formatura, afirmou que durante a cerimônia, no salão nobre da antiga Faculdade de Medicina, em dezembro de 1972, estava triste pela separação da turma que era bastante unida. Enfrentaram juntos os temores da repressão, compartilhando “sonhos e vacilos”, e, que Zahidé Maria Torres Machado Neto sempre esteve presente estimulando-os com uma pitada de energia, valentia, ironia e humor. Dotada de uma personalidade forte levava a academia a sério, tinha uma boa biblioteca e estimulava as novas gerações, sempre aberta ao diálogo.

O que pude perceber é que Zahidé Maria Torres Machado Neto foi uma professora que dialogava com os estudantes. De acordo com Carlos Caroso: “*Fui aluno dela na graduação e {aula} eram interessantes, ela realmente tinha uma capacidade de apresentar as coisas sinteticamente e discutir(...) estimulava a participar das discussões*” (Entrevista à autora-, Carlos Caroso, 13 de junho de 2021).

Figura 2: Fotografia da formatura da turma de graduação em Ciências Sociais em 1972



Fonte: Luzinete Simões, acervo pessoal, enviada via e-mail

Luzinete Simões enviou uma fotografia por e-mail no dia 12 de novembro de 2015, é um retrato da formatura no qual Zahidé Maria Torres Machado Neto, então coordenadora do curso, aparece na primeira fila, ao lado de uma aluna com uma bolsa, “de vestido social, cabelo arrumado e saltinho, do modo como gostava de se apresentar”, Luzinete Simões está localizada na segunda fila ao lado da professora de óculos Célia Braga. Na cerimônia estavam presentes também Pedro Agostinho da Silva e Vivaldo da Costa Lima (1925-2010), patrono e paraninfo, assim como Carlos Costas, o então diretor do Departamento.

Acredito que essa organização por parte dos discentes da FFCH-UFBA tenha sido um resquício dos movimentos estudantis, não que estivessem necessariamente articulados a movimentos ou fossem de partidos, acho que o contexto político da época pode ter causado impacto em como os estudantes se organizaram, isso porque a articulação de estudantes, que lutavam por uma universidade mais inclusiva e que dialogasse com a comunidade externa, começou a se organizar no Brasil durante o ano de 1928 e posteriormente na década de 1960 com a União Nacional dos Estudantes (UNE), cujas pautas eram a reforma e democratização do ensino e autonomia universitária por parte dos alunos (BOMENY,1994).

E por ter sido professora tanto no Instituto Sete de Setembro como no curso de Ciências Sociais, talvez tenha desenvolvido reflexões acerca da profissão que resultaram em um artigo “*O status socioeconômico do professor primário em Salvador*” de 1962; e na comunicação, em

1968, no XVII Congresso Mexicano de Sociologia:” Professora primária, profissão tradicional da mulher brasileira”.

Retornando ao caminho da sua trajetória intelectual, que não se limitou à Universidade Federal da Bahia. Em 1959 fez uma especialização em Problemas Brasileiros no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) no Rio de Janeiro; cursou uma Pós-graduação em Direito na Universidade de Brasília em 1963, que não foi concluída; e especializou-se em Teoria Geral do Direito na Universidade de Brasília, durante o período de 1963 a 1964¹³.

Como professora auxiliar de curso, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, do Instituto Central de Ciências Humanas da Universidade de Brasília durante o período 1962 a 1965 e no período de 1967-1968 ministrou as disciplinas Sociologia Jurídica, Introdução às Ciências Sociais, História Política do Brasil Colônia e Teoria Geral do Direito: Penas e Criminologia. Além da UnB e da UFBA foi professora convidada e regente do curso de sociologia, história e geografia, para a Área de Ciências Humanas da Universidade Católica de Salvador, sendo também convidada especial para ser professora responsável pelo curso de “Sociologia Jurídica” para professores assistentes e auxiliares de ensino da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará.

É importante atentar para o fato de que seu marido possuía afinidades e discordâncias com o ISEB, o que pode ser percebido na sua coluna Crônicas de Ideias¹⁴ e também através de uma extensa série de ensaios que publicou pelo Departamento de Pesquisas Sociais do Instituto de Economia e Finanças da Bahia (DPS). O departamento foi criado por A.L. Machado Neto, vinculado à UFBA através da Faculdade de Ciências Econômicas, durante a reitoria de Edgar Santos. O fato do DPS está vinculado ao ISEB possibilitou a criação de um curso desse Instituto¹⁵ na Bahia, considerações feitas pela própria Zahidé Maria Torres Machado Neto no livro em homenagem ao seu marido. (MACHADO NETO, Z, 1979)

A.L. Machado Neto esteve presente desde a criação, em 1962, da Universidade de Brasília (UnB) até a grande diáspora, como ficou conhecido o episódio em que A. L Machado Neto e outros intelectuais foram expulsos da UnB em outubro de 1965, como afirmara Carlos Costa. Já segundo a sua esposa, a experiência na Universidade de Brasília foi a mais intensa e

¹³ A informação sobre a pós-graduação em Direito na Universidade de Brasília encontra-se no currículo de Zahidé, já com relação à especialização em teoria geral do direito é informado no programa individual de 1982 da socióloga. O primeiro documento está disponível no Repositório da UFBA e o segunda eu fiz uma análise no arquivo da FFCH-UFBA, não foi possível conferir se a pós-graduação e a especialização se tratava no mesmo curso ou de diferentes formações, pois não consegui respostas através do contato com o setor de biblioteca da instituição e na pesquisa realizada no site da UnB não encontrei nada relacionado à socióloga.

¹⁴ Coluna do jornal A tarde que Antônio Luiz Machado Neto escrevia.

¹⁵ Não tenho a data de quando o curso do ISEB foi realizado e qual seu conteúdo, assim como se Zahidé Machado Neto ou o próprio A.L. Machado Neto participaram ou ministraram aulas.

definitiva vivência intelectual do seu marido, afastado da Bahia por três anos e meio, tentou naquele ambiente acadêmico encarnar a utopia em que acreditava, como o responsável por estruturar o curso de Direito como coordenador do Instituto Central de Ciências Humanas. A utopia intelectual que A.L. Machado Neto procurou definir através da razão e da fé, referia-se aos próprios destinos da nação, mas foi um sonho não realizado na Universidade de Brasília (COSTA; MACHADO NETO, Z, 1979).

O mestrado em Ciências Humanas da FFCH – UFBA teve como uma figura central A. L. Machado Neto que não mediu esforços para manter o programa, justamente por ser o personagem central, que fundou e dirigiu o curso. No repositório da universidade encontra-se o folder com data de 1971 escrito pelo jurista falando da criação da pós-graduação em 1968, que começou as suas atividades em março do respectivo ano e que era ligada diretamente à Reitoria. Ainda nesse documento, A.L. Machado Neto escreve que a criação se deu seguindo as recomendações do Conselho Federal de Educação, de que as pós-graduações deveriam ter como resultado a produção de dissertações. As resoluções da reforma universitária foram aplicadas na criação do mestrado que tinha como objetivo a formação de mão de obra profissionais para pesquisa e ensino na área universitária em questão.

Dora Leal Rosa, em sua fala no evento de comemoração dos cinquenta anos da Pós-graduação em Ciências Sociais da UFBA, ratifica o que apareceu no documento acima citado de que alguns candidatos da primeira turma do mestrado já eram professores (as) da instituição e foram “obrigados” a fazerem a pós-graduação para continuarem a lecionar. Dessa maneira, de acordo com as novas mudanças na Universidade os professores só poderiam continuar lecionando nas graduações se obtivessem o título de mestrado, foi o caso de Zahidé Maria Torres Machado Neto, que para continuar suas aulas de sociologia ingressou na primeira turma do Mestrado de Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Então foi nessas circunstâncias que Zahidé Maria Torres Machado Neto iniciou o seu mestrado na Universidade Federal da Bahia em 1968 e no ano de 1969/1970¹⁶ defendeu a sua dissertação *A Estrutura Social dos Dois Nordeste na Obra de José Lins do Rêgo*. Em 1970 foi aprovada com distinção, nota dez, em provas de títulos e didática¹⁷, inclusive a defesa de tese,

¹⁶ No *Curriculum Vitae* que analisei ainda durante a bolsa de 2015 a data da “defesa” foi em 1969 e no documento do Repositório da UFBA sobre dissertações apresentadas no mestrado de Ciências Humanas durante o período de 1969 a 1977 a dissertação de Zahidé Machado Neto aparece como apresentada em 1970.

¹⁷ O seu plano de aula para a prova didática de professor assistente foi estruturado em metodologia, bibliografia e um esquema básico, a sociologia é como uma ciência aplicada e a importância da distinção entre a ciência e utilização do conhecimento científico e os problemas que o sociólogo tem que enfrentar nas aplicações da disciplina, a professora/pesquisadora em seu plano de trabalho propôs as seguintes metodologias : planejamento e assistências social, que poderiam ser compreendidas como ação social e sociologicamente explicadas; e, as

para professora assistente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, sendo sua banca examinadora composta pelos professores Renato Mesquita, Raul Chaves e José Calasans. No mesmo ano em que defendeu sua dissertação no mestrado Célia Maria Leal Braga também concluía a sua, acredito que nesse momento do mestrado começou a parceria e amizade entre as duas “jovens pesquisadoras”.

Posteriormente ao mestrado, Zahidé Maria Torres Machado Neto se torna professora assistente de sociologia em 1970 e em 17 de dezembro escreveu para o então diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Joaquim Batista Neves falando sobre a sua aprovação para professora assistente e solicitando sua inscrição para o concurso de professor adjunto do Departamento de Sociologia. No ano de 1972 torna-se professora adjunta na universidade. E é ainda como professora assistente que começa a dar aulas para o mestrado no segundo semestre de 1970 com a disciplina *Problemas Aplicados de Metodologia Sociológica*¹⁸.

No segundo semestre de 1974 ministraria a disciplina que foi considerada a primeira a tratar sobre mulheres na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas na UFBA “Sociologia *da Família e das relações entre os sexos*” no curso monográfico de Sociologia II e as alunas inscritas foram Alda Britto da Motta, Maria Cândida Assunção Bandeira, Elina Esteves Amorim, Edna Maria Almeida Diniz, Luzinete Simões, Zélia Antônia Bastos.

A disciplina foi dada na graduação antes de ser ofertada no curso de pós-graduação. E de acordo com entrevista com Alda Motta, Zahidé Maria Torres Machado Neto tinha ficado desapontada porque a matrícula tinha sido escassa, os estudantes ainda não conheciam o problema de pesquisa sobre mulheres. É interessante notar que quando essa mesma disciplina foi ofertada no mestrado teve mais alunos, e apenas mulheres matriculadas, do que quando ministrada na graduação. Como relatou Alda Motta, o tempo era outro, pois diferentemente do momento atual, o mestrado não era muito frequentado posto que sua implementação naquela época era recente, então para a quantidade de alunos que estavam no curso naquele momento a procura foi boa.

Alda Britto Motta, que foi sua aluna nessa disciplina, aponta o seu pioneirismo nos estudos sobre as mulheres em um tempo em que não se falava sobre gênero. Segundo a mesma,

referências bibliográficas eram Ely Chinoy, T.B. Bottomore, Luis Recásens Siches, Alex Inkoles, Gisela Konopka, Philip Klein, J. Henry Meyer, Charles Hodge. A prova é datada de 14 de novembro de 1970.

¹⁸ Informação retirada do documento intitulado cursos-realizados-mestrados encontrado no repositório da universidade, porém consta no seu currículo de 1969 que lecionou as disciplinas Sociologia I, Sociologia II, Sociologia Especial para o primeiro e segundo ano do curso de Ciências Sociais e Sociologia Educacional para o quarto ano; isso em 1966, anteriormente ao seu mestrado.

Zahidé Maria Torres Machado Neto já trabalhava com mulher, viajava muito e conhecia pessoas de fora, do exterior e ia a congressos. No entanto, ela morreu de repente, sua carreira foi cortada com o acidente e não chegou a defender a tese de doutorado que ela ainda estava preparando. A tese se tornou um mistério. Em um arquivo da FFCH-UFBA sobre o que Zahidé Maria Torres Machado Neto havia produzido aparece que a socióloga estava com a tese escrita e só faltaria defender, só que o manuscrito não foi encontrado, como afirma Carlos Caroso em entrevista: “Luzinete com Frederico vasculharam e não acharam uma página dela. Ela escrevia a mão, não datilografado. Pode ter perdido? Pode. Ela disse que estava pronta, mas não foi encontrada. A tese estava, poderia estar em fase preliminar, um manuscrito, um copião. A tese não existe, uma lacuna, se perdeu. Zahidé estava envolvida na questão da militância, em participar de muito eventos e, portanto, se tornou politicamente ativa”.

De acordo com as suas memórias, Alda Britto Motta me relatou que o curso que ela fez com Zahidé Maria Torres Machado Neto foi quando a professora estava muito atarefada em suas pesquisas, o que implicou em redução relativa da carga horária do curso: “mas era tudo muito bom porque ela tinha o conhecimento do que havia de mais novo na literatura sobre o que ela trabalhava, sobre o que ela escrevia, então levava muita coisa interessante para a aula”. Sobre essa mesma disciplina, sua colega Luzinete Simões (Via e-mail, 28 de outubro de 2015) ressalta que era necessário lembrar que Zahidé Maria Torres Machado Neto foi pioneira em abordar o feminismo na pós-graduação, no período em que foi recém-criada. O programa da disciplina incluía Simone de Beauvoir (1908-1986), Betty Friedan (1921-2006), Évelyne Sullerot (1924-2017) e Germaine Greer (1939), entre outras intelectuais célebres. Ainda sobre esse relato, Luzinete Simões narra que foi através dessa disciplina que houve o seu primeiro contato com esse tipo de literatura, visto que essas autoras, Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Évelyne Sullerot, Germaine Greer, são autoras que se dedicaram aos estudos sobre mulheres, são ou foram ativistas feministas e que são referências no campo de estudos sobre a mulher.

Para essa disciplina Zahidé Maria Torres Machado Neto propunha uma análise de conteúdos de revistas brasileiras feministas e refletir sobre o problema teórico do uso de estereótipos associados à figura da mulher na sociologia. Ou seja, a disciplina pretendia discutir a operacionalização do conceito de estereótipos e análise dos conceitos de masculino e feminino na sociologia *entre os sexos*. Com a finalidade de aproximar os conceitos de estereótipos e de papel social, por meio da técnica de investigação sociológica de análise de conteúdo.

Em 1976, ela retornaria a ministrar Sociologia Estrutural I, no segundo semestre, informações que obtive através do arquivo do repositório da UFBA, o que foi confirmado também em entrevista com Carlos Caroso. Essa disciplina tinha por tema *Família e das relações*

entre os sexos nas Ciências Sociais, na qual no primeiro momento trouxe os evolucionistas e clássicos da teoria social como Karl Marx, (1818-1883) e Max Weber, (1864 - 1920). No segundo momento discutiriam sobre as contribuições teóricas e os resultados de pesquisas empíricas sobre as questões da família, sexo e trabalho na Inglaterra, França e Estados Unidos nos “últimos vinte anos”. Fazia parte da literatura a ser discutida na disciplina as autoras Simone de Beauvoir (1908-1986), Juliet Mitchell (1940).

Carlos Caroso, em entrevista, me contou que cursou essa disciplina não por conta do seu objeto de pesquisa, mas pelo interesse no que estava sendo debatido. E que havia mais umas quatro pessoas que estavam matriculados(as), mas não se lembrava exatamente quem foram seus colegas e complementou:

“ [...] Eu acho que 1974, 1975 é quando ela começou a lidar com questões de gênero até então ela lidou com várias questões antecipando isso, mas começou a lidar com as questões de gênero no primeiro semestre, creio, de 1976, ou segundo semestre ela deu um curso sobre gênero, mas era também sobre família (...)” Eu não tenho certeza se ela tinha dado esse curso antes, mas me parece que esse é o momento que de fato que ela venha trabalhando com questões de gênero.[...]”(entrevista à autora, 12 de setembro de 2019)

Como havia me dito Alda Motta a sua professora estava em um incessante por conhecimento. No ano de 1976 esteve presente no curso¹⁹ de especialização de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Educação, Papeis Femininos e Masculinos, Atitudes e Estereótipos na Fundação Carlos Chagas em São Paulo e conforme o histórico da atividade profissional o proc. 28965/77 da Reitoria autorizava a professora/pesquisadora se afastar do seu cargo durante o período de três anos para fazer o doutoramento em Sociologia na Universidade de São Paulo, que teria como resultado a tese “*Mulher: estrutura de existência e de sobrevivência*”, sob orientação de Eva Alterman Blay (1937-), socióloga de grande referência nos estudos sobre mulher e classe no Brasil.

Zahidé Maria Torres Machado Neto coordenou a pesquisa *Pequenos Trabalhadores forma de trabalho infantil e meio urbano* de maio de 1981 até dezembro de 1983, projeto que tinha como objetivo dar continuidade à linha de investigação sobre a força de trabalho de crianças e adolescentes no centro da cidade de Salvador e procurava avaliar o tempo dedicado ao trabalho, à escolaridade, relação familiar, lazer e à “adultização”. Esse projeto foi desenvolvido individualmente sem financiamento, apenas com os vencimentos da pesquisadora

¹⁹ No documento do arquivo não é especificado se ela participou como aluna ou professora do curso.

e foi esse projeto que a fez ser convidada especial em 1981 do “*Child Labour Workshop*” do *Institute of Development Studies* na Inglaterra com a comunicação “*Children and Adolescents in Brazil: work, poverty, starvation*”

Outro projeto de pesquisa desenvolvida por Zahidé Maria Torres Machado Neto foi sobre o garimpo na Bahia, que coordenou com Célia Leal Braga e resultou em uma publicação *Garimpos e Garimpeiros na Bahia*, datada de 1974 e que está disponível em um “acervo” da biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Em 28 de outubro de 2015 Luzinete Simões enviou uma fotografia dessa pesquisa, tirada em 1975, com equipe que realizou a pesquisa sobre Garimpos e Garimpeiros na Bahia com o apoio da Secretária de Minas e Energia. Segundo relato de Luzinete Simões, o momento fotografado foi quando a equipe estava na Serra da Jacobina e descreve que Zahidé Maria Torres Machado Neto era a de casaco claro com os braços cruzados e que ela era a da extrema esquerda com blusa listrada. Para identificar as outras pessoas presentes na fotografia pedi ajuda a Carlos Caroso, que confirmou informações já dadas e me também quais eram as outras pessoas como o carro utilizado durante a pesquisa, uma Rural Willys.

Da extrema esquerda para a direita em pé estão: Luzinete Simões, Frederico Torres Machado Neto, Célia Maria Leal Braga, Zahidé Maria Torres Machado Neto, Zélia Bastos, Raquel Mattedi, Dora Leal Rosa e o motorista da Secretaria. Abaixados na frente estão: Ronaldo de Salles Senna, Edna Diniz, e o outro motorista da Secretaria, quem tirou a fotografia foi Carlos Caroso. A presença de Frederico nessa fotografia revela que o filho mais velho do casal, A.L. Machado Neto e Zahidé Maria Torres Machado Neto, era um jovem e acompanhou sua mãe durante uma pesquisa de campo.

Figura 3: fotografia da pesquisa de campo do projeto garimpo e garimpeiros



Fonte: Luzinete Simões, acervo pessoal, enviada via e-mail

Entre março de 1975 até julho de 1977, orientou quinze dissertações de mestrado em sociologia, educação, saúde comunitária de acordo com seu currículo e como examinadora de banca, entre 1969 até 1982, participou de vinte e cinco defesas de tese de mestrado.

Das informações que obtive no arquivo sobre os trabalhos que orientou, cito aqui : *A família da prostituta*, dissertação de mestrado de Jeferson Bacelar, defendida em 1979; *Criminalidade feminina da Bahia do século XIX*, dissertação de Marília Muricy Machado, defendida em 1973; *O mandonismo local na Chapada Diamantina*, dissertação de Dora Leal, defendida em 1973; *Pesca: tradição e dependência: um estudo dos mecanismo de sobrevivência*, de Anete Brito Ivo, defendida em 1975; *A proposta da creche a quem compete : a quem se destina*, dissertação de Vanda Maria Mota de Miranda, defendida em 1983; *O trabalho feminino na agro- indústria fumageira no Estado da Bahia : um estudo sociológico*, dissertação de Dorothy do Rêgo Azevedo, defendida em 1975 e *Mulheres assalariadas: os fatores da emancipação feminina*, dissertação de Iracema Brandão Guimarães, em 1979.

É notória a dedicação e a competência de Zahidé Maria Torres Machado Neto, pois ela orientou pesquisadores (as) que não eram da área da sociologia, como, por exemplo, Vanda Maria Mota de Miranda, cujo mestrado era em Medicina e Saúde, para Jeferson Bacelar:

[...] A relação com Zahidé se tornou muito estreita e muita coisa tá no meu trabalho de bibliografia sobre mulher que foi Zahidé que trouxe, uma bibliografia razoável e para época era realmente uma outra coisa, tá entendendo, porque eu terminei, enfim, me voltando para questão da mulher, não se falava muito em gênero nessa época tá entendendo, mas a mulher, a prostituta, mas como você sabe meu trabalho é sobre a família da prostituta, mas você vai ver ali a bibliografia e como tem ali o dedo de Zahidé e nós nos tornamos grandes amigos, era realmente um grupo que vivia junto o tempo todo, todo final de semana nós estávamos juntos conversando batendo papo, Zahidé sempre me orientando muito, sempre me dando conselhos, era um tempo que orientação era coisa séria [...] (entrevista à autora, 20 de agosto de 2019)

No documento intitulado *Entrevista Concluintes do Mestrado de 1978* Jeferson Bacelar expõe sua necessidade de voltar a universidade, já que na época trabalhava na Fundação Pelourinho e queria terminar a sua dissertação que tinha como tema inicial “*A família parcial no Marciel*”. Orientado por Zahidé Maria Torres Machado Neto fez o curso “*A função da Mulher no Mundo Atual*”, dado pela mesma, e Jeferson Bacelar o cursou pelo fato de estar relacionado ao tema da sua dissertação. Houve então uma mudança de pesquisa ou do nome da dissertação do antropólogo, mas a orientação sempre foi realizada por Zahidé Maria Torres Machado Neto.

A sua militância começou a aparecer de fato após a morte do seu marido. O seu nome se encontrava em um relatório do Departamento Estadual de Ordem Política (DOPS), datado de sete de outubro de 1977, na cidade de São Paulo, no décimo segundo documento da Secretária de Estado dos Negócios da Segurança Pública, que é sobre Movimento Feminista. Nesse documento “confidencial” que tive acesso ao longo da minha pesquisa nos arquivos, me chamou a atenção o carimbo utilizado pelo Setor de Análise e Informações (DOI- CODI) cujo símbolo é um cavalo marinho, o porquê desse símbolo ser utilizado pela DOPS me trouxe curiosidade, porém sua resposta foge ao objeto dessa pesquisa.

O documento sobre Movimento Feminista é carimbado com a data de 4 de outubro de 1982 e o seu conteúdo trata sobre as organizações de mulheres que estariam sendo manipuladas por segmentos políticos de esquerda, anexado a esse documento está uma tabela com nomes de feministas de todo Brasil e entre eles está o Movimento Maria Brandão, da Bahia (MMRB), no qual se encontra o nome de Zahidé Maria Torres Machado Neto entre outras mulheres como Lídice da Mata e Souza, Fátima Maria de Andrade Freire, Ana Maria Guedes, Sandra Regina Soares Freire, Marília Muricy Machado Pinto, Ana Maria do Campo (Ana Montenegro), Amarília Velaronga de Pinho Almeida, Diana Cunhe Mendonça, Rita Maria Brito, Elizabeth Souto Wagner, Maria Liece Rocha de Paula, Loreta Camponar Kieer Valadares, Inês Iara

Teixeira Corrim, Jane Luiza Donato de Oliveira, Juliete Cardoso Palmeira, Clara Maria de Oliveira Araújo e Lígia Maria Vieira da Silva. Esse mesmo grupo de mulheres realizou o I Encontro Estadual referente ao dia da mulher, que aconteceu entre os dias 6 e 7 de março de 1982²⁰.

2.1. DOS CARGOS AOS EVENTOS ACADÊMICOS: QUAL O LUGAR DE ZAHIDÉ MARIA TORRES MACADO NETO

A primeira reunião do Departamento de Sociologia foi no dia 12 de agosto de 1969 e Zahidé Maria Torres Machado Neto estava presente; no encontro do dia 15 de outubro do mesmo ano uma das pautas foi sobre a reformulação do currículo do curso de Ciências Sociais sendo Zahidé Maria Torres Machado Neto a relatora e a representante do departamento. Segundo consta nos documentos da UFBA, foi também responsável pela implementação do novo currículo do curso de Ciências Sociais após a reforma de 1968/1969²¹.

Informação que converge com o que o professor Carlos Alberto Caroso me disse em entrevista, segundo ele, depois da aventura na UnB, com o início da ditadura, os professores baianos que estavam lá que eram Zahidé Maria Torres Machado Neto, A.L. Machado Neto, Carlos Costa e Vivaldo da Costa Lima pediram demissão e voltaram para Salvador por não estarem de acordo com as imposições feitas pelo governo. O então reitor, Edgar Santos, estava reestruturando a universidade, criando um novo perfil para UFBA, e, foi aí que em 1968 se constituiu os departamentos. O campus da Faculdade de Filosofia ficava em Nazaré, perto do centro da cidade de Salvador, atualmente está localizado na Federação.

Zahidé Maria Torres Machado Neto assumiu a coordenação do Colegiado do Curso de Ciências Sociais entre 1969 a 1973. E foi durante a época em que ocupava o cargo que Carlos Caroso a conheceu, pois no ano de 1972 ele estava cursando direito e pretendia mudar de curso, então foi acompanhado pelo seu pai para que conseguisse a transferência de um curso para

²⁰ A data do carimbo nas primeiras páginas datado como 4 de outubro de 1982 é anterior ao ato que é citado, o que deixa em evidência a questão da manipulação nos documentos, qual o intuito não sabemos, pode ser que algumas informações tenham sido anexadas posteriormente.

²¹ A reforma universitária de 1968 teve antecedentes importantes como a criação da Universidade de Brasília “concebida a partir da matriz desenvolvimentista da educação a UnB foi projetada para atender às críticas e anseios do mundo universitário brasileiro” (BONEMY, Helena, 1994), porém, segundo a mesma autora, a experiência da UnB teve dois desdobramentos negativos que se prolongaram na reforma de 1968 que foram diluição de responsabilidades e surgimento de dirigentes autoritários.

outro e a então coordenadora foi acolhedora, permitindo o trâmite e chegando a convidá-lo para fazer parte do seu grupo de pesquisa.

Zahidé Maria Torres Machado Neto, era uma mulher ativa, foi membro do colegiado do curso de Direito entre os anos de 1974 a 1981 e membro da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) de julho de 1981 até julho de 1983, período que se afastou para o doutoramento e acabou falecendo.

Com a Lei nº - 5540 criada pelo governo da ditadura, que objetivava despolitizar e modernizar as instituições de ensino superior, a Faculdade de Filosofia da Bahia que abrangia ciências exatas, filosofia, ciências sociais e letras, com a reforma se cria Institutos (Química, Física, Geografia, Letras, Ciências Biológicas e Matemática), Faculdades (Educação e Jornalismo) e Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Levando ao fim do projeto de Isaías Alves de uma Faculdade de Filosofia de atuação orgânica e que reunisse ciências exatas, ciências sociais, letras e pedagogia, como coloca a professora Maria Rosário de Carvalho (2020).

No entanto, não foi somente na organização do curso de Ciências Sociais que Zahidé Maria Torres Machado Neto se envolveu, na nota de jornal escrita por Edivaldo Boaventura ele evidencia a relevância da sua colega para a reforma universitária como também para a Secretária Geral dos Cursos, um projeto praticamente todo pensado por ela; e que se tratava da primeira resolução que centralizava a matrícula na UFBA e foi quase exclusivamente um trabalho dela.

Para Edivaldo Boaventura a experiência inovadora que a sua colega socióloga teve na Universidade de Brasília foi uma base para que ela pudesse sugerir e fazer a reforma na UFBA e por admirar a sua colega concluiu afirmando que, para ele, não foi apenas sua estadia em outra instituição que a fez colaborar com a reforma, a sua inteligência perspicaz também, porque além de ser uma ótima planejadora, sabia que ao fazer mudanças haveria reações e situações que ela conseguiu antever. Ao exaltar a sua colega Zahidé Maria Torres Machado Neto, cita seus estudos sobre os problemas sociais da mulher, o seu protagonismo para a reforma universitária da UFBA, o planejamento educacional das Faculdades de Formações de Professores para os principais centros urbanos da Bahia, que organizou conjuntamente com Navarro de Brito (1935) e Luiz Henrique Dias Tavares (1926-2020).

Na introdução do seu livro *Sociologia Básica* aparece um resumo das publicações dos autores e na parte dedicada à Zahidé Maria Torres Machado Neto é citado o texto *Faculdades de Formações de Professores Para o Estado da Bahia – um projeto de educação*, publicado pela Coleção Educação e Desenvolvimento pela Secretaria de Educação e Cultura em 1970. Através dessa informação, podemos considerar que esse projeto foi de responsabilidade de

órgão público pela educação do estado, como também pode assinalar que foi um trabalho desempenhado fora da UFBA por pesquisadores da instituição. Nessa empreitada Zahidé Maria Torres Machado Neto, assumiu a coordenação da Faculdade de Educação de Feira de Santana acredito, eu, que durante o ano de 1968. Nos papéis de seu acervo a data não aparece, no entanto Ana Maria Fontes dos Santos (2011), em sua pesquisa sobre o processo de construção da Universidade Estadual de Feira de Santana, afirma que essa surgiu a partir da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, criada em 1968.

Tendo em vista a questão da reforma universitária eu trato aqui com muito cuidado, pois como me esclareceu a antropóloga Maria Rosário de Carvalho, durante o seminário do PPGA – UFBA em 2021, a nova reestruturação da faculdade, nos moldes da reforma universitária de 1969 que foi patrocinada e conduzida pela ditadura com o apoio dos Estados Unidos, não houve participação nem de Zahidé Maria Torres Machado Neto e de nenhum professor da UFBA. Essa informação é vista por mim como algo muito condizente com a atitude de Zahidé Maria Torres Machado Neto, juntamente com o seu marido deles saírem da UnB justamente por não concordarem com o que estava acontecendo.

O que a socióloga baiana, “personagem” dessa dissertação pode ter feito nessa “modernização” obrigatória foi através da sua experiência na UnB tentar tornar a universidade, no poder que ocupava, uma instituição mais próxima do que ela e seus colegas acreditavam, já que não haveria sentido sair da UnB por conta da imposição dessas novas regras e ao chegar na UFBA implementá-las. Ou, talvez, sua participação se deu após esse momento.

Em 1971, integrou a comissão julgadora da seleção para auxiliar de ensino do departamento de acordo com o edital 21.01.71 e entre 1970 até 1977 foi membro do grupo permanente de pesquisadores do mestrado. A presença de Zahidé Maria Torres Machado Neto nas reuniões do departamento era frequente, até pelo menos o ano de 1970, de acordo com as atas, e, o que é perceptível é que cabia a ela um envolvimento na elaboração de disciplinas para sociologia, carga horária e até as disciplinas especiais chamadas de Sociologias Especiais, que deveriam ser o que hoje chamamos de disciplinas optativas. Integrou também o colegiado do Curso de Mestrado em Ciências Sociais da UFBA entre março de 1975 a julho de 1977.

A partir de uma análise da vida institucional de Zahidé Maria Torres Machado Neto é possível perceber que não houve uma divisão dos momentos em que ela se dedicou mais à questão de planejamento educacional ou às funções burocráticas relacionadas à educação do que às suas produções intelectuais, observando as datas é perceptível como conciliava a burocracia com a intelectualidade.

Entre os anos de 1965 a 1967 foi assessora no Departamento Cultural da UFBA e de 1967 a 19670 foi assessora técnica do reitor para assuntos de planejamento educacional. E durante os anos de 1969\70 se tornou assessora e coordenadora de assuntos educacionais no Centro de Ensino da Ciência na Bahia (CECIBA). Como assessora de Planejamento Educacional do Departamento Cultural da UFBA, ela ficou responsável pela parte que dizia respeito aos Institutos Centrais, Concurso de Habilitação, Colégio Universitário entre outros. Enquanto ocupou o cargo de coordenadora pela CECIBA realizou as seguintes pesquisas “O Professor de Física na Bahia” e “Situações Sócio Econômicas de Alunos de Classes Escolares Permanentes”.

No dia 16 de abril de 2021, quando assisti o seminário organizado pelo Programa de Pós-Graduação de Antropologia no qual a professora Maria Rosário de Carvalho fez uma apresentação sobre a história da Faculdade de Filosofia e de Ciências Humanas. Durante o momento aberto para perguntas à palestrante fiz duas referentes a Zahidé Maria Torres Machado Neto, então Maria Rosário de Carvalho me questionou sobre a informação de direção do Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO), já que existiam disputas e determinadas “regras” para ocupar tal cargo, e, Carlos Alberto Caroso, que estava presente, afirmou que ela não teria ocupado esse cargo de diretora. Então voltei a analisar os documentos e no currículo de Zahidé de 1982, a informação é de que foi diretora dos cursos do Centro de Estudos Afro Orientais em 1961.

Zahidé Maria Torres Machado Neto durante o período de 1968 a 1969 assumiu a direção da Divisão do Ensino Superior da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia. Por ocupar esse lugar que em 1969 foi uma das integrantes de um grupo que tinha como responsabilidade planejar a universidade do sul da Bahia²². E sua influência era tão significativa que em 1968 foi representante do Instituto Brasileiro de Filosofia em Viena.

Em 1969 assumiu pela UFBA a coordenação da área de Sociologia do Recôncavo, resultado de um curso interdisciplinar em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e posteriormente participou do curso sobre o Recôncavo na Universidade de São Paulo com a conferência “Caracterização Sociológica da civilização do Recôncavo”. Esse seu esforço de pesquisa e participação enérgica na universidade e outras instituições resultou em trabalhos reconhecidos, proporcionando a ela participação em eventos e cursos.

Encaminhando para as participações em eventos, Zahidé Maria Torres Machado Neto esteve presente no Seminário de Antropologia em 29 de maio de 1962, seminário esse criado

²² Deve se referir à Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), que em 1972 teve condições de pleitear o *status* de universidade.

por Thales de Azevedo em 1953 e que perdurou até os anos de 1960. No Seminário de Antropologia apresentou o resultado de uma pesquisa sociológica sobre industrialização em uma área do recôncavo. Zahidé Maria Torres Machado Neto participou do curso de História da Bahia e do Seminário de História e em 1977 foi selecionada como professora para participar do curso Especialização em Etnometodologia na Universidade da Califórnia, San Diego sob a orientação do professor Aaron Cicourel.

Membro do grupo de trabalho “Mulher e força de trabalho” da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS)²³ Nos seus arquivos foi encontrada uma carta ao então diretor da FFCH-UFBA, Ruy Simões, como professora adjunta, enviada em 15 de outubro de 1981 pedindo permissão para participar do V Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências Sociais que ocorreria em Friburgo, Rio de Janeiro, e assim se ausentar das suas funções durante os dias 21 a 23 do corrente mês por fazer parte como membro ativo do Grupo de Trabalho – GT 12 - Força de Trabalho da Mulher no qual apresentou uma comunicação intitulada “ *Força de trabalho da mulher no espaço do Bairro*”. Nesse mesmo encontro, não no mesmo GT, Eva Blay, sua futura orientadora, também participou e apresentou um trabalho intitulado “*Casa, Família e Propriedade*” e Alda Britto Motta participou do evento, no mesmo GT, com a apresentação “*Emprego doméstico no capitalismo – emprego doméstico de Salvador*”.

No ano anterior, como Membro do Grupo de Trabalho Mulher na Força de Trabalho da ANPOCS, apresentou: “*Funcionária pública: a dona de casa nas repartições*” (1980), no GT 12, Heleieth I. B. Saffioti (1934-2010) que é uma grande referência na atualidade nos estudos sobre classe e mulheres também apresentou sua pesquisa “*O Impacto da Industrialização na Estrutura do Emprego Feminino*”, nesse mesmo GT. O intuito aqui foi o de contextualizar como Zahidé Maria Torres Machado Neto estava inserida nesse campo de estudos das mulheres através de uma análise do que outras cientistas sociais da época estavam também pesquisando, por isso trouxe Heleieth I. B. Saffioti, Eva Blay e Alda Motta.

Em 1962, Zahidé Maria Torres Machado Neto participou do IX Congresso Brasileiro de Sociologia com a comunicação “*A escola tradicional em três momentos da ficção brasileira*” Belo Horizonte; e em 1969 do XV Congresso Argentino de Sociologia; no ano de 1971 do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros e I Simpósio de Estudos Brasileiros organizado e patrocinado pela USP com a comunicação “*Coronelismo na Velha República*”.

²³ Nos documentos da UFBA, da época de Zahidé Machado Neto, consta a sigla ANPOCIS e não ANPOCS.

Apresentou em 1974 uma comunicação sobre o mesmo tema “*O coronelismo na Bahia-Brasil*”, no XI Congresso Mexicano em Sociologia; já em 1977, como convidada especial, participou do Seminário sobre Política Científica para o Nordeste pela Universidade Federal da Paraíba e no mesmo ano, também como convidada especial, esteve presente do Simpósio Mexicano no *Centro Americano de Investi Aciones Sobre La Mujer* a comunicação “*Um estudo de caso com Mulheres faveladas do Brasil*”.

Ainda no ano 1977, na 29º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), apresentou uma comunicação que foi resultante de um trabalho com Célia Braga: “Baianas de acarajé- uma ocupação em redefinição” e em 1978 na 30º Reunião da SBPC²⁴ apresentou: “Mulher e trabalho e discriminação: um estudo piloto em Salvador”, escrito conjuntamente com Luzinete Simões.

“Baianas de acarajé- uma ocupação em redefinição” é vista por Alda Britto Motta como um trabalho muito relevante, por ter estudado as pretas do acarajé quando ninguém estava lembrando em pensar em raça, no sentido mais fundo, ou também no sentido de gênero, de divisão sexual do trabalho. Já para Jeferson Bacelar, essa pesquisa se tornou significativa por tratar sobre a alimentação, um assunto que quase não era publicado naquele período. Tanto Alda Motta como Jeferson Bacelar em entrevistas mencionaram esse texto e a relevância dele por vontade própria, eu não havia feito uma pergunta sobre esse trabalho em específico, porém para um é importante pela questão da raça e divisão do trabalho e para o outro pela inovação do tema da pesquisa sobre a alimentação.

Em 1980 Zahidé Maria Torres Machado Neto foi convidada especial do Seminário sobre Criminalidade, organizado pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, para ser debatedora da seção sobre Violência Institucional, Repressão e Direitos Humanos com a monografia Violência Institucional, Mulheres e valores jurídicos. E durante o ano de 1981 esteve atuante na 32º Reunião Anual da SBPC , coordenou uma mesa sobre sexualidade e reprodução e apresentou as comunicações: “Sexualidade e Reprodução da Força de Trabalho”, “ O papel da criança do sexo feminino na divisão do trabalho da família em área urbana”; compôs a mesa redonda sobre políticas governamentais e mulheres com o trabalho “ Políticas governamentais, mulheres e trabalho”; como também a mesa redonda sobre violência urbana com “ Amélia revisitada : violência cotidiana contra a mulher”.

Zahidé Maria Torres Machado Neto em 1978 foi convidada especial do Seminário Internacional sobre a Mulher na Força de Trabalho na América Latina, organizado pelo

²⁴ Não aparece no arquivo os lugares em que ocorreram os encontros da SBPC por isso não coloquei informações referente ao lugar.

IUPERJ/OIT/Fundação FORD onde apresentou a comunicação “As meninas: sobre o trabalho da criança e da adolescente na família proletária”, e, em novembro de 1981 no Rio de Janeiro, representou o Brasil no Seminário Latino - Americano de Programação de Estudo sobre a Mulher sob o patrocínio da UNESCO/CNPq/NEN da PUC.

Voltando ao ano de 1981 apresentou no seminário sobre “*Enfance et Adolescence au Brasil*” no Institut de Hautes Études de L’Amérique Latine” na Universidade de Paris”; e em fevereiro do mesmo ano participou como convidada do seminário “Mulher, trabalho, e ideologia”, sob a direção do professor Andre Michel no Centre National de Recherchers Scientifique na Universidade de Paris.

Além da sua frequência em eventos científicos, Zahidé Maria Torres Machado Neto deu palestras. Em 8 de março de 1980, na comemoração do dia Internacional da Mulher, organizado pelo Brasil Mulher- Bahia, apresentou Para uma Política da Mulher; já em uma palestra para mulheres trabalhadoras do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) -BAHIA debateu sobre Mulher, Trabalho e Sexualidade em março de 1979. Em março de 1980 esteve presente em uma palestra no Rotary Club em que abordou o tema feminismo com a fala “O feminismo é uma política”; para uma conferência pelo Diretório Acadêmico de Medicina da UFBA (abril de 1980) preparou “Reprodução e Reprodução – Biologia e Sociedade”.

E as palestras e conferências continuaram como algo frequente na vida de Zahidé Maria Torres Machado Neto em junho de 1982 com a comunicação “Universidade – a questão de autonomia” participou da mesa redonda sobre Crise e Reforma da Universidade Brasileira, organizada pela Associação dos Professores Universitários da Bahia; em agosto 1982, em uma mesa redonda organizada pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), de Salvador, falou sobre “Violência institucional e Violência Contra a Mulher”; e no mês de agosto de 1982, no Fórum de Debates sobre Adolescentes no Congresso Brasileiro de Ginecologia, Salvador discorreu sobre “Adolescência e Sexualidade”.

2.2. AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS DE ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO: TEXTOS, ARTIGOS E LIVROS

Mesmo que se quisesse apresentar uma leitura aprofundada de toda a produção teórica de Zahidé Maria Torres Machado Neto não seria possível, pois no mapeamento que fiz da sua produção bibliográfica percebi que a maioria dos trabalhos não estão disponíveis no acervo que

consultei, apesar de aparecerem em seu currículo acadêmico e em outros documentos. Foi feito então um levantamento das suas publicações. Dentre elas estão:

1. Livros e teses:

- *O direito e a Vida social* (1966)
- *Estrutura Social e Direito Penal* (1970)
- *Faculdade de Formações de Professores para o Estado da Bahia – um projeto de educação* (1970)
- *Estruturas Sociais do Dois Nordestes na Obra de José Lins do Rêgo* (1971); *Garimpos e Garimpeiros na Bahia* (1974)
- *Sociologia Básica* (1975); *Estrutura Social e Direito Penal* (1977)
- *Orlando Gomes e Sociologia do Direito* (1979)
- *Sociologia do Romance: ensaios da sociologia da Literatura* (1961)

2. Ensaaios e artigos:

- *Três Notas Bibliográficas – O existencialismo* (1952)
- *O que é o Existencialismo?* (1952)
- *Quatro ensaios sobre o Existencialismo* (1953)
- *A industrialização de Madre de Deus: um caso de experiência sociológica* (1960)
- *Brasília e o Desenvolvimento Nacional* (1960)
- *A sociologia em Memórias em um Sargento de Milícias* (1962)
- *Sociologia do Fanatismo Religioso e do Cangaço na Obra de José Lins do Rêgo* (1964)
- *Observações sobre o Concurso de Habilitação* (1966)
- *Um departamento de Extensão Cultural para a UFBA* (1967)
- *Quem não Gosta do Brasil: comentário do livro de Homero Senna, Gilberto Amado e o Brasil*
- *Quadro Sociológico da Civilização do Recôncavo* (1971)
- *Sobre Coronelismo: Nota prévia de uma investigação sobre o Coronelismo na República Velha* (1971)
- *Um projeto de pesquisa socioeconômico sobre garimpo na Bahia* (1972); *O coronelismo na Bahia* (1972)

- *Margaret Mead: um velho-novo livro (ou uma antropologia do sexo)*
- *A cultura da mesa: para uma sociologia da alimentação* (1973)
- *Os Fatos da vida coletiva como objeto de tratamento científico- os problemas de modelos de interpretação- suas questões teóricas empíricas* (1974)
- *Antropológicas: as Sociedades na Sociedade Segundo Georges Balandier* (1976)
- *Perspectivas e Prioridades da Pesquisa na Bahia – Pesquisa, Universidade e Compromisso* (1975)
- *Cruz das Almas: estudos socioeconômicos de uma área urbana nas suas relações com o meio rural*, co-autoria com Célia Braga (1975)
- *O artesanato na Bahia: análise sociológica do problema*, também uma co-autoria com Célia Braga e Maria Muricy M. Pinto (1975)
- *Uma sociologia dos modelos de interpretação da mudança social: desenvolvimento/ subdesenvolvimento* (1997)
- *A mulher e o seu dia- 8 de março: para pensar e agir* (1977)
- *Mulher, vida e trabalho: um estudo de caso com mulheres faveladas* (1979)
- *Políticas governamentais e a mulher: a cidadã de segunda classe* (1982)
- *O papel da criança do sexo feminino na divisão do trabalho da família urbana* (1982)
- *Sexualidade, reprodução, e reprodução na força de trabalho* (1982)
- *Meninos trabalhadores* (1979)
- *O que menina pode e deve fazer: criança, família e divisão do trabalho*

No livro *Estrutura Social dos dois Nordeste na Obra literária de José Lins do Rêgo*²⁵, que foi publicado pela Coleção Ciência e Homem da Universidade Federal da Bahia em 1971 é dividido em: Introdução metodológica; O Nordeste da Cana de Açúcar; Síntese Sociológica; Análise Sociológica do Ciclo de da Cana de Açúcar; Ciclo do Cangaço; e Misticismo e Seca. Na Introdução metodológica, Zahidé Maria Torres Machado Neto discorre sobre a sociologia

²⁵ O livro que dispus em mãos na contracapa há uma dedicatória de Zahidé Machado Neto escrita à mão em 30 de junho de 1971 para seu mestre Américo Limas, que segundo ela, foi a amizade do ano de 1966 que permitiu a existência do seu trabalho, que talvez sem aquela relação não fosse capaz de ter realizado a sua pesquisa.

do autor que é, segundo a cientista social, uma análise da origem do autor e de suas condições sociais e o contexto sócio-cultural que estava inserido, como também sua adesão ou rebeldia em face dos valores que o autor estava submetido e como a visão da realidade do autor aparece em suas obras, “*quando nos ocupamos de sua vinculação social, de suas origens, tais observações se justificam tão só para a melhor compreensão do romance como meio de análise de uma realidade social*” (MACHADO NETO, 1971, p.12).

Ao entrar em contato com algumas obras de Zahidé Maria Torres Machado Neto em que ela interpreta a realidade brasileira a partir de romances, percebi que, assim como eu, ela também tinha na literatura uma fonte de inspiração para se pensar a realidade. Ao me deparar com a metodologia da sociologia do autor em sua obra acima citada, me dei conta que estava fazendo o mesmo trabalho “metodológico” na análise dos seus textos. Isso porque contextualizei sua “vida intelectual” e “vida pessoal” a partir da leitura interpretativa das suas obras buscando compreender quais eram as questões sociais abordadas por Zahidé Maria Torres Machado Neto e como ela se posicionava referente a alguns temas, principalmente a questão das mulheres e epistemologias.

O método utilizado por Zahidé Maria Torres Machado Neto é a sociologia do autor, que a partir de uma leitura crítica da obra de José Lins do Rêgo sobre o ciclo da cana-de-açúcar no Nordeste e o cangaço, visa compreender como o romance retrata uma realidade social. Esse romance é um retrato que dialoga com “*apoio científicos indiretos*” das obras sobre o Nordeste de Gilberto Freyre (1900-1987) e de Djacir Menezes (1907-1996). Com o Movimento Regionalista, José Lins do Rêgo teve contato com Gilberto Freyre que o influenciou no que tange a importância de se pensar os hábitos, costumes, ritos e religiões no Nordeste. Já a menção a de O outro Nordeste de Djacir Menezes refere-se à zona da caatinga, à seca, ao fanatismo religioso, ao cangaço e à violência, (MACHADO NETO.Z.1971, p. 16).

A análise desse livro de Zahidé Maria Torres Machado Neto, resultante da sua dissertação, é central para a compreensão do seu pensamento por justamente trazer, através da análise sociológica do romance, questões fundantes para as Ciências Sociais no Brasil, como o debate de raça, mas contrapondo-se, as teorias vigentes na sociologia brasileira, identificou que existia uma ideologia de branquitude na formação da sociedade brasileira, debate pertinente ainda hoje no Brasil. Isso porque, mesmo após a abolição da escravidão, a estratificação social não mudou, uma vez os negros libertos não possuíam outros meios para garantir suas sobrevivências, continuaram “acorrentados” em um lugar social pois não tinham outras opções de vida e trabalho; e assim continuaram na casa dos seus senhores. No caso específico da obra literária de José Lins do Rêgo, as usinas apareceram nesse nordeste da cana de açúcar, no qual

outros trabalhadores migrantes que não faziam parte do contexto da Casa grande, mas que são distinguidos por “a branquidade é, assim um traço que distingue, mesmo entre as camadas mais pobres” (MACHADO NETO, Z. 1971, p.45). O que Zahidé Maria Torres Machado Neto apontou foi que mesmo entre a nova classe trabalhadora a raça era um demarcador social.

No subtópico *O homem e a Mulher* a cientista social versa sobre a superioridade masculina, característica do patriarcalismo, naquilo que Zahidé Maria Torres Machado Neto chama de dois ciclos do Nordeste no romance de José Lins do Rêgo: o engenho e o cangaço. No ciclo do engenho o poder do homem sobre as mulheres extrapolava a casa dos senhores e extravasava para as classes mais baixas, um modelo social que criava estereótipos, como comportamentos e atitudes para configurar o *status* do masculino. O homem branco, senhor de engenho, era o detentor de poder e isso fazia com que tivesse um domínio sobre as mulheres da sua classe quanto das classes inferiores, assim como a iniciação sexual dos sinhozinhos se dava com as mulatas e esperava-se das mulheres da família do senhor de engenho a fidelidade feminina. No entanto, na visão de Zahidé Maria Torres Machado Neto o “gênero” relacionado com a categoria de geração reconfigurava o poder do homem, pois homens e mulheres mais velhos possuíam mais respeito nos estratos sociais que pertenciam.²⁶

No ciclo do cangaço, Zahidé Maria Torres Machado Neto atesta que o patriarcado se manifesta de outra maneira, pois o trabalho realizado era feito por toda família, criando um vínculo de dependência mais estreita entre os familiares. Nas deliberações familiares, a mulher conseguia fazer - se ouvir e o trabalho negro escravo quase não esteve presente, quando o homem saía para realizar trabalhos, a mulher passava a exercer as funções do seu marido. No entanto, os homens tinham mais possibilidades de sair do mundo da caatinga quando relacionados a condições das mulheres daquele meio social. Outro fator que demonstra como o patriarcalismo se manifesta nesse outro Nordeste é através do matrimônio, pois o casamento era arranjado, a mulher não tinha opção de escolher com quem se casar.

Já em sua obra *Sociologia do Romance – Ensaio da Sociologia da Literatura* publicado em 1961 pelo Departamento de Pesquisas Sociais – I.E.F.B, impresso no Centro Áudio Visual da Bahia, é um livro com trinta e oito páginas dividido em dois capítulos: *O Sociológico em Memórias de um Sargento de Milícias* e *A Escola Tradicional em Três Momentos da Ficção Brasileira*. No primeiro capítulo a socióloga aborda a importância do chamado romance social como material sociológico e da sua notoriedade para a literatura moderna. *Memórias de um*

²⁶ O uso da categoria gênero entre aspas se dá pelo fato de Zahidé Maria Torres Machado Neto não o utilizar de fato, no entanto ao falar sobre homens e mulheres de maneira relacional observei que se trata exatamente do uso desse conceito.

Sargento de Milícias, de Manuel de Antônio de Almeida (1830-1861) é, por exemplo, um romance que oferece um rico material de interpretação de uma época que foi decisiva para a formação social e política do Brasil. Considero pertinente destacar que no primeiro capítulo Zahidé Maria Torres Machado Neto, ao fazer sua análise através do romance, debruça -se sobre o lugar que as mulheres ocupavam dentro da condição social do Império:

Não de menor importância eram as missas, novenas, terços e setenários dos quais, se aproveitavam as mulheres da baixa classe média para transformá-los em locais onde vinha à baila os últimos acontecimentos devidamente sussurrados sob a proteção da mantilha negras, prosaica na opinião de Manuel Antônio [...] (MACHADO NETO, Z. 1961. p.10)

No segundo capítulo, ela analisou três obras: *O Ateneu*, de Raul Pompéia (1863-1895), *O conto de Escola*, de Machado de Assis (1839-1908) e *Infância*, de Graciliano Ramos (1892-1953) fazendo uma análise dos métodos pedagógicos de acordo com os três textos citados. Segundo a socióloga, o padrão educacional no Brasil do século XIX era moldado a partir da concepção de ensino da Inglaterra e França e o que acabou gerando uma não funcionalidade do ensino aqui no Brasil, por exemplo, como é demonstrado no *O Ateneu*. A falta de funcionalidade é visível nos livros didáticos, na palmatória, falta de compreensão do espírito infantil, e, principalmente, na distância criada entre o adulto e a criança.

No entanto, mesmo o *Sociologia e Romance* não sendo um livro que aborda a questão da mulher, percebe-se ao longo da leitura do texto que essa categoria aparece de forma tímida, pois ao analisar os três romances acima citados algumas personagens são apresentadas e contextualizadas. Em o *Ateneu*, a professora é uma leiga; a mulher do diretor, é descrita como meiga e virtuosa; e a criada Ângela, era a mulher primitiva, lasciva, insinuante e livre. No texto de Graciliano Ramos, que é uma memória sobre a sua educação, D. Maria é tida como a professora bondosa de voz mansa e ar maternal e a professora da sua segunda escola era rígida, cujo rigor se manifestava nos berros e puxões de orelha.

Essa obra é vista por mim como um primeiro exercício de se pensar o lugar da mulher na sociedade, pois Zahidé Maria Torres Machado Neto através do método da sociologia do romance traz questões que posteriormente seriam mais desenvolvidas ao longo da sua trajetória intelectual, como, por exemplo, seu estudo sobre professoras primárias e mulheres.

O bairro é uma categoria de análise utilizada por Zahidé Maria Torres Machado Neto tanto na *A Força de Trabalho da Mulher no espaço de bairro* de 1981 como no artigo *Mulher, trabalho e discriminação, estudo piloto em Salvador* texto escrito em co-autoria com Luzinete Simões, então bolsista de iniciação científica de seu esposo, e hoje docente feminista aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em *Mulher, trabalho e*

discriminação as autoras refletem sobre o lugar que as mulheres do bairro Santo Antônio Além do Carmo ocupavam dentro da nova lógica de desenvolvimento da cidade de Salvador/BA, e, entre as principais funções profissionais exercidas por essas mulheres, estavam as de donas de salão de beleza, pensões e pensionatos e como funcionárias públicas. E o resultado que as autoras chegaram ao pesquisar essas mulheres de camadas médias é que elas ocupavam um limite de tensão entre o privado e o público, a casa e o trabalho fora de casa, já que só poderiam se ocupar de atividades que não comprometessem as suas responsabilidades domésticas (FERNANDES; DANTAS; PEREIRA; 2016).

O mesmo argumento sobre a limitação das mulheres ao espaço de trabalho no bairro aparece também em *A força do trabalho da mulher*, em que as mulheres dedicadas ao trabalho doméstico tendem a procurar empregos que estejam mais próximos do seu lar, pois se preocupam com os afazeres domésticos, com os cuidados dos filhos e tentam conciliar assim o trabalho com a casa. Tanto mulheres proletárias como de classe média baixa têm motivações diferentes para procurar emprego, escolhem trabalhar nos seus bairros, mesmo que o salário fosse maior em empregos localizados fora de suas vizinhanças, isso é motivado por causa do peso que carregam do trabalho doméstico, no entanto, no bairro de mulheres proletárias mais pessoas participam da renda doméstica.

O espaço do bairro é uma categoria de pesquisa importante para Zahidé Maria Torres Machado Neto e a partir do bairro reflete sobre a preferência das mulheres na busca por empregos, como lavadoras de roupa ou vendendo comida ou trabalhando em fábricas perto das suas residências. Aborda também a questão da mobilidade urbana, pois trabalhar em outro bairro é encarar o sistema de transporte da cidade, assim como demonstra como existe uma segregação social a partir do espaço urbano, bairros de classe alta se tornam hostis para pessoas que não fazem parte daquele ambiente social e o acesso é dificultado pelas condições desfavoráveis da mobilidade urbana.

A relação emprego e espaço doméstico aparece também no seu artigo *Funcionária pública: a dona-de-casa nas repartições* (1980) é um texto subdividido em cinco tópicos: *Serviço público\emprego público: tradição e modernização*; *O emprego público e seu processo de “feminização”*; *A funcionária pública: buscando uma identidade*; *Funcionária pública: a dona de casa nas “repartições”*; e *O dia-a-dia do emprego : entrar (sair?) e se aposentar*. A autora começa o artigo apresentando uma conjuntura histórica de como funcionava os cargos públicos no Brasil, citando o clientelismo, a ocupação dos cargos como favor, expressos em troca de votos e de como se deram as mudanças nessas instituições. Uma das mudanças com a “modernização” é que os homens passaram a procurar empregos em fábricas, comércios ou até

em serviços públicos, nas administrações públicas descentralizadas, onde recebiam um salário maior, o que parece ser um dos motivos que levou a aumentar a presença feminina nas repartições públicas, no estudo de caso no município de Salvador. O que Zahidé Maria Torres Machado Neto chama de “ciclo vicioso” das profissões e ocupações das mulheres, ocupar lugares de trabalho que não são atrativos para os homens por algum motivo como, por exemplo, o salário, o que torna esses cargos conhecidos como menos importantes ou suplementares já que são desvalorizados pelos homens.

Algumas mulheres encaravam o emprego nas repartições públicas como um meio de conseguir aposentadoria, outras consideravam um emprego menos exigente e existiam aquelas que o via como um momento transitório para conseguir trabalhar em cargos mais elevados na mesma instituição ou em uma empresa privada. Esses cargos no serviço público oferecem à mulher melhores condições para que ela possa conciliar o trabalho com os cuidados da casa e da família por proporcionar mais flexibilidade no horário, salvo algumas exceções. Essa narrativa é apresentada por mulheres de diferentes classes em diferentes cargos na repartição, e a preocupação com a dupla jornada está presente nas narrativas tanto das que são casadas como das solteiras. Porém, as mulheres dos segmentos mais pobres são as mais afetadas pela conciliação do trabalho na repartição com trabalho de casa. O ambiente da repartição pública torna-se para essas mulheres um espaço para criar laços de compartilhamento das suas vivências, mesmo que haja um conflito, ou que mulheres de cargos superiores se mantenham mais “afastadas”, algumas redes são construídas com a finalidade de ajudar a colega de trabalho que precisa de suporte, como, por exemplo, financeiro.

No seu artigo *Meninos trabalhadores* (1982), ainda que haja um deslocamento do olhar para crianças e adolescentes, a discussão continua orientada pelas questões do trabalho doméstico e a categoria bairro continua mobilizada. Resultado de um estudo da socióloga com menores de um bairro periférico da cidade de Salvador, sua análise demonstra como a classe trabalhadora, que não possui uma renda capaz de atender à sua necessidade básica, necessita do trabalho das mulheres e crianças na contribuição com a renda familiar. “ Nas camadas mais pobres dos países subdesenvolvidos e dependentes, desde muito cedo a criança é compelida a exercer alguma atividade que possa reverter em ingressos [dinheiro] para a família, e muitas vezes o seu trabalho é a única fonte de renda, quando faltam os pais ou quando os membros adultos são velhos doentes ou inválidos” (MACHADO NETO, Z. 1982, p. 96).

De uma maneira geral, inicialmente o trabalho das crianças é no ambiente familiar, além das tarefas domésticas, sua participação começa em algum trabalho produtivo da família, e dependendo da necessidade, o adolescente ou a criança é compelido a procurar trabalho fora

daquele ambiente. A divisão das tarefas leva em conta sexo e idade, ou seja, as meninas são introduzidas nas atividades domésticas mais cedo, quando comparada aos meninos, contudo ao menino adolescente é exigido que participe do orçamento familiar, distanciando - se mais precocemente da casa quando comparado às meninas. Zahidé Maria Torres Machado Neto traz, nesse artigo, exemplos de diferentes estruturas familiares: nas famílias com pais empregados os filhos entram no mercado de trabalho em uma idade mais avançada; nas famílias com adultos doentes ou de mulheres sem companheiros os jovens e as crianças se tornam responsáveis por trabalhar e ajudar na casa mais cedo, sendo que os filhos mais velhos muitas vezes se tornam responsáveis por administrar as finanças e por cuidar dos outros familiares, passando pelo que Zahidé Maria Torres Machado Neto categoriza por processo de “adultização”. Mesmo que os meninos também se responsabilizem pela casa e finanças, são as filhas mais velhas as principais responsáveis pelos cuidados domésticos, ainda que trabalhem fora.

Zahidé Maria Torres Machado Neto, em co-autoria com Alda Britto Motta, escreveu *Tempo de Mulher: tempo de trabalho entre mulheres proletárias em Salvador*. O texto compõe o livro *Capitalismo e Força de Trabalho* (1983), publicado pelo Mestrado em Ciências Sociais, resultante do primeiro “Seminário Sobre Capitalismo e Força de Trabalho”. De acordo com as pesquisadoras o trabalho doméstico é visto como algo “naturalizado” e de responsabilidade das mulheres, por isso torna-se imprescindível contextualizar a questão da participação feminina nas atividades produtivas e suas relações com o capitalismo. Demonstrando como as mulheres se tornam dependentes dos mecanismos de exploração da força de trabalho, sendo o trabalho doméstico inserido nesse processo produtivo resultante do capitalismo. Portanto, não é uma função natural e sim algo derivado das relações de produção de trabalho, produzindo dessa maneira uma “mais valia” invisível. O tempo é o elemento natural mais culturalizado que existe, tanto social como individualmente, é um definidor de diversos processos produtivos, nos mais variados modos históricos de produção. Só tardiamente o trabalho doméstico foi reconhecido nas Ciências Sociais como parte do processo de acumulação, organizado nos moldes tipicamente capitalistas, ou seja, o trabalho doméstico é uma prática diária da casa, mas articulada à lógica externa, ao sistema capitalista de trabalho. Por conta dessa reflexão, considero que essa pesquisa seja fundamental para se pensar como os afazeres domésticos estão inseridos nos processos de trabalho e como as mulheres dedicam-lhes o tempo, portanto o tempo do trabalho doméstico deve ser pensado como um trabalho produtivo.

Ainda acerca da questão da relação entre os sexos, a cientista social se debruçou sobre as obras de outros pesquisadores, tendo em vista refletir sobre a epistemologia sociológica ou antropológica como nos ensaios curtos *Margaret Mead: um velho-novo livro (ou uma*

antropologia do sexo) e *Antropológicas: as Sociedades na Sociedade Segundo Georges Balandier* (1976). Em *Margaret Mead e a antropologia do sexo*, Zahidé Maria Torres Machado Neto faz uma análise de *Male and female* da antropóloga norte americana, já que para ela essa obra se tornou significativa para se pensar as relação homem-mulher não apenas na sociedade americana como no ocidente por tratar de assuntos como casamento, sexo, contraceptivos e novos padrões mais revolucionários, assim como traz a questão da diferença entre o homem e a mulher pesquisadores em campo. Em seu texto sobre Georges Balandier discorre sobre a importância do autor para as ciências sociais, quando o antropólogo aponta para a necessidade de se colocar a ciência social em perspectiva e de como a observação sobre os sexos, mulher e homem, não pode ser feita focando nem apenas nas mulheres ou nos homens, mas em suas relações e como se definem simbolicamente e “praticamente”.

Em *O problema epistemológico: objeto e método da sociologia* (1982), Zahidé Maria Torres Machado Neto retoma o argumento do primeiro capítulo do livro *Sociologia Básica* (1987)²⁷ sobre a epistemologia como a filosofia da ciência, pois quando se procura definir uma ciência entramos no âmbito da filosofia, que também pode ser chamado de conhecimento científico ou teoria da ciência, os métodos não são epistemológicos. Para o saber científico se diferenciar de outros saberes, como, por exemplo, o saber comum, arte, religião, é necessário um rigor metodológico através de práticas de pesquisa, no entanto, isso não quer dizer que a ciência esteja em um nível de superioridade sobre os outros saberes. A importância desse texto para mim se dá pelo fato da discussão sobre epistemologia e método ainda hoje ser um debate na teoria antropológica, se existe um momento separado do fazer etnográfico da teoria ou se a antropologia é o fazer etnográfico com aporte teórico. Mariza Peirano (2014) afirma ser dispensável essa oposição teoria\empíria, sendo que para a antropóloga a boa etnografia não é método apenas, mas também contribuição teórica. No entanto, para o antropólogo Tim Ingold (2015), apesar da etnografia ter que se libertar do rótulo de ser apenas um método ela e a antropologia são empreitadas de ordens distintas, e, que mesmo com muitos de nós balançando de uma para a outra ao longo da vida, é bastante difícil “estar” na etnografia e na antropologia ao mesmo tempo.

A grande atividade intelectual e seus percursos fora da academia, como palestras, é um fator importante, pois demonstra como Zahidé Maria Torres Machado Neto foi uma mulher interessada sempre em aprofundar seus conhecimentos e comprometida com o que acreditava. No entanto, todo seu caminho como cientista social ativa pode ser reduzida a sua vida pessoal

²⁷ O livro foi publicado anteriormente, mas a edição que uso é de 1987.

por ser casada com um intelectual influente na UFBA? Qual teria sido o motivo de todo seu brilhantismo e se dissipando ao longo do tempo? Apesar de existir uma placa com seu nome na sala utilizada pelo Programa de Pós – Graduação em Antropologia da UFBA; o nome de uma rua no bairro de classe média, o Itaigara; e o nome do centro de documentação do Núcleo de Estudos Interdisciplinar Sobre a Mulher (NEIM), homenagens que não devem ser desconsideradas; qual o motivo que levou as obras e a pessoa de Zahidé Maria Torres Machado Neto não ter um alcance maior na FFCH – UFBA e nos estudos sobre as mulheres nos dias atuais ?

3. A CONJUGALIDADE NA VIDA INTELECTUAL DE ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO

Zahidé Maria Torres Machado Neto brasileira, casada, advogada, residente e naturalizada nesta cidade (documento do repositório da UFBA-dossiê discente\1959-1962).

Certamente Zahidé Maria Torres Machado Neto e seu marido eram parceiros e provavelmente o compartilhamento intelectual foi algo marcante na construção da sua carreira. Indícios dessa conjugalidade podem ser notados desde a época em que estava cursando a licenciatura em Ciências Sociais. O trecho acima foi encontrado no início de uma carta escrita à mão, destinada ao colegiado de Ciências Sociais solicitando suas notas acadêmicas e o diploma de conclusão de curso. Nessas cartas, que encontrei na pesquisa de arquivo de documentos, no seu dossiê de discente de 1958 a 1962, ela sempre se identificava como “advogada, esposa, residente e nascida na cidade de Salvador”. Ao assinar como advogada baiana casada ela especificava o seu estado civil como mulher de alguém, isso a coloca em uma relação com outro e que não era uma mulher pesquisadora solteira, o matrimônio então tem uma importância e não pode ser desconsiderado.

Edvaldo Boaventura, em nota de jornal na época da morte da socióloga, afirma que a mais importante contribuição da intelectual foi ajudar o seu marido, mesmo sabendo de toda grandeza do trabalho realizado por Zahidé Maria Torres Machado Neto. Reconhecendo todo o brilhantismo da socióloga, prontamente, no início da sua nota de pesar, Edvaldo Boaventura afirma que como mulher “Como mulher, sábia e consciente, optou pelo bastidor, por trás, a fim de que seu marido crescesse e se realizasse plenamente”. Essa foi uma visão de um colega de instituição, porém não é uma perspectiva compartilhada por outras pessoas que estiveram em contato com o casal, como orientandos da socióloga.

É significativo atentar para a maneira que Edvaldo Boaventura concebia o casamento de Zahidé Machado Neto com A.L. Machado Neto, enquanto algo central para a formação da intelectualidade da advogada e cientista social. Boaventura, portanto, entendia que esse casamento, na forma de um companheirismo acadêmico, era o fator mais importante na trajetória da socióloga que estudava mulheres. Esse argumento demonstra um pensamento masculino de ver as mulheres pesquisadoras que mesmo validando sua capacidade intelectual não tinha o reconhecimento por parte de alguns colegas de departamento. Segundo Maria Rosário de Carvalho em um seminário organizado pelo Programa de Pós – Graduação em

Antropologia sobre a história da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas no ano de 2021, ao responder uma questão feita por mim disse que, Carlos Otto, por exemplo, não via com bons olhos a presença de mulheres naquele espaço que era majoritariamente masculino apesar de existirem pesquisadoras, o que demonstra uma tentativa de diminuir as mulheres que estavam na academia naquele momento.

Pierre Bourdieu (2014) explicita a socialização do biológico e a biologização do social produzindo efeitos nos corpos e nas mentes através de inversão da causa pelo efeito, criando assim uma construção social naturalizada, sendo a dominação masculina resultado desse processo, que tende a naturalizar a situação de privilégio dos homens a partir de oposição homóloga entre masculino e feminino. Essa divisão, segundo o autor, serve para separar as coisas e atividades, como por exemplo, público/privado, frente/atrás, subir/descer, e são incorporadas nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, pensamento e ação, contribuindo para uma violência simbólica, que aqui seria a da mulher intelectual como inferior ou incapaz de produção de conhecimento e de ser o seu maior feito estar atrás do pensamento do seu marido.

[...] ou o que é mais grave, de eternizar a estrutura de dominação masculina descrevendo – a como invariável e eterna [...] eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas com a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado [...] (BOURDIEU, 2014, p.56)

É importante notar que ela percorreu alguns espaços seguindo A. L. Machado Neto, porém isso não quer dizer uma dependência ou que tenha abandonado as suas próprias aspirações e ficado nos bastidores para o crescimento do seu companheiro. A socióloga soube aproveitar esses momentos para a sua própria carreira, e, também, o fato dela ter construído conexões com outras instituições como, por exemplo, a Universidade de São Paulo (USP) demonstra autonomia. Acredito que Zahidé Maria Torres Machado Neto soube usar a influência do seu marido para construir sua própria carreira, o casamento pode ter facilitado alguns contatos, tanto com instituições como com outros pesquisadores, mas isso não tira o mérito de tudo que fez ao longo de sua trajetória.

Assim como Zahidé Machado Neto, outras intelectuais de renome eram associadas aos seus maridos ou a alguma figura masculina. Heloísa Alberto Torres (1895-1977) foi uma personagem importante para a “construção” da antropologia brasileira, começou como estagiária no Museu Nacional aos 22 anos e depois passou a ocupar o cargo de direção do mesmo. Não mediu esforços fazendo ligações com instituições internacionais possibilitando

aos alunos do Museu Nacional ida a campo com antropólogos norte-americanos, como Charles Wagley (1913-1991), para aprender o fazer etnográfico. Além da conexão com Charles Wagley, principal brasilianista do seu tempo, pioneiro de estudos etnográficos de povos indígenas e camponeses da Amazônia e do Nordeste, Heloísa Torres, enquanto diretora do Museu Nacional, propiciou uma expedição de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) no Brasil. “A participação dos jovens pesquisadores do Museu Nacional em expedições conduzidas por estrangeiros fazia parte do plano traçado por Heloísa para a formação e o treinamento em pesquisa de campo dos futuros antropólogos brasileiros” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 74)

Filha de Alberto Torres, ensaísta e político, e uma discípula de Roquette-Pinto, Heloísa Torres carregou consigo o fato de ter sido filha de um homem que se destacou no cenário político brasileiro, e, por vezes, esse fato aparecia para tentar “diminuir” ou explicar as suas conquistas (Miglievich-Ribeiro, 2015). O caso de Heloísa Alberto Torres é uma circunstância que pode ser usada para se pensar a questão da conjugalidade de Zahidé Machado Neto, por mais que tenha sido filha de quem fosse e ter sido “pupila” de Roquette-Pinto, Heloísa Torres soube usar os círculos sociais nos quais transitava, com uma convicção forte que a levou à direção do Museu Nacional. Acredito que com Zahidé Machado Neto aconteceu algo parecido, sua imagem também era associada a um homem, seu marido, algumas pessoas tentaram tirar seu mérito, mas ela soube usar as boas relações do marido para realizar seus trabalhos autorais. Isso dá indícios de como mulheres relacionadas a homens “renomados”, seja por ordem de parentesco, casamento ou orientação acadêmica são passíveis de serem reduzidas ou terem seus trabalhos questionados por ocuparem esse lugar na relação.

Se a aliança com homens foi fundamental na constituição inicial de seus círculos sociais, é preciso ter claro que, ao se aliar com alguns, Heloísa entrou em conflitos com outros. As alianças não a protegeram apenas, ao contrário, a expuseram e a tornaram figura pública, alvo de admiração, mas também de rivalidades [...] (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 54)

Fernanda Azeredo (2012), ao citar em seu trabalho a conjugalidade de intelectuais na área das Ciências Sociais, traz o caso da Heloísa Martins (1941), ingressada no curso de Ciências Sociais da USP em 1960. Heloísa Martins participou da iniciação científica com o professor Aziz Simão e foi durante essa pesquisa que desenvolveu seu interesse para os estudos de métodos de pesquisa qualitativa e trabalho de campo. Após terminar a faculdade foi convidada por Aziz Simão para trabalhar no Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, em 1966, tornou-se diretora da instituição. Posteriormente, em

1968, também a convite de Aziz Simão como sua “orientanda caçula” foi convidada para ministrar aula de metodologia para a disciplina Sociologia II. Em 1975, defendeu o seu mestrado que tinha como tema a figura do dirigente sindical como burocrata a partir de uma percepção weberiana e através de observações feitas ao longo do seu trabalho anterior. Em uma entrevista concedida a Fernanda Azeredo, Heloísa Martins narrou como ela havia sido prejudicada em um concurso para efetivação de professores do departamento de sociologia da USP no ano de 1978 por causa de desentendimentos do seu marido José de Souza Martins, sociólogo brasileiro, com dois colegas. Heloísa Martins relata que foi acusada de ter sido favorecida pela banca por causa do seu marido, tendo ele ficado em primeiro lugar e ela em sétimo, e dessa maneira tudo que dizia respeito a ela foi, naquele momento, reduzido ao seu esposo, desmerecendo todo o seu esforço (AZEREDO, 2020, p. 117).

Algo parecido ocorreu no caso de Zahidé Maria Torres Machado Neto, pois o fato de ser esposa de um intelectual renomado pode ter-lhe trazido benefícios, assim como rivalidades. Os relatos de campo revelaram que Zahidé Machado Neto e os participantes de seu grupo de estudos eram “mal vistos” pelo fato de a imagem da professora ser associada a A.L. Machado Neto, devido à rivalidade acadêmica e aos seus posicionamentos intelectuais, existiam problemas sérios pessoais e ideológicos, ideologia no sentido teórico, de acordo com Jeferson Bacelar.

[...] Naquela época, não havia ninguém, ela era sozinha, porque mesmo nosso grupo, que terminamos **formando um grupo, muito ligado a ela e a Machado**, porque ocorreu um problema dentro da... e porque esse grupo terminou se formando, porque havia um grupo de esquerda, **partidos de esquerda que não aceitava Machado**, Machado era excepcional professor, mas curti com o marxismo com uma leveza e isso indignava uma turma, Senhor Albino Rubim, Antônio Guerreiro, enfim **nomes desse tipo que também nos odiavam** né, nessa época né, depois não, depois tudo passa, nos odiavam e se juntou eu, Caroso, Luzinete Marília Muricy, que já era professora, Marília, é Luzinete, quem é mais... Paulo César Alves, tá entendendo [...] (Entrevista à autora Jeferson Bacelar, 20 de agosto de 2019, grifos meus).

Durante a entrevista com o antropólogo Carlos Caroso foi mencionado que A.L Machado Neto criou o Mestrado em Humanidades, localizado na faculdade de Direito. Mas, foi apenas após a morte do professor que a sede do mestrado foi transferida para a FFCH, e então grupos que tensionavam com A. L. Machado Neto passaram a coordenar o Mestrado. Para Carlos Caroso, isso se dava tanto pelo seu brilhantismo, como por não permitir irregularidades dentro do mestrado em humanidades como, por exemplo, aceitar que pessoas ingressassem sem ter passado por uma avaliação, e como Zahidé Maria Torres Machado Neto acompanhava as

decisões do seu marido, ela acabou sendo alvo. De acordo com Carlos Caroso, A. L. Machado Neto cuidava mais das relações externas do mestrado e Zahidé Maria Torres Machado Neto no funcionamento interno, como as orientações das aulas e dos alunos. Então após a sua morte houve aqueles que sentiram o luto, mas houve aqueles para os quais sua morte foi vista como um alívio, e algumas tensões que envolviam A.L. Machado Neto começaram a respingar em Zahidé Maria Torres Machado Neto. A socióloga continuou no programa mesmo com as divergências e isso causou nela um incômodo, visto que passou a ser alvo de um grupo rival, que a associava ao seu marido.

O matrimônio não parecia ser algo que a incomodasse ou a constrangesse, o que fica evidente quando ao escrever cartas para a instituição colocava que era casada como uma forma de se identificar. De acordo com o primeiro código civil brasileiro (Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916) a mulher era obrigada, ao se casar, a adotar o sobrenome do marido pela linha patriarcal, ou seja, pela descendência paterna do cônjuge, tal obrigatoriedade significa uma afirmação do poder do marido, cuja a origem vem do direito romano, “em que a mulher ingressava *loco filiae* (como se fosse filha) na família do esposo” (CANTARELLI; LEVANDOWSKI; MARIN, 2013, p.4).

Portanto, em seu tempo a mulher era obrigada a adicionar o sobrenome paterno do marido em seu nome após o casamento, não podemos afirmar se ela escolheria ou não o sobrenome Machado Neto caso houvesse essa opção. Mas por ter sido casada com um jurista importante, tanto para o direito como para a Ciências Sociais, e ter aderido ao sobrenome isso deve ter gerado um questionamento de qual lugar ela ocupava na relação e de como esse sobrenome foi relacionado à sua trajetória intelectual. Apenas em 26 de setembro de 1977, seis anos antes de sua morte, com a Lei nº 6.515, a lei do divórcio, com a qual foi possível uma modificação do artigo 240 do Código Civil de 1916, tornando o que antes era uma obrigação da mulher em uma escolha. Em uma pesquisa em que entrevistaram sete mulheres que ao se casarem escolheram não adicionar o sobrenome do marido, algumas passando por conflitos com a família do esposo pela decisão, as justificativas dessas mulheres para permanecerem com seus sobrenomes não foram as mesmas, entre elas, uma justificou o não aderir o sobrenome do marido pois já era formada e reconhecida em sua área de atuação pelo seu nome de solteira. (CANTARELLI; LEVANDOWSKI; MARIN, 2013).

Mariza Corrêa (2003) demonstra como Dina Lévi-Strauss (1911-1999) foi colocada no papel da mulher de Lévi-Strauss, como, por exemplo, nas cartas de Mário de Andrade (1893-1945) em que é encontrado o termo o casal Lévi-Strauss. Assim como o filósofo Jean Maugué (1904-1990) na sua autobiografia cita “a mulher de Lévi-Strauss”. Ela então ficou “conhecida”

por ser a mulher de Lévi-Strauss, apesar de ter sido professora *agregée* da Universidade de Paris e ter feito parte do quadro do Museu do Homem. Assim como outras antropólogas estudadas pela pesquisadora que ao casarem adotaram o nome do marido. Quando essas mulheres adotam o sobrenome do marido elas são “renomeadas” com o nome de seus maridos tornando-as assim esposas primeiro, e, como esposas a parceria era menos visível, e, posteriormente pesquisadoras.

A “notoriedade retrospectiva” diz respeito a como o renome adquirido pode iluminar a vida inteira de uma pessoa e as pesquisadoras estão sujeitas a “desaparecer”, uma vez que o seu nome próprio é o nome de outro (CORRÊA, 2003, p. 25). Então, qual seria a “solução” para explicitar as condições dessas mulheres que eram vistas como esposas? Recolocar essas personagens cada uma em seu próprio cenário, tentando compreender a leitura que seus interlocutores faziam das suas presenças nos espaços, situando-as no contexto de atuação mais amplo de suas contemporâneas em outros lugares do mundo e abandonar as narrativas de vitimização, polarização e essencialismo (CORRÊA, 2003). Por conseguinte, para que essas mulheres sejam reconhecidas é necessário que tragam as histórias para dentro da Ciências Sociais, criando novas “teias”²⁸ que seria uma nova linhagem de conhecimento a partir dessas intelectuais.

No momento em que cientistas sociais, antropólogas perdem seus nomes de nascimento, perdemos também uma personagem, pois estão sujeitas à desaparecimento uma vez que seu nome próprio é o nome de outrem, e, ao procurarmos por seus nomes de nascimento, não as encontramos. Foi justamente o que aconteceu com Dina Lévi-Strauss, ao procurar por seu nome desligado ao do seu marido Mariza Corrêa não a encontrou e mesmo após a separação ela continuou com o sobrenome Lévi-Strauss.

A nomeação, renomeação de intelectuais mulheres foi também um problema de pesquisa para Fernanda Azeredo (2020). No meio acadêmico o sobrenome passa a ter uma notoriedade maior pois é ele que vem em caixa alta, antes do nome próprio, no modelo de referencial teórico, além de “esconder” o gênero da autora ou autor. Então seguindo o raciocínio foucaultiano, Fernanda Azeredo o sobrenome além de “definir” o sujeito também cumpre a função-autor que é a possibilidade de inserir o escritor em uma economia específica de circulação de discurso, o nome do autor é sempre relacionado ao conjunto de textos que ele nomeia.

²⁸ Utilizei o termo teia porque a própria Mariza Corrêa ao citar um seminário sobre identidade que o próprio Lévi-Strauss participou, o antropólogo afirmou que a identidade é teórica visto que nossa experiência faz parte de um todo descontínuo. Então Mariza Corrêa afirma que isso a remeteu a uma teia rasgada e que nunca seríamos capazes de reconstruir os fios que faltavam e por isso que a saída era trabalhar, com indícios, sinais. E dessa maneira as identidades de gênero, raça, seriam as teias que poderiam tornar o desconhecido conhecido (CORRÊA, 2003, p.25)

Em *O Limiar dos Afetos* (2005) João de Pina-Cabral argumenta que os laços de afetos são fatores indispensáveis nas relações como parte integrante da constituição de pessoas. “*Nas culturas de raiz ibérica: quando um casal contrai um matrimônio, e os convidados lhe desejam felicidade e fertilidade, presume-se já que os filhos que eles venham a ter transportarão no seu nome o patronímico da mãe e o patronímico do pai, nessa ordem*” (PINA-CABRAL, 2005, p. 14). Ao tomar a decisão de nomear uma criança ela passa a ter uma existência social, está assim realizando um ato de reprodução social através da apropriação de uma instância reprodutiva²⁹.

A relação entre família e emoções através do ato de nomear na construção das personalidades de crianças levou João Pina-Cabral (2005) a refletir sobre como a nomeação é compreendida como um sinalizador emocional e de como também é um ato de constituição social da pessoa. Tal pensamento me serviu de reflexão teórica para o ato de renomeação das mulheres, pois ao se casarem e adotarem o nome do marido as pesquisadoras, no caso específico, Zahidé Maria Torres Machado Neto, passam a ser relacionadas a outrem e essa relação é demarcada por emoções. O ato de renomear “cria” um novo sujeito social, no caso desta pesquisa a mulher de Machado Neto.

Candice Vidal (2021), em sua pesquisa com antropólogas nordestinas que iniciaram a sua formação universitária nos anos de 1960, aponta a existência de uma idealização acadêmica de que há uma fronteira entre a “vida pessoal” e a “vida profissional”. Segundo a antropóloga, os fluxos dos caminhos acadêmicos podem ser determinados por motivos diversos, como o aprimoramento da vida profissional, por injunção da vida pessoal, como, por exemplo, o casamento, a doença ou a perda de um parente próximo. Dessa maneira, esses fatores podem interferir em várias tomadas de decisão no que diz respeito às trajetórias intelectuais das antropólogas que entrevistou, pois os planos acadêmicos que teriam como objetivos poderiam ser facilitados ou dificultados através de fatores externos como internos às instituições de pesquisas, assim como os seus projetos intelectuais poderiam interferir em suas vidas pessoais e quais os contextos acadêmicos que estavam situadas.

²⁹ Cecília McCallum e Vania Bustamante (2012) discorrem sobre a necessidade da desconstrução de uma naturalização da “família conjugal”, na pesquisa feita pelas antropólogas em um bairro popular a casa é relacional na construção do parentesco ao mesmo tempo que individualiza o sujeito, no caso homens e mulheres, pois as autoras, fazem uma discussão relacionando a casa, o parentesco e gênero, o que possibilita pensar “múltiplas estruturas”, saindo do ideal de uma família nuclear que está relacionada às classes mais altas.

[..] Os planos de iniciativas intelectuais realizados ou impedidos de acontecer pelos atravessamentos do destino e das demarcações institucionais também devem ser registrados. Há dois interesses articulados: notar os efeitos que a obra exerce sobre a vida e situar as vidas intelectuais nos contextos institucionais [...] (VIDAL E SOUZA, 2020, p.143)

Zahidé Maria Torres Machado Neto teve com o casamento, a doença e morte de seu marido interferências em sua “vida acadêmica” e isso apareceu para mim nas entrevistas como em e-mail pela sua então orientadora Eva Alterman Blay. Como mencionado, não existia uma visão única do casamento e da parceria intelectual entre Zahidé Maria Torres Machado Neto e A.L. Machado Neto. Em entrevista com a socióloga Alda Britto Motta, o casal era coeso, bem casado, mas “cada um tinha sua luz própria”, cada um ia para um determinado caminho, e, o caminho de relação de mulher e gênero, colocou mais em evidência que os caminhos eram distintos, enquanto seu marido que ia mais pelo caminho filosófico, ela ia mais pelo caminho sociológico, muito embora os dois tivessem as duas formações. Mesmo após o enfarto do seu marido, que culminou em morte, para Alda Motta, mesmo que em um primeiro momento ela tenha ficado muito abatida, não houve um distanciamento do que Zahidé Machado Neto produzia, uma vez que ela continuou trabalhando.

Carlos Caroso, em entrevista, descreveu o casal como Zahidé sendo mais expansiva, exagerada e o seu marido mais comedido e que existia uma má compreensão da relação entre os dois e segundo ele “eles compartilhavam tudo (...) – sobre o mestrado – o casal que produziu junto – não tinha uma separação, ela se interessa por outras questões – o programa articulado no casal – Zahidé mais próxima de Ciências Sociais e Machado era mais no Direito” (Entrevista à autora - Carlos Caroso, 12 de setembro de 2019).

Para Jeferson Bacelar existia uma troca, primeiro que eram campos diferentes, por mais que ela estivesse junto com ele e ele era preeminência pela briga na faculdade de Direito por causa da sua teoria. “Acho que era uma troca, estudavam coisas diferentes. Ela conhecia o que ele fazia e ele conhecia o que ela fazia, era uma boa parceria. Ela estava mais ligada à sociologia e seu marido ao direito, à fenomenologia jurídica” (Entrevista à autora – Jeferson Bacelar, 20 de agosto de 2019). Ele ainda me relatou que após a morte de A. L. Machado Neto eles, Jeferson e Zahidé, iam para festas de largos juntos, festas como a do Rio Vermelho, que é a de Yemanjá, a do Bonfim, ela tinha com ele esses momentos de sair juntos, passaram a ter essas experiências de viver outros ambientes que não fosse o acadêmico. Quando ela ainda era casada esses momentos extra acadêmicos de confraternização apareciam também na fala Jeferson, só no ambiente familiar, em seu lar que essas confraternizações aconteciam. Então concluiu: “Cada

um tem seus segredos, e, você, no fundo, leva esses segredos pro túmulo de vida pessoal, se depois que Machado morreu se ela teve algum relacionamento eu não acredito e se tinha era uma coisa que jamais ela revelaria porque enfim Machado era uma pessoa fenomenal (...) assim como Zahidé que era aberta para as coisas, mas uma mulher braba também.” (Entrevista à autora – Jeferson Bacelar, 20 de agosto de 2019).

No dia 22 de maio entrei em contato com Eva Blay via e-mail queria saber sobre a tese de Zahidé Maria Torres Machado Neto pois não havia encontrado, me respondeu bem solicita dizendo que teve contato esporádico com Zahidé Maria Torres Machado Neto, confirmando que ela a havia procurado pois pretendia fazer o doutorado sob sua orientação, mas devido a várias circunstâncias que a atrapalharam o seu projeto não foi pra frente, afirmando que Zahidé havia sofrido um grande choque com a morte do marido e que não conseguiu se recuperar depois. A resposta que obtive de Eva Blay demonstra como a morte de A.L. Machado Neto foi algo muito doloroso para a socióloga baiana e que isso interferiu no curso da sua “vida intelectual”. A emoção aqui aparece como dor, algo que a atingiu de uma maneira angustiante, interferindo em seus planos de dar continuidade ao seu doutoramento.

Segundo relato de Carlos Caroso existia sim uma parceria intelectual e é difícil afirmar se um tinha influência sobre o outro, pois os dois trabalhavam juntos, mas também havia discordâncias entre eles. Caroso apontou também que quando A.L. Machado Neto faleceu ela se viu em uma “viuvez intelectual”, em um “deserto intelectual”, porque não havia ninguém na faculdade naquela época que estava no nível intelectual de Machado Neto que era quem provoca sua esposa, e não só ela, mas todos ao seu redor, então com sua morte não havia ali ninguém que a questionasse, não tinha um parceiro intelectual do mesmo nível pra ela. “Machado Neto provocava todo mundo, se dedicava aos estudantes, e ele era um polo agregador, sobretudo para fora, teóricos que vieram para dialogar com Machado, Zahidé foi influenciada, ele a questionava, mas fez uma opção do caminho próprio: o estudo das mulheres” (Entrevista à autora – Carlos Caroso, 12 de setembro de 2019). Com a morte de seu parceiro, Zahidé Maria Torres Machado Neto se viu só e de acordo com Carlos Caroso nesse momento ela decide ir fazer o doutorado fora, na USP, e também passou a ser mais ativa dentro da militância, além de ter perdido a “censura”. Zahidé Maria Torres Machado Neto conhecida sempre por uma personalidade forte passa então, após a morte do seu marido, a assumir ainda mais atitudes tidas como mais libertadoras, como as idas em festas de largos, a militância no feminismo de maneira mais atuante e a coligação em partidos.

Marcel Mauss (1872 -1950) foi fundamental para a institucionalização da Antropologia na França, “pela criação do *Institut d’Ethnologie*, pelo apoio da criação do *Muséu de L’Homme*

e pelos inúmeros cursos regulares que ele dava em diferentes instituições acadêmicas e ter sido um grande incentivador das mulheres na antropologia (GROSSI, 2006, p.242). Antônio Luís Machado Neto era o responsável pelas burocracias relacionadas à criação do Mestrado em Humanidades na UFBA e na construção intelectual da Universidade, sendo conhecido por se dedicar aos estudos sobre as epistemologias jurídicas como foi possível perceber em entrevistas e documentos. Assim como o antropólogo francês era um intelectual que possuía diálogo com suas alunas, A. L. Machado Neto incentivou não apenas suas “pupilas” Marília Muricy e Luzinete Simões, como também sua esposa. No entanto, foram as mulheres tanto no início da institucionalização da Antropologia na França como também nos primeiros momentos do Mestrado de Humanidades na UFBA que se dedicaram às pesquisas em campo.

Germaine Dieterlen (1903- 1999), Denise Paulme (1909- 1998) e Germaine Tillion (1907-2008), as alunas de Marcel Mauss e suas pupilas foram as responsáveis por incluírem a fala e a visão das mulheres na antropologia, tanto através do olhar das antropólogas como também da visão das nativas, incluíram, dessa maneira, a temática de gênero na disciplina francesa. No entanto, os seus textos só são lidos por especialistas que se interessam por suas obras e não são vistos como pesquisas fundadoras da antropologia feminista na França. Germaine Dieterlen, Denise Paulme, Germaine Tillion antropólogas importantes para a formação de outros antropólogos na França, na segunda metade do século XX, são pouco conhecidas e relativamente ausentes nas referências sobre antropologia francesa. Ao trazer *Duas Germaines e Uma Denise: as alunas de Mauss* (GROSSI, 2006) tive como finalidade demonstrar que assim como na França aqui no Brasil, em décadas diferentes do século XX, cientistas sociais pioneiras, sociólogas ou antropólogas, nos estudos sobre as mulheres, foram personagens importantes para a institucionalização da antropologia e sociologia e formação de outros cientistas e que hoje em dia não são reconhecidas e amplamente conhecidas.

Concluo aqui que a relação matrimonial é um elemento na “vida intelectual” de Zahidé Maria Torres Machado Neto que lhe trouxe benefícios, como a circulação em outras instituições, como UnB, mas que também a colocou em “conflitos” na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas por ter sido esposa de um influente intelectual da época. Assim como a morte do seu marido é um momento dolorido para ela, o que a levou para caminhos que já havia começado a trilhar quando casada, como a militância feminista. Mesmo com a dor e a fase de luto Zahidé Maria Torres Machado Neto deu continuidade à sua vida e a seus projetos pessoais como afirmaram seus alunos e orientando Jeferson Bacelar, Carlos Caroso e Alda Britto.

Os “documentos” também serviram para ponderar sobre a conjugalidade e as produções de Zahidé Maria Torres Machado Neto, no livro *Capitalismo e Força de Trabalho* (1983), Célia

Maria Leal Braga escreve uma nota dedicada à sua amiga e parceira intelectual em nome da sua linha de Pesquisa Capitalismo e Força de Trabalho: *“Zahidé Machado Neto: presença de uma ausente. Quando completamos momentos em que nossos esforços e investimentos significativos se objetivam, se transformam em realidades, como deste I seminário sobre Capitalismo e força de trabalho, é o mais justo que nos sentimos alegres. Mas há momentos que essa alegria não pode ser completa, porque alguém que dela deveria compartilhar não está mais entre nós, pelo menos para rir de alegria conosco. Zahidé não está aqui para rir conosco, mas é presença indiscutível em nossa realização, não só através da saudade, mas através de trabalhos seus. Temos que concordar com Lin Yun-Tang quando afirmou: quando se calarem as vozes dos risos ou secarem as fontes das lágrimas, o mundo terá morrido de verdade. Temos que continuar a rir com lágrimas nos olhos, pois foi este exemplo que ela nos deu”*.

Seria A. L. Machado Neto o único, ou mais importante, parceiro intelectual de Zahidé Maria Torres Machado? A nota escrita por sua amiga e companheira Célia Leal Braga me faz acreditar que o trabalho acadêmico realizado pelas amigas demonstra que Zahidé Maria Torres Machado Neto não tinha apenas o seu marido como parceiro intelectual, talvez Célia Leal Braga ocupasse também esse lugar em sua vida, para além da amizade.

4. (RE)PENSANDO A ETNOGRAFIA DE DOCUMENTOS E A MEMÓRIA DE ZAHIDÉ MACHADO NETO

Há mais entre a antropologia dita de “gabinete” e a etnografia de observação participante do que minha visão metodológica tinha como referência sobre a definição de um trabalho etnográfico. Foi justamente nesse dilema que me vi compelida a enfrentar esta pesquisa de mestrado.

Ao iniciar a pesquisa me deparei com um projeto que era o oposto da etnografia que fiz no trabalho de campo para a monografia de conclusão de curso da graduação. Utilizei o método da observação participante e a técnica de entrevista semiestruturada, naquela ocasião meu tema de pesquisa era sobre o uso do hormônio testosterona por homens transgênero na construção das suas masculinidades. Nesse sentido esta dissertação teve por *corpus* os documentos que pesquisei em arquivos, o que a rigor não exigia fazer longos períodos no “campo”, observando e interagindo com interlocutores. Então eu me questioneei: como fazer um trabalho antropológico de documentos? Quais seriam meus interlocutores? Para resolver esse dilema comecei a criar estratégias que poderiam me ajudar nesse campo de estudo que era novo para mim.

Durante o Mestrado em Antropologia, por meio de duas disciplinas - *Patrimônio e Memória Social* e *Seminário de Métodos, Produção e Análise em etnografia* - a metodologia de etnografia de documentos e em arquivos começou a aparecer para mim, me ajudando a pensar sobre o arquivo como um “objeto” antropológico, demonstrando também a possibilidade de se fazer, a partir dele, uma Antropologia histórica e em lugares de memória, espaços que guardam lembranças.

A boa etnografia não é método apenas, mas também contribuição teórica, e que “a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual (PEIRANO, 2014, p. 381). Foi justamente o confronto com dados novos e uma nova experiência de campo com a leitura de teoria sobre a Antropologia, arquivos e a Antropologia histórica que me fez compreender que o fazer antropológico é muito mais do que um dia acreditei. Mas então, o que seria arquivo? Essa é a primeira pergunta que eu tentarei responder.

Para realizar minha pesquisa me baseei no conceito de arquivo de Marilene Leite Paes (2004). Arquivo é um conjunto de documentos produzidos por uma entidade, seja ela de caráter público ou privado, ao mesmo tempo em que a atividade (pessoal, institucional) está acontecendo, o seu registro é documentado e posteriormente arquivado, com a finalidade de se

conservar uma memória para resgate futuro³⁰ (PAES, 2004,p. 19). A terminologia de arquivo serve tanto para se pensar o espaço onde os documentos são guardados, como a forma física dos documentos, já o acervo é o conjunto de documentos de um arquivo. Utilizando a tipologia desenvolvida por Paes (2004), notei que os documentos que utilizei nesta pesquisa foram em sua maioria documentos textuais e informáticos, isso porque consultei arquivos físicos que contêm em sua maioria documentos impressos e portanto textuais, mas também analisei documentos disponibilizados em acervos de sítios eletrônicos.

Olívia da Cunha (2004), em sua pesquisa sobre a antropóloga Ruth Landes (1908-1991) analisou documentos como cartas, anotações, diário de campo, fotografias, o que configurou em um “primeiro acervo”, cujo material foi organizado e separado pela própria antropóloga norte - americana. Posteriormente, as instituições que ficaram responsáveis por essas fontes de memória as organizaram seguindo alguns critérios próprios. O que fez Olívia da Cunha (2004) questionar sobre o uso e as políticas institucionais de preservação, de como poderiam contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a etnografia. De acordo com a antropóloga, o que pode observar é que os arquivos e as coleções que estão em acervos de instituições são resultados de sucessivos procedimentos de constituir e ordenar conhecimentos, realizados não só pelos arquivistas como também pelos próprios usuários. *Uma modalidade de investigação antropológica que toma determinados conjuntos documentais, mais especificamente as coleções e os arquivos pessoais cujo titulares foram ou são praticantes da disciplina como campo de interesse para uma compreensão crítica acerca das formas de produzir história da disciplina* (CUNHA, 2004, p. 291).

Outra preocupação importante colocada por Olívia da Cunha (2004) é como a interpretação e descrição de arquivos se constituem enquanto uma prática periférica da Antropologia. Recorrem-se aos arquivos como fonte complementar e muitas vezes são vistos como práticas distintas das pesquisas de campo, deixando assim de levar em conta as “vozes” produzidas em documentos, suas modalidades narrativas e que os arquivos são vivos pois são construídos, alimentados e mantidos por pessoas, grupos sociais e instituições. No entanto, Olívia da Cunha (2004) chama-nos a atenção para o fato de que não podemos desconsiderar a relação de poder e conhecimento, visto que os arquivos coloniais inventam e aperfeiçoam as formas de produzi-los, assim como mantêm e ordenam documentos com o intuito de transformá-los em perenes, outros, por sua vez, estariam sujeitos ao desaparecimento e à dispersão.

³⁰ Não é a mesma coisa que Arquivo Privado, que são aqueles constituídos por documentos que possuem relação orgânica através do processo de armazenamento e são produzidos e/ou recebidos por organizações não governamentais, famílias ou pessoas.

Posto isso o acervo que foi utilizado para esta etnografia foi resultado de uma junção de textos, livros e documentos que acessei de diferentes maneiras com o intuito de descrever a história e resgatar a memória de Zahidé Maria Torres Machado Neto, pioneira nos estudos sobre as mulheres na Bahia. Diferentemente de Olívia da Cunha (2004), que teve contato com um acervo que era composto por documentos organizados pela própria Ruth Landes - o que de certa maneira direcionou a leitura da sua biografia para os futuros pesquisadores – por outro, eu me deparei com documentos dispersos sobre a cientista social, uma vez que devido à sua morte repentina não deixou pista alguma sobre a sua vida acadêmica e pessoal.

Para a pesquisa realizada em 2015 no arquivo da FFCH-UFBA, eu e Míria Moraes, outra bolsista da iniciação científica desse projeto, tiramos fotos de alguns documentos que ainda não estavam organizados, nem digitalizados no Repositório da UFBA, dentre eles estão : documentação para o seu concurso para professora assistente; uma carta para o Professor Joaquim Batista Neves, então diretor da FFCH-UFBA, solicitando um exemplar do diário oficial com o resultado para o concurso de professora assistente de Sociologia; um guia de recolhimento que conta os valores pagos por Zahidé Maria Torres Machado Neto referente à matrícula e outros pagamentos feitos à instituição; a capa do seu *Curriculum Vitae*; o seu currículo com os seus títulos, produções acadêmicas, cargos e orientações em bancas examinadoras; declaração de participação do conselho sobre o Recôncavo Baiano no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo; atestado de serviço médico para Inspeção de Saúde para concorrer à vaga de professora na FFCH-UFBA; fotografias de jornais da época noticiando sua morte; carta de exoneração concedida à nossa socióloga do cargo de professora assistente para concorrer ao cargo de professora adjunta; e, a carta para a sua nomeação como professora adjunta.

Obtive a possibilidade de ler os livros *Sociologia Básica* (1987), *Sociologia e Romance* (1961), *Machado Neto* (1979) e *Estrutura Social dos Dois Nordeste: na obra de José Lins do Rêgo* (1971) que pertencem ao meu orientador Felipe Fernandes, cujos os exemplares estiveram em minhas mãos até o término da escrita da dissertação. Além desses títulos meu orientador também me enviou o artigo *Mulher, trabalho e discriminação, estudo piloto em Salvador* (1980) escrito em co-autoria com Luzinete Simões, quem nos informou sobre o texto via um email, porém não o tinha, então Felipe Fernandes o encontrou e nos enviou.

O prazer de ler o *Tempo de Mulher: tempo de trabalho entre mulheres proletárias em Salvador* que faz parte do livro *Capitalismo e força de trabalho* (1983) me foi possibilitado por Alda Britto Motta. A socióloga havia me falado sobre o livro quando eu fui entrevistá-la em sua sala no Núcleo Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), que é localizado na FFCH-

UFBA. No entanto, nesse dia eu não tive acesso ao livro, posteriormente ela o separou e me emprestou para que eu fizesse a leitura. Peguei para ler esse capítulo que ela escreveu com Zahidé Maria Torres Machado Neto, como tinha que devolvê-lo e não tinha como *scanear*, o fotografei. Quando fui devolvê-lo era início da pandemia e Alda Britto Motta me disse que não estava indo para o NEIM porque seus filhos estavam preocupados, já que ela se enquadrava no grupo de risco, então o levei até a portaria do seu prédio.

Carlos Caroso foi um interlocutor que me ajudou demasiadamente, me enviou textos escritos por Zahidé Maria Torres Machado Neto, me ajudou para além das entrevistas, com dúvidas que sempre eram respondidas prontamente via *whatsapp*, sempre me mandando alguma lembrança ou algo que havia esquecido de falar. Os textos encaminhados pelo antropólogo foram: *Margaret Mead: um velho-novo livro (ou uma antropologia do sexo)*, *Antropológicas: as Sociedades na Sociedade Segundo Georges Balandier (1976)* e *O problema epistemológico: objeto e método da Sociologia (1982)*. Luzinete Simões me enviou por e-mail fotografias, explicando-as e falando sobre o que tinha conhecimento daquela época, sobre a disciplina que havia feito sobre estudos de mulheres tendo Zahidé Maria Torres Machado Neto como professora.

Além disso, acessei o *site* da Associação Nacional de Pós – Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) no item Encontros Anuais, em que se encontram os anais dos eventos desde a sua fundação, ao acessá-los entrei em contato com dois *papers* produzidos por Zahidé Maria Torres Machado Neto: *A força do trabalho no espaço do bairro (1981)* e *Funcionária Pública: a dona de casa nas “repartições” (1980)*.

A minha leitura e análise dos escritos e dos documentos foi a partir da estratégia metodológica designada contracorrente, *against the grain*, que possibilita abordagens críticas e imaginativas de fontes tradicionais, escavando vozes subalternizadas e silenciadas, e dessa maneira resgatando agências, percepções daqueles (as) situadas à margem dos registros oficiais. (LOWENKRON, FERREIRA, 2020)

No primeiro momento eu ia até o arquivo da FFCH-UFBA localizado no “Casarão”, uma construção antiga em que estão localizados os colegiados, departamentos, alguns grupos de pesquisa, conhecido também por ter o mirante onde podemos ver a Igreja de São Lázaro e o mar da Ondina.

No meu primeiro contato para a execução desta pesquisa de mestrado, fui ao setor do arquivo, onde me dediquei a ouvir Marli³¹ que me contou de como em 2010, ao assumir a

³¹ Usarei um nome fictício como não sei se ela me permitiria ou não o uso do seu nome, resolvi deixar o nome fictício, até pelo motivo de entrar em contato com ela em 2019 quando já estava aposentada via e-mail para

coordenação do então “criado” Arquivo da FFCH-UFBA, mesmo não sendo da área, se deparou com um local pouco favorável para consultas e permanência, sendo a limpeza e organização sua responsabilidade³², fazendo com que ela procurasse o Núcleo de Gerenciamento de Documentação da Universidade e Arquivo que é formado por profissionais especializados. Nesse período, então, houve uma limpeza, organização, catalogação, identificação, de acordo com o grupo de documentos, já que não precisavam de restauração. Entretanto, foi somente, em 2012 que a CAD (Coordenação de Arquivo e Documentação), em uma visita técnica estruturou o Arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. A partir de então Marli passou a dar continuidade à organização estruturada por eles de materiais que chegaram posteriormente.

Marli é formada em Química, e justamente por eu compartilhar com ela vivências parecidas no que diz respeito aos seus problemas de saúde, que eu soube como se deu sua trajetória do ambulatório de farmácia, para a coordenação do Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), e, por fim, transferida por questões de saúde para o centro de arquivo da unidade. A partir dessas conversas percebi que a sua trajetória está diretamente ligada com a “criação”³³ do arquivo do FFCH, o que é importante para compreender sobre a preservação da memória de Zahidé Maria Torres Machado Neto. Sendo assim, a chegada de uma funcionária pública fez com que se “criasse um arquivo” e o que me pareceu em um primeiro momento uma solidão do indivíduo em uma sala de um prédio antigo passou a ser entendido como um espaço de relação interpessoais e das relações profissionais.

O arquivo não é um lugar “morto”, não dotado de relações sociais, e, sim, um ambiente que possui ligações com a vida social acadêmica. Nesse sentido, o entendimento da contextualização, da lógica e da categoria do arquivo, quem “consome” e como os faz serão fatores de suma importância para esta etnografia.

Dessa maneira, o meu retorno ao campo foi diferente dos primeiros contatos que tive com os documentos quando fui bolsista em 2015, naquele período realizei os primeiros levantamentos sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto, o que subsidiou esta etnografia. Quando retornei ao campo obtive informações que até então não eram conhecidas por mim. Isso demonstra como o acesso ao campo é (re) negociável ao longo da pesquisa e que não

perguntar se ela me concederia uma outra entrevista, mas quem me respondeu foi sua irmã falando, que ela estava prestes a fazer um procedimento cirúrgico, então usei Marli.

³² Os Documentos em si não necessitavam de restauração.

³³ O ambiente com as documentações já existia, mas não era organizado como um acervo da FFCH-UFBA.

podemos adentrá-lo com critérios fixos do que é ou não acessível ou de quem será ou não nossos informantes e quais informações serão obtidas. Devemos, assim, ter em mente que os caminhos percorridos não serão ou são estáveis. (HAMMERLEV, ATKINSON, 1994)

O acervo da FFCH – UFBA é composto pelos seguintes arquivos: dossiês acadêmicos; cadernetas escolares; planejamento acadêmico; ofícios; processos; editais de seleção; alguns programas e ementas; históricos escolares; e, “pequenos arquivos” sobre Isaias Alves; Pedro Agostinho; e, o da própria Zahidé Machado Neto, que estava sendo reorganizado em 2019 para uso público e para fins de digitalização. O arquivo é composto por memórias de professores e de alunos, que assim como eu passaram pela instituição durante a graduação e pós-graduação. As matrículas e documentos que são gerados ao longo da nossa trajetória acadêmica constituem, portanto, o *corpus* do acervo da FFCH-UFBA, que pode se tornar fonte de material de memória.

Gustavo Onto (2020) realizou uma pesquisa etnográfica no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) vinculado ao Ministério da Justiça, sua pesquisa com os documentos da instituição foi útil para que eu entendesse as agências da forma documental, que seriam os diferentes acessos por diferentes pessoas de uma mesma instituição, como também pelos os “usuários” que vão até esses espaços de arquivo, assim como quando um documento se torna confidencial por uma fundação, organização demarcando as posições e condições de intervenções, no caso desta etnografia a FFCH-UFBA. Documentar é tanto organização e a circulação dos documentos como também o registro escrito dos conhecimentos das instituições que os produzem.

práticas de documentações podem ser compreendido - utilizando os dois sentidos do verbo “documentar”: como a organização e circulação de artefatos documentais e como a produção escrita de conhecimento – são imprescindíveis à construção de objetos ou realidades econômicas [...] e das entidades que, supostamente externas à vida econômica, as regulam e as controlam (ONTO, 2020, p.55).

A ficha de Zahidé Maria Torres Machado Neto na organização que estava sendo feita no ano de 2019 começava com a pasta 1 com os dados como nome, nome do pai e da mãe, data de nascimento e o primeiro documento era a Ata da Reitoria afirmando que a socióloga havia sido aprovada para concurso de professora assistente, datado em 12/06/69 e o documento posterior se tratava da portaria de 26/01/71, que a nomeava como professora adjunta.

No início da minha pesquisa o meu campo era o acervo da FFCH – UFBA, localizado em São Lázaro. Em 2019, Marli já estava aposentada, e quem se tornou responsável pelo lugar do arquivo foi Diziomar, que antes trabalhava na biblioteca. A conheci quando eu ainda era da

graduação, a biblioteca tinha acesso restrito e os estudantes não possuíam livre acesso para os livros, ela ou “Seu Davi”³⁴ eram responsáveis por pegar os livros para os alunos.

No dia vinte e seis de março de 2019, Dizimar me informou que a então Diretora da Faculdade, Maria Hilda, não queria que os pesquisadores tivessem acesso aos arquivos, ao lugar em que eles ficam guardados e que a política do manual³⁵ não me permitiria mais ter acesso a alguns documentos de cunho pessoal.

Enquanto eu fazia a minha pesquisa, alguns episódios foram importantes para refletir sobre pesquisas antropológicas em acervos: o primeiro momento foi quando entrou uma ex-colega minha do curso de Ciências Sociais na sala do casarão que fica localizado o arquivo e se direcionou à mesa de Dizimar que era logo à frente da grande mesa que fica à disposição de quem vai fazer uso de documentos. Essa ex-colega estava ali fazendo um favor para outra colega que tinha ido para o Uruguai terminar o curso e estava precisando de algumas ementas de disciplinas que cursamos durante a graduação em Ciências Sociais. Eu estava sentada na ponta da mesa, do lado oposto ao lado que ela estava, de pé de costas para mim, como estava fazendo anotações continuei de cabeça baixa, pois estava totalmente no mundo de Zahidé. No entanto fui surpreendida por ela quando se aproximou da cadeira onde eu estava sentada e começou a conversar comigo enquanto esperávamos Dizimar, que procurava uma ementa específica que acabou não encontrando. Segundo Dizimar, a pasta do Curso de Ciências Sociais é a mais bagunçada em relação a esse quesito e a de antropologia é a das três áreas (antropologia, sociologia, ciência política) a mais organizada, ela estava à procura de uma ementa de uma disciplina de ciência política.

Os outros momentos de sociabilidade no acervo foram quando Dizimar atendeu o telefone e respondeu a pessoa que estava do outro lado da linha que não seria possível ele ir naquele dia pois eu estava lá naquele momento e que depois de mim outra pesquisadora iria fazer seu trabalho sobre Pedro Agostinho, afinal, de acordo com as regras, só é permitido um pesquisador por vez. Ela já havia me dito isso quando depois da aula que estava fazendo tirocínio³⁶ resolvi passar no arquivo para dar continuidade ao trabalho de campo, já que estava por São Lázaro, e dessa maneira eu não precisaria retornar outro dia. No entanto quando cheguei lá Dizimar falou com um tom de advertência: “eu já te disse tem que agendar”, ou seja, nesse

³⁴ Nós estudantes nos referíamos a ele assim, foi aposentado, não faz mais parte do quadro de funcionários da biblioteca FFCH-UFBA

³⁵ Dizimar, no entanto, não informa qual seria esse manual, mas imagino que seja um manual de diretriz para orientar o manuseio dos documentos e o acesso ao acervo.

³⁶ Durante o mestrado acompanhamos uma turma de antropologia com um professor ou professora e durante a disciplina também ministramos aulas.

dia não consegui fazer a pesquisa, pois outra pesquisadora já estava por lá. Do ponto de vista da estrutura do acervo não é muito grande, a sala tem apenas uma mesa grande para quem for fazer pesquisa, e mais duas mesas pequenas, um armário, e o “ambiente do acervo”, propriamente dito.

Figura 4: Fotografia do arquivo da FFCH-UFBA



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal, 2019.

Figura 5: Fotografia do arquivo da FFCH-UFBA



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal, 2019.

Quando eu ia até o arquivo eu sentava e analisava cada documento, cada detalhe, assinaturas, os nomes dos documentos se eram atas, cartas, boletins, relatórios, anotava tudo no meu caderno, copiando todo o conteúdo como também fazendo reflexões a partir do que tinha de conhecimento teórico como de próprias informações sobre a socióloga. Passava horas a fio escrevendo, usava uma cor de caneta para copiar os conteúdos dos documentos e outra para as minhas epifanias e divagações. Sempre de máscara, apesar do ambiente limpo e documentos bem cuidados, a rinite e sinusite atacavam se eu não tomasse esse cuidado, as luvas que durante o ano de 2015 era algo tido como “obrigatório”, agora eram usadas se os usuários quisessem, eu passei a não usar, pois suava muito a mão.

Com a pandemia e a Universidade fechada não poderia mais frequentar o acervo da FFCH-UFBA então fiz *downloads* dos documentos do Repositório da UFBA e continuei com

meu cadern,o anotando os pormenores dos documentos e refletindo sobre cada informação. Os arquivos consultados foram: Zahidé – ditadura; seleção da banca de Zahidé; relatório de atividades do mestrado 1980; Zahidé – orientação- tirocínio de Dorothy; pasta dossiê de alunos de Zahidé; parecer credenciamento pós-1976; ofício Edgar Santos- diploma Zahidé – 1960; matriculados no mestrado – Zahidé; fotografia de Zahidé; fotografia de Dora Leal Rosa; folder do mestrado de 1971 assinado por A.L. Machado Neto; FFCH; entrevista dos concluintes do mestrado 1978; dossiê de discente de Zahidé de 1958 a 1962; docentes participantes permanentes do mestrado 1976-1982; dissertações apresentadas no mestrado 1969-1977; dissertação de Dora Leal Rosa; diploma bacharel em Direito frente e verso; cursos realizados no mestrado em humanidades; currículo Zahidé 1982; boletim problemas brasileiros – Zahidé- aluna em 1976; ata departamento de sociologia 1970; atas de departamento de sociologia 1969; prova didática concurso professora adjunta; alunos selecionados no mestrado 1970-1976; ata da fundação da faculdade de filosofia; caderneta da disciplina-zahidé-papéis sexuais-1975; caderneta -zahidé- 1974; informativo a situação da mulher no Brasil 1977; ficha-DOPS-Zahidé; matriculados no mestrado - alunos Zahidé; produção de Célia Braga relatório mestrado 1982; produção de Zahidé Machado Neto relatório mestrado 1982; produção discente mestrado 1976-1982; programa Alda Motta de 1987 - desigualdade de gênero; relatório turma sociologia estrutural I de 1974; e, relatório informativo da morte de Zahidé 1983.

Alguns documentos do repositório eu já havia tido acesso durante as idas ao arquivo, então me dediquei aos que ainda não tinha tido contato, e novamente me questioneei: será que uma análise de dados via *internet* é um método etnográfico? Mais uma vez o campo da pesquisa me fazia (re) pensar sobre o fazer etnográfico.

A digitalização de documentos é compreendida como um caminho para complementar soluções relacionadas tanto a preservação como acesso de acervos, a transmissão das informações digitalizadas por meio da *internet* permite maior acesso e agilidade dos conteúdos pelo público, no entanto, para que esses documentos passem pelo processo de rede de computadores para que os usuários possam usufruir das informações, as instituições devem autorizar a técnica de digitalização. Os documentos que passaram por processo de digitalização facilitam pesquisas com o intuito histórico ou outros fins, se faz necessário frisar que igualmente as organizações dos acervos (lugares de memórias) possuem suas regras de cuidados, separação, tratamento e utilização, nos “acervos digitais”, termo que utilizo aqui referentes aos documentos que estão em plataformas digitais, também existem regras como de nomeação de arquivo e estrutura de diretório e de toda uma equipe que é responsável pela rotina de digitalização. (MOREIRA *et al.*, 2007). Os documentos que foram disponibilizados no

Repositório da UFBA, acredito eu, que passaram por uma série de procedimentos que envolvem diversos profissionais para que o conhecimento se torne alcançável em tempos em que as instituições não podem receber pesquisadores e outros usuários.

Ao longo da pesquisa fiz uma organização de todos os tipos de arquivos que acessei como livros, textos e documentos. No entanto, eu não tenho um acervo sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto, pois não se considera arquivo uma coleção reunida por uma pessoa (PAES, 2004, p.20), portanto designei esses documentos que tive acesso, separando -os para uma análise de meus “arquivos de campo”.

Meus “arquivos de campo” foram manuseados com o intuito de preservar a memória de Zahidé Maria Torres Machado Neto como também de outras pesquisadoras que trilharam seus caminhos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia entre a década de 1960 até a década de 1980, e para narrar a trajetórias de algumas, além dos dados dos documentos antes citados, fiz também uma busca em seus currículos *Lattes*.

4.1. MULHERES: NOVOS RETRATOS PARA A FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFBA

Duzentos anos depois, escrevi pela primeira vez todos os nomes da minha família [...] depois enchi muitos tabletes com as histórias do início, das mulheres que remontavam ao Tempo Antes da Lua (RICE, 1990, p. 512)

Londa Schienbinger (2001) afirma que o feminismo foi importante para a presença e história das mulheres nas ciências, fazendo com que a questão de gênero fosse debatida nas diversas áreas do saber, cada uma a partir de suas perspectivas; evidenciando que a ciência não possui um gênero neutro, e que valores foram atribuídos às mulheres, excluindo-as da produção de conhecimento, e que existe uma desigualdade de gênero nessa produção e estrutura acadêmica. No entanto, segundo Schiebinger (2001), além de apontar os obstáculos que as mulheres enfrentaram, enfrentam dentro do meio acadêmico, se faz necessário oferecer novas perspectivas, novos projetos de pesquisas e prioridades.

A crítica pela crítica não seria um caminho para colocar as mulheres em “quadros” fixados no “pátio antigo, de onde se vê o mar, perto da direção” em resposta a um dos *e-mails* que mandei para a socióloga Luzinete Simões sua resposta foi:

Pode ser que esteja equivocada, mas me parece que seria mais instigante se a sua pesquisa pudesse focalizar as pioneiras da FFCH, identificando as primeiras professoras, suas áreas de formação, suas trajetórias profissionais etc. Sei que seria complicado incluir todas, mas ao menos duas ou três de áreas diferentes. Então Zahidé poderia ser contemplada, junto com outras que embora não tenham sido feministas, foram pioneiras e muitas vezes desafiaram a ordem patriarcal. **Lembro que havia quadros antigos (gravuras desenhadas sobre fotos) dos diretores fixadas no pátio antigo de onde se vê o mar, perto da Direção.** Não lembro se ainda estão por lá. Havia apenas homens. Quem teria sido a primeira diretora? A primeira chefe de depto? (Diário de campo, 2019, grifos meus).

Com essa resposta decidi fazer um capítulo sobre algumas mulheres que compartilharam o mesmo espaço - tempo com Zahidé Maria Torres Machado Neto, quais as relações entre elas? quem eram essas mulheres? Antes de continuar a falar sobre a presença feminina na FFCH-UFBA entre o fim da década de 1960 a início da década de 1980, fiz o exercício que Luzinete Simões me propôs, então perguntei a Carlos Caroso, que sempre me ajudou de maneira gentil na escrita dessa jornada, se por acaso saberia me responder quem teria sido a primeira diretora da Faculdade, já eu que não havia encontrado respostas em documentos, *site* da FFCH.

Carlos Caroso afirmou que poderia estar enganado, pois conhecia a história da faculdade de 1972 em diante. Segundo o antropólogo, Eliana Barbosa foi vice-diretora na década de 1980 e Sylvia Maia foi diretora em 1990, Lina Maria Brandão de Aras em 2005, que hoje é a chefe do departamento de história. A diretoria da FFCH – UFBA atualmente é Profa Maria Hilda Baqueiro Paraíso e tem como vice-diretora a Profa Iole Vanim Macedo.

Michelle Perrot (1989) em um estudo sobre os arquivos públicos afirmou que esses se construíram a partir do olhar de homens sobre homens, calando dessa maneira as vozes das mulheres e, dessa maneira, ocasionando um apagamento da memória das mulheres no que tange ao setor público. Às mulheres cabiam cuidar da memória privada, da família e essas lembranças por muitas vezes não deveriam ser expostas. Segundo a autora o feminismo fez com que surgisse uma interrogação sobre a vida das mulheres esquecidas, fazendo – se necessário acumular dados e instituir lugares de memória dedicados às mulheres. Pois no teatro da memória as mulheres se tornaram sombrosas tênues, então a autora conclui que trata-se de uma “forma de relação com o tempo e com o espaço, a memória, como existência da qual ela é o prolongamento, é profundamente sexuada” (PERROT, 1989, p.18)

Fernanda Azeredo de Moraes (2012)³⁷ assinala a importância de se estabelecer as “contra linhagens” de filiação, isto é resgatar uma memória distinta da que conhecemos sobre os grandes nomes que compõem as Ciências Sociais e que em sua maioria são homens. A ideia, portanto, é resgatar a memória daquelas que foram nossas avós, tias, madrinhas no âmbito acadêmico. Isso porque a linhagem de filiação pressupõe uma “relação parental” entre as autoras e suas obras, destacando essas mulheres professoras/pesquisadoras e suas contribuições teóricas, suas trajetórias pessoais e nesse sentido multiplicando as vivências institucionais, a complexificação dos cânones e enriquecendo-o. Na literatura também podemos perceber por parte de algumas autoras a preocupação com a memória da história das mulheres como, por exemplo, no romance *A rainha dos condenados* (1990) a vampira Maharet cuidou de fazer a linhagem da sua família mortal através das mulheres, algo que de certa maneira Fernanda Azeredo (2012) nos propõe que façamos com a nossa linhagem acadêmica, observando as mulheres que fizeram parte desta história e nos antecederam.

Do ponto da árvore genealógica acadêmica algumas das nossas avós, tias e madrinhas da FFCH -UFBA fizeram parte da nossa história e contribuíram para a nossa formação epistemológica. Para tanto seguirei a linha de raciocínio de Candice Vidal e Souza (2021) de não criar um parâmetro da trajetória intelectual das mulheres acadêmicas, pois de acordo com a antropóloga, ranquear é criar hierarquizações dentro de uma totalidade de disputas e competições internas e é justamente o que não pretendo com esta dissertação. Trarei aqui as que posso considerar nossas tias, as madrinhas e suas relações, inclusive as disputas, os atritos, que foi algo que apareceu nas entrevistas, mas sem um juízo de valor sobre as posições que ocuparam dentro da instituição.

Apesar das famílias nucleares de Alda Britto Motta e Zahidé Maria Torres Machado Neto já conviverem no mesmo espaço social, a aproximação entre elas só se deu com o reencontro na FFCH-UFBA quando Alda Motta foi aluna da cientista social, escolhendo Zahidé Maria Torres Machado Neto para ser sua orientadora. Elas mantinham uma relação de amizade e coleguismo, de tal modo que eventualmente escreviam em colaboração, como um trabalho sobre orçamento e tempo de trabalho doméstico para o encontro da ANPOCS. Alda Motta continuou sua carreira; fez o mestrado em Ciências Sociais em 1977, dez anos depois ela ministrou uma disciplina para o primeiro semestre do Mestrado em Ciências Sociais que foi

³⁷ Josildeth Gomes Consorte é uma pesquisadora ativa e esteve presente na faculdade ainda quando era o formato de Anísio Teixeira durante a década de 1940/1950. Fernanda Azeredo a entrevistou e em sua dissertação fala sobre a carreira acadêmica de Josildeth e a questão da conjugalidade.

Sociologia das Desigualdades Sociais (A desigualdade de Gênero). Fez o doutorado em Educação em 1999 pela Universidade Federal da Bahia, quando antes foi Professora Visitante na *Brown University* em 1990 e na *University of Cambridge* em 1995. Hoje é uma das pesquisadoras do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) e suas pesquisas são voltadas para gênero, geração, envelhecimento e velhice. Continua ativa, uma socióloga, de fala calma e tranquila, que me recebeu com muito carinho, em sua sala no segundo andar do prédio do NEIM, o espaço não é grande, mas ela o torna aconchegante, tem uma estante de livros, daquelas de metal em que se fecha as portas com chave e uma mesa com um computador.

Outra interlocutora que eu já mencionei anteriormente e tive o prazer em entrar em contato foi Luzinete Simões Minella. Nos anos 1970 quando era graduanda, era na verdade orientanda de A.L. Machado Neto, mas participou de pesquisa coordenada por Zahidé Maria Torres Machado Neto e Célia Leal *Garimpo e Garimpeiros na Bahia*. Pelos relatos em entrevistas, tanto de Carlos Caroso e Jeferson Bacelar, Luzinete Simões era próxima ao casal Machado Neto. Fez seu mestrado em Ciências Sociais (1977) e o doutorado em sociologia pela *Universidad Nacional Autónoma de México* (1989) e hoje é professora adjunta e aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), suas pesquisas são sobre participação das mulheres nas ciências, gênero e saúde reprodutiva, gênero e infância e saúde mental. Eu não cheguei a conhecê-la pessoalmente, apenas trocamos *e-mails*.

Infelizmente eu não tive a oportunidade de entrevistar Célia Maria Leal Braga por conta da sua idade mais avançada, talvez a pessoa que poderia me falar sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto com mais profundidade, posto que as pesquisas no acervo e os relatos de entrevistas apontam que havia uma parceria intelectual entre ambas. Jeferson Bacelar em entrevista afirmou que naquela época já era uma intelectual madura e trabalhava conjuntamente com a socióloga que é o foco dessa dissertação, afirmando ainda que Zahidé Maria Torres Machado Neto orientou a sua parceira intelectual. Em 1970 Célia Maria Leal Braga defendeu sua dissertação intitulada *Relações de trabalho no mundo rural: um estudo de mudança*. No repositório da UFBA encontrei um documento intitulado Produções Célia Braga – Relatório mestrado 1982, onde consta algumas das suas produções: *O Itinerário do Desvio*, tese de doutoramento na USP; *Conceitos Fundamentais da Etnometodologia* mestrado em Ciências Sociais – UFBA em 1977; *Uma sociologia dos modelos de interpretação da mudança social: desenvolvimento e subdesenvolvimento* em co-autoria com Zahidé Maria Torres Machado Neto pelo Mestrado em Ciências Sociais -UFBA em 1977; *O Kardecismo em Salvador* mestrado em Ciências Sociais (1977); *Em torno do desvio* pela Revista Ciência e Cultura, São Paulo, 1981; *Trabalho e delinquência* apresentação na SBPC, 1981; *O problema do artesanato na Bahia*

comunicação no II Seminário do Nordeste em 1975; Participação no Seminário do Desenvolvimento Social realizado em Salvador em julho de 1976; Participação no Encontro de Política Científica no Nordeste promovido pela Universidade Federal da Paraíba em 1977; *O Problema da pesquisa em Ciências Sociais: considerações e experiências* apresentado no Seminário sobre Aspectos e Perspectivas da Institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, Rio de Janeiro 1977. A parceria intelectual entre duas mulheres de comportamentos e personalidades distintas não foi obstáculo para uma grande amizade, penso isso a partir do relato de Carlos Caroso que comparou a jeito de ser de Célia Braga, como uma mulher mais comedida e católica, enquanto sua amiga Zahidé era mais expansiva e aberta.

No departamento de Ciências Sociais da FFCH - UFBA Zahidé Maria Torres Machado Neto possuía suas desavenças, Jeferson Bacelar contou que havia uma briga ferrenha entre Zahidé com outra professora: “tá entendendo, uma disputa, é pelo poder, não deixa de ser pelo poder e por princípios também, passado, pais no meio, enfim uma série de problemas (...) brigas homéricas natureza teórica e pessoais. como uma mulher “braba” não era de engolir nada de ninguém”. Essa tensão também apareceu na fala de Carlos Caroso, a disputa se dava entre Zahidé Maria Torres Machado Neto com Maria Brandão, filha de Thales de Azevedo: “Ou então você era de um ou de outro grupo de pesquisa, e o grupo de Zahidé nunca era visto como de Zahidé era como Machado”, ainda de acordo com Carlos Caroso a socióloga tinha uma relação próxima a Marília Muricy, discípula do seu marido, mas que depois houve um afastamento entre as duas. Então Zahidé Maria Torres Machado também possuía suas desavenças com outras mulheres no círculo acadêmico baiano.

Maria David de Azevedo Rebouças Brandão, uma das oito filhas de Thales de Azevedo, é graduada em Ciências Sociais pela UFBA no ano de 1956, fez especialização em Antropologia Cultural pelo Museu do Índio, especialização em Antropologia pela *Columbia University* em 1961, mestrado em sociologia pela *University Pennsylvania* no ano de 1969 e pós-doutorado pela *Université de Paris III* em 1983. Já atuou como professora visitante na UFBA e foi responsável e pesquisadora do projeto que tinha como objetivo “guardar” a memória do seu pai: *Projeto Individual Preservação do Acervo Pessoal Thales de Azevedo*, também trabalhou como planejadora da cidade de Camaçari e foi membro da Diretoria da Sociedade de Estudo da Cultura Negra.

As disputas, os desentendimentos por parte de intelectuais para alguns cargos ou dentro dos departamentos não é algo novo no meio acadêmico brasileiro. Adelia Miglievch – Ribeiro (2015) apresenta como se deu a disputa entre Heloísa Alberto Torres, Arthur Ramos (1903-

1949) e Marina São Paulo de Vasconcellos (1917-1973) pela cátedra de Antropologia e Etnografia da Universidade do Brasil, criada em 1935 por Anísio Teixeira (1900-1971).

Quanto a relação de Zahidé Maria Torres Machado Neto e Marília Muricy Machado Pinto podemos afirmar que mantinha maior proximidade com A. L. Machado Neto do que com sua esposa e conforme afirmou Carlos Caroso, em entrevista, o jurista influenciou a sua “discípula”, no entanto foi Zahidé Maria Torres Machado Neto quem a orientou no Mestrado em 1973 pela Faculdade de Direito da UFBA. Marília Muricy fez sua graduação em direito em 1967 e o doutorado em Filosofia do Direito na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP) em 2006. Sabe-se que lecionou na Faculdade de Direito da UFBA, porém não encontrei o período exato, não podendo afirmar se ainda é professora ou não da instituição. Atuou também na Universidade Católica de Salvador, entre os anos de 1997 a 2000, na Universidade de Salvador (UNIFACS), de 1993 a 2003, participou da Comissão Ética Pública da Presidência da República de 2009 a 2012 e assumiu o cargo de diretora e secretária na Secretária de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Estado da Bahia de 2007 a 2009. Uma mulher que podemos perceber ser apaixonada e ativa na área de Direito. Marília Muricy estava na mesma lista que Zahidé Maria Torres Machado Neto do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) sobre organização feminista na Bahia.

Vale mais uma vez frisar a importância de se resgatar a história das mulheres que ocuparam cargos de liderança institucional no meio acadêmico. Quando fui indagada via *e-mail* por Luzinete Simões sobre quem teriam sido as primeiras diretoras da FFCH-UFBA ou as primeiras coordenadoras dos departamentos, essa foi uma das perguntas que me acompanharam ao longo dessa pesquisa e como afirmei anteriormente fiz o possível para resgatar essa história. Coloquei aqui então “um quadro” na parede da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, uma fotografia de uma mulher, Dora Leal Rosa. Graduada em Ciências Sociais em 1969 posteriormente fez o Mestrado em Ciências Sociais, sob a orientação de Zahidé Maria Torres Machado Neto e em 1999 fez seu doutorado em Educação, toda sua trajetória intelectual foi na UFBA. Além de ter sido professora tanto na graduação como na pós-graduação na instituição, ocupou cargos de Direção e administrativos na Pro- Reitoria de Planejamento e Administração durante o período de 2004 a 2007, foi diretora geral da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia entre 2007 a 2009 e ocupou o cargo de Reitora da Universidade Federal da Bahia entre os anos de 2010 a 2014.

Figura 6: Quadro de Dora Leal Rosa na Reitoria da UFBA.



Fonte: Repositório da UFBA.

O intuito de colocar outras mulheres na história de Zahidé Maria Torres Machado Neto se deu pelo meu próprio caminho acadêmico e interesse pela antropologia feminista, então fiz um exercício de incluir outras histórias de mulheres que se relacionaram de uma maneira amigável ou com tensão com a cientista social, advogada, mulher e mãe que foi a “protagonista” da minha pesquisa. Essas mulheres ocuparam lugares e cargos importantes ao longo dos seus percursos, mulheres que acessaram a Universidade em um momento que ainda não era muito “habitada”.

A posicionalidade etnográfica é um fator determinante para as epistemologias feministas, tendo em vista o gênero como um demarcador condicionante da experiência de campo e na produção de conhecimentos que deve ser articulado com outros marcadores sociais

e sendo necessário reconhecer a relação de poder entre pesquisador e pesquisado e as mudanças de posições entre os sujeitos implicados. Essa posicionalidade etnográfica seria um ponto de partida para se pensar a etnografia feminista como afirma Cecília Sardenberg (2014).

A etnografia é o meio que a antropologia, feita sob a influência do feminismo, parece estabelecer a sua especificidade no campo da teoria feminista. A universalidade da opressão da mulher passa a ser questionada a partir dos processos sociais que a etnografia revela, associada à interação entre situação, contexto e sentido, permitindo, dessa maneira, revelar as complexidades das experiências culturais relativas ao gênero, as variações de sentidos a ele atribuído, e as variadas formas que eles são vivenciados e ressignificados, de acordo Alinne Bonneti (2011).

Essa antropóloga também reconhece ser rentável para a antropologia feminista que se utilize o conceito de gênero como foi proposto por Marilyn Strathern (2006). O feminismo não estava interessado na relatividade da antropologia, e acabou “caindo” em um erro antropológico de buscar uma característica universal em todas as culturas, que seria, nesse caso específico, o das mulheres e da universalização da subordinação das mulheres, ponto abordado por Marilyn Strathern (id.). A antropóloga, no entanto, faz uma crítica à antropologia por querer transformar os estudos feministas em *studies*, como se não fosse uma metodologia importante de pesquisa antropológica, afirma que as questões das mulheres nunca foram um problema apenas sobre as mulheres, mas de gênero. A autora conclui que o trabalho da antropologia é justamente o de descobrir a presença ou ausência da predominância masculina, e, por conseguinte, revelar as relações de gênero em determinada sociedade, sem ir até os outros já com conceitos ocidentais pré-determinados.

Esta dissertação ao revisitar a obra e os feitos por Zahidé Maria Torres Machado Neto contextualizando – a na FFCH -UFBA entre o final da década de 1960 e início dos anos de 1980 e quais outras personagens femininas também estavam naquele círculo intelectual, teve como objetivo colocá-las dentro da história da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. A antropologia feminista ao abordar questões de metodologia etnográfica me serviu para ponderar sobre a experiência dessas mulheres na instituição e o porquê de Zahidé Maria Torres Machado Neto não ter um reconhecimento dentro dos estudos sobre as mulheres hoje em dia, principalmente na Universidade e no curso que ela ajudou a construir.

Esta dissertação se enquadra nesta última linha de pesquisa abordada por Luzinete Simões (2012) sobre os estudos que visam resgate histórico de personalidades femininas. Neste artigo Luzinete Simões (2012) versa sobre o crescimento dos estudos de Gênero e Ciências no Brasil, destacando as lacunas e os avanços que esses estudos apresentam. Entre as linhas de estudos

que se propõem estudar gênero e ciência existem aquelas que: monitoram o grau da participação feminina dentro ambiente acadêmico, observando o crescimento das mulheres nesses espaços; as pesquisas que demonstram o aumento do número de publicações feitas por cientistas mulheres; e aquelas linhas de pesquisas que se debruçam sobre a história de mulheres, antropólogas, sociólogas e suas contribuições.

As lacunas são referentes à interseccionalidade, pois esses estudos trazem mais as assimetrias de gênero, sendo as categorias geração e condições sócio econômica utilizadas com mais frequência, ou seja, os marcadores sociais de raça e etnia ainda são poucos abordados, enquanto que os avanços relacionados a esse tipo de pesquisa são de ordem teóricas, metodológicas e políticas. Acerca da questão pude perceber nesta pesquisa sobre Zahidé Maria Torres Machado Neto que assim como ela, outras intelectuais são oriundas das classes médias, no entanto a questão racial é algo que não abordei pois não foi citado nem pelos entrevistados e nem encontrado nos documentos, mas assumo que essa lacuna deve ser preenchida formando uma futura agenda de pesquisa.

5.TEMPO: O QUE GUARDAMOS E O QUE SE DESVANECE

“[...]O tempo, chama-se tempo” Zahidé não teve o impacto do ponto de vista acadêmico teve muito mais do ponto de militância e ela passou a militar, passou a ser a razão da vida dela, e, isso nunca tinha feito antes e isso morre com o tempo (...) mais esses pensamentos importantes porém menores e localizados a tendência é essa, no caso de Zahidé ela tem a importância na militância muito forte, teve o NEIM que homenageia ela com frequência, ela é reverenciada, tudo mais (...) então é isso como é que a gente esquece as coisas, que marca a memória, tô te falando de gente, que vai desaparecer todo mundo (...) o tempo, livro sociologia com Machado Neto foi muito discutido, mas ficou ultrapassado [...]” (Entrevista à autora - Carlos Caroso, 13 de junho de 2019)

Por fim, chegamos ao final do percurso da vida intelectual de Zahidé Maria Torres Machado Neto, começo esse capítulo com uma inquietação : por que uma mulher de personalidade tão marcante, que participou da implementação do curso de Ciências Sociais, foi uma profissional ativa na UFBA, e, pioneira, na Bahia, nos estudos sobre as mulheres, foi se desvanecendo com o tempo? Se por um lado dei os primeiros passos para entender a trajetória de Zahidé Maria Torres Machado Neto, a partir de notas de jornais da época da sua morte, com o intuito de saber quais eram os discursos sobre a socióloga no ano de 1983, por outro lado ao longo do meu caminho acessei “atalhos” da memória de alunos, orientandos e da sua possível orientadora, o que me serviu para compreender o passado com um olhar das lembranças do hoje. No dia 16 de abril de 2021, em um evento *online*, organizado pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFBA, a professora Maria Rosário Carvalho, que foi aluna de Zahidé Maria Torres Machado Neto, afirmou como ela era acolhedora e que o ambiente naquela época, apesar de haver dissonâncias, era permeado por discussões teóricas, os debates existiam como uma tentativa por parte dos professores, inclusive Zahidé Maria Torres Machado Neto, de criar um ambiente simétrico. A antropóloga disse ainda que ela era uma mulher além do seu tempo, uma mulher exuberante que se vestia de forma jovial, sendo motivos de murmurinhos na FFCH-UFBA e que possuía uma personalidade forte, de uma grande capacidade intelectual.

Alda Britto Motta me disse em entrevista que com relação ao pioneirismo de Zahidé Maria Torres Machado Neto, no que diz respeito aos estudos sobre a mulher e gênero, o NEIM, a homenageia e mantém a lembrança e esse tributo a ela. Uma mulher que foi bem importante, que era criativa e que por estar em um espaço competitivo entre dois grupos que se opunham, em que se presenciava birras com pessoas, isso não facilitava, pois no departamento existia uma

rixa e ela estava nas discussões. Era bem o início dos estudos das mulheres também, e seu reconhecimento e a sua valorização se dava mais fora da Bahia do que aqui dentro, mas ela foi pioneira e merece ser lembrada como tal, como uma mulher pioneira, vivaz, cheia de ideias. No entanto, ela morreu e vieram novas gerações que não a conheceram, então isso ajudou a dissolver a lembrança das pessoas.

O antropólogo Jeferson Bacelar, quando perguntei a ele o que haveria motivado o esquecimento da sua orientadora, amiga e professora, me respondeu que Zahidé Maria Torres Machado Neto não havia sido esquecida simplesmente pelo que estudava, pois eu havia o perguntado se esse seria um dos fatores para tal esquecimento. Então ele me fez uma pergunta retórica “*pergunte aos seus colegas se alguém sabe quem sou eu?*”, se assustou ao ter a resposta não esperada que ele havia sido professor da minha turma já quando estava prestes a se aposentar, surpreendido com minha resposta passou um momento refletindo e então concluiu:

“Mas a faculdade de filosofia é uma unidade que prima por desprezar quem envelhece, envelhecer ali é crime, (...) os livros de Vivaldo foram postos fora da sala por exemplo (...) todo mundo é ofuscado ali, são todos que se aposentam (...) não produz mais, então desaparece, Vivaldo reclamava disso (...) você é mais procurado por gente de fora do que por gente daqui.” (Entrevista à autora – Jeferson Bacelar, 20 de agosto de 2019)

Zahidé Maria Torres Machado Neto atuou ativamente na Universidade Federal da Bahia, porém acabou vindo a falecer de uma maneira trágica, então o período em que a socióloga esteve ali foi um “tempo curto”. Candice Vidal e Souza (2016) em uma pesquisa demonstra como três fatores podem contribuir para o “esquecimento” ou afastamento de antropólogas (os) da carreira acadêmica em instituições de ensino superior, que no caso do seu estudo era Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O primeiro fator seria a distinção no meio acadêmico entre pesquisa e ensino, que impactaria as carreiras científicas das mulheres, uma vez que essas se dedicavam mais que os homens às atividades de ensino, e, mesmo que fossem também pesquisadoras de campo, eram vistas como secundárias em relação aos homens, que eram apenas pesquisadores. Cabe lembrar que também os homens que se dedicavam majoritariamente às atividades de ensino também eram secundarizados. O segundo fator é a relação conjugal, cuja dedicação tomava muito tempo dessas mulheres cientistas, o que ocasionou o abandono da carreira por algumas das pesquisadoras em detrimento de suas famílias e companheiros. O terceiro fator era o período

curto de atividade na universidade, que envolvia diversos motivos, como a circulação em diferentes empregos, o abandono da vida acadêmica, dentre outros, impossibilitando-as de se consolidarem na carreira.

Zahidé Maria Torres Machado Neto se dedicava a um campo de pesquisa ainda novo em seu tempo, teve como companheiro um intelectual renomado e foi professora durante um período curto na instituição. Será que talvez os três fatores pensados por Candice Vidal e Souza (2016) tenham contribuído para que seu legado ficasse guardado nas memórias de alguns e nos documentos? No primeiro capítulo versei sobre como Zahidé Maria Torres Machado Neto consolidou sua carreira intelectual, apontando quais os cursos de graduação, mestrado, especializações que constituíram sua formação, assim como sobre sua docência de Sociologia, quando ministrou disciplinas que já abordavam os seus interesses de pesquisa, e quais as visões de que alguns alunos delas guardavam sobre o seu método de ensino, que não se dava apenas nas classes de aula. No segundo tópico desse mesmo capítulo fiz uma retrospectiva dos cargos que ocupou e da sua contribuição para a consolidação não apenas do curso de Ciências Sociais, mas também da sua participação em projetos educacionais da própria UFBA e outras instituições, ao mesmo tempo que estava presente em eventos, apresentando trabalhos resultantes, tanto das suas pesquisas intelectuais, como também da sua vivência em órgãos institucionais. Já no último item do capítulo fiz uma análise sobre suas obras, contextualizando o que por ela foi escrito com sua vida profissional e qual a posição que detinham sobre determinados temas, como, por exemplos, estudos de mulheres relacionados ao trabalho e o cuidado doméstico; e a epistemologia e metodologia sociológica.

Segundo Zahidé Maria Torres Machado Neto, a sociologia tem como objetos de estudos pessoas e por isso mesmo deve ser “compreensiva e explicativa”, porque como humanos temos a capacidade de entender o outro, mesmo quando julgamos determinados comportamentos. E para isso deve-se fazer uso de metodologias como, por exemplo, entrevistas (estruturadas ou abertas), observação participante, questionário, história de vida e o pesquisador também dotado de subjetividade tem que buscar uma neutralidade, em suas obras fica evidente como a socióloga possuía uma influência do pensamento de Émile Durkheim, como, por exemplo, nos diz que devemos analisar os fatos sociais como coisas para que não se caia nos ideais ou *bias* (comprometimento ideológico).

No segundo capítulo discorri sobre o matrimônio de Zahidé Maria Torres Machado Neto com A. L. Machado Neto. Através de informações obtidas por meio de entrevistas e do resgate de opinião em jornal do ano de 1983, que não expressavam uma visão concordante sobre a relação do casal, ficou evidente que por ela ter sido esposa de um jurista, sociólogo importante,

conseguiu acessar instituições e dialogar com pessoas de outras instituições. Em contrapartida, também sofreu consequências por ser esposa de quem era, as inimizades de A. L. Machado Neto tornaram-se suas e colocando-a assim nas disputas dentro departamento de Sociologia. Ainda neste contexto, Zahidé Maria Torres Machado Neto não foi “ofuscada” pelo seu marido. Mulher de visão tanto soube aproveitar as oportunidades concedidas através da conjugalidade para construir a sua própria carreira intelectual e acadêmica, como também aprendeu a enfrentar as adversidades causadas pelo sobrenome Machado Neto.

Durante a pesquisa apareceu que entre o casal existia uma troca intelectual, apesar de campos de estudos distintos e era com Antônio Luis Machado Neto que a socióloga dialogava, no entanto, prestando mais atenção em algumas falas e nos documentos, Célia Braga era uma intelectual central no que diz respeito a parceria acadêmica. Além disso pude perceber que Zahidé Maria Torres Machado Neto estava muito mais envolvida com as questões de ensino, orientações e pesquisas do que seu marido, pois tanto Luzinete Simões como Marília Muricy que eram orientandas do grupo de pesquisa de A.L.Machado Neto tiveram Zahidé Maria Torres Machado Neto como a orientadora das suas dissertações. O jurista estava mais envolvido com as questões burocráticas do Mestrado de Humanidades.

No capítulo sobre a etnografia no arquivo pensei e repensei sobre o que é o fazer etnográfico, pois ao me deparar com um campo antropológico que era novo para mim e que ainda está se constituindo na antropologia cheguei a conclusão que as relações sociais, as atividades humanas estão em lugares que as vezes não conseguimos enxergar e por isso a observação se torna mais ainda importante, pois é prestando atenção no que olhos não veem, no primeiro momento, que descobrimos novas possibilidades. Conclui também que as “vozes” nem sempre são ouvidas, mas lidas em documentos, livros, textos, *e-mails*, *lattes* e que “escutar” os detalhes dos documentos nos ajudam a resgatar memórias, no meu caso de Zahidé Maria Torres Machado Neto e das mulheres que se relacionaram com a cientista sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Federal da Bahia entre o final da década de 1960 e início de 1980. Entretanto, é importante refletirmos que quando nos dedicamos a estudar o espaço socio científico devemos nos lembrar que mulheres notáveis compartilhavam esse ambiente com as “incontáveis anônimas” como nos demonstra Candice Vidal e Souza (2021).

Do ponto de vista do método, eu e Zahidé Maria Torres Machado Neto partimos de pressupostos diferentes, mesmo a socióloga reconhecendo que os cientistas possuem subjetividade devem tratar os objetos de uma maneira neutra para não deixar as *bias* interferirem nas pesquisas, eu, por outro lado, me aproximo das análises de Miriam Grossi (1992), Cláudia Fonseca (2018) e Candice Vidal e Souza (2016).

Miriam Grossi (1992) antropóloga feminista, traz em seu texto um ponto crucial para o debate feminista, estudos de gênero, que é o da subjetividade. Para a pesquisadora, o pessoal é político, sendo as experiências, vivências e o seu “ser no mundo” é utilizada para suas reflexões e lutas políticas. Não vamos à campo neutro e sem consciência do nosso lugar enquanto mulheres pesquisadoras, nossa biografia individual nos acompanha para além da fronteira da nossa casa, da Universidade e é a partir do seu entendimento e da sua filiação intelectual que Cláudia Fonseca (2018, p.210) argumenta sobre a ética na antropologia, concluindo que:

[..] E temos a responsabilidade, como pesquisadores individuais e como coletividade, de enfrentar, discutir, e negociar esses desafios éticos. Não existe uma instituição que dê conta da complexidade desse desafio. Assim, continuamos discutindo – em todas as etapas da pesquisa, em todos os níveis de administração dos pesquisadores e com todas as plateias que atentam aos resultados – sobre nosso proceder ético. As demandas cada vez mais numerosas apresentadas ao pesquisador servirão (esperemos) para enriquecer essa discussão e não para tolhê-la.

Candice Vidal e Souza (2016) também reflete sobre a importância em se falar de gênero na carreira das Ciências Sociais e do lugar das teorias feministas para ajudar na reflexão sobre a presença das mulheres como pesquisadoras de campo. Dessa maneira, esta dissertação é resultante da minha trajetória acadêmica e militante feminista, quando considerei fazer jus a contribuição intelectual, acadêmica e militante de Zahidé Maria Torres Machado Neto essa decisão foi tomada por perceber que se hoje eu posso estudar mulheres na academia antes de mim houve aquelas que primeiro se dedicaram ao tema e campo de pesquisa, foi necessário que mulheres quebrassem as barreiras para que, assim, gerações posteriores pudessem dar continuidade aos estudos das mulheres, e hoje, também ao que denominamos estudos de gênero. Se por um lado assumo que a minha subjetividade me levou a fazer um resgate da memória da socióloga considerada pioneira nos estudos das mulheres na Bahia, por outro lado não o fiz com o viés ideológico, o que Zahidé Maria Torres Machado Neto acreditava comprometer os estudos, trouxe dados e os analisei através de metodologias e epistemologias, para assim não cair nas armadilhas dos pressupostos que acreditamos como verdade.

Paula Montero (2004) em sua pesquisa sobre as criações dos programas em antropologia na década 70 demonstra a concentração desses estudos no eixo Rio-São Paulo e sua expansão para Brasília, consolidando-se na década de 80 com programas na região Sul do país. A antropóloga Candice Vidal e Souza (2021) compreendem a história das ciências sociais como um problema socioantropológico que deve refletir as dinâmicas históricas, geracionais e regionais (centro e periferia). Segundo a antropóloga, o recorte regional foi “*determinado pelo*

interesse em considerar a dimensão das relações entre centros e periferias do mundo universitário brasileiro, atentando para as distinções regionais internas à totalidade nacional. Como se sabe, essas posições são instáveis, contextualizadas e relacionais. Portanto, evita-se a imputação de classificações fixas dessa geografia do mundo acadêmico brasileiro”. (VIDAL E SOUZA, 2021, p. 141). Esta dissertação não se deteve em um estudo aprofundado sobre as criações dos Programas de Pós – Graduação em Ciências Sociais e os eixos regionais em que primeiramente os programas se consolidaram, no entanto compreendo que se faz necessário refletir sobre qual o lugar que a FFCH-UFBA ocupava nesse circuito sócio acadêmico entre as décadas de 1960-1980.

A regionalidade é entendida por mim como uma categoria necessária para a escrita da história de Zahidé Maria Torres Machado Neto, justamente por ser uma mulher nordestina que conseguiu transitar entre o “centro” e a “periferia”. Em suas andanças acadêmicas ela transitou por intuições do eixo Rio- São Paulo como também do Centro Oeste. Tais andanças se deram tanto para acompanhar o seu marido em seus projetos como também por mérito intelectual próprio. Moveu-se e trouxe novidades “de fora” para “dentro”, ocupou esses espaços intelectuais para depois fazer contribuições tanto administrativas como de pesquisas para FFCH-UFBA. Nesse sentido, me questiono se os caminhos trilhados tanto no Sudeste como no Centro Oeste tiveram por intuito se aperfeiçoar nos “centros” intelectuais, e dessa maneira “inserir” a FFCH- UFBA dentro desse fluxo, com a finalidade de promover diálogos. Questão que foge ao escopo dessa pesquisa. O resgate histórico que fiz de Zahidé Maria Torres Machado Neto a colocom como uma pesquisadora nordestina que contribuiu para a educação no estado da Bahia, ajudou na constituição das Ciências Sociais da UFBA e esteve em cargos importantes para o regulamento dessa autarquia de ensino superior.

Sob pressão do presente, o esquecimento realiza seu trabalho de obliteração. Faz isso com vigor crescente quando o desafio é plenamente político, alimentado por paixões destruidoras da memória. Mas esta não se deixa abolir, se fortalece, revela seus guardiões: os que velam e lutam contra a amnésia coletiva, e também os que a fazem renascer dos escombros de uma ordem que a aprisionava [...] O que está em questão, acima da vontade do saber ou de não saber, é uma concepção do homem, uma antropologia, e, portanto uma política (Georges Balandier, 1999, p.41).

De acordo com Georges Balandier (1999), a memória é constituída por diversos caminhos históricos que buscam compreender nosso passado que podem gerar um embaralhado sobre o que entendemos por espaço, tempo, assim como lugares de memórias. O tempo é uma

criação social do qual dela não se pode estar separado, o tempo não possui existência própria, e a antropologia não é imune ao tempo e acontecimento. Se o tempo é socializado e com significações dessa maneira ele se torna aberto para a criatividade pessoal, permitindo, dessa maneira, que o indivíduo tenha em suas mãos a possibilidade de uma iniciativa de construir um futuro comum e por conseguinte o tempo adquire um valor político, possibilitando que se abra espaços privados incitando ao refúgio, ao enclausuramento.

O tempo esvaneceu a *persona* de Zahidé Maria Torres Machado que contribuiu para a constituição das Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia assim como fomentou os estudos sobre as mulheres na FFCH – UFBA, sendo considerada a pioneira nesse campo de pesquisa. Sobre sua militância pouco se sabe, é sabido que esteve envolvida em movimentos políticos das mulheres, feministas e que lutou contra a ditadura, porém como se deu a participação da socióloga nessas lutas é algo não “dito”. Porém, Zahidé Maria Torres Machado Neto rompe com o seu “enclausuramento” no presente. Como, por exemplo, a fundação de um campo de pesquisa que possibilitou outras pesquisadoras que viessem depois pudessem estudar sobre mulheres e gênero na Universidade Federal da Bahia como é meu caso e a possibilidade de hoje existir a UFBA um núcleo de estudos voltado para pesquisa sobre mulheres, feminismo, gênero e sexualidade, o NEIM.

Para Bell Hooks (2015), a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária isso só ocorre quando utilizamos nossa teorização para esse fim e a pessoa pode praticar a teorização sem jamais ter conhecido a categoria, o termo. Como, por exemplo, mulheres podem atuar na resistência feminina sem jamais ter utilizado o termo feminista: “sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teorias a partir do lugar da dor e da luta que expõem corajosamente suas feridas, para nos oferecer sua experiência como mestre e guias, como meio para mapear novas jornadas teóricas” (HOOKS, 2015, p.103).

Se graças a Zahidé Maria Torres Machado Neto hoje posso pesquisar sobre as mulheres no ambiente acadêmico; trazer sua história para o conhecimento público é tanto um agradecimento à socióloga pioneira nos estudos sobre as mulheres na UFBA pelo legado deixado para nós, como também uma atitude política de retirar sua memória dos escombros da FFCH-UFBA e contribuindo assim para a compreensão da formação das Ciências Sociais no Brasil. Ou seja, colaborando para que pessoas saibam das suas contribuições intelectuais para a universidade pública no Brasil que vem nos dias atuais sofrendo desmontes.

6. REFERÊNCIA

Fontes Primárias – Zahidé Maria Torres Machado Neto

COSTA, Carlos. A.L Machado Neto: uma experiência da razão vital. In: MACHADO NETO, Zahidé; COSTA, Carlos; SIMÕES, Luzinete; PINTO, Marília Muricy Machado; COSSIO, Carlos; PAIM, Antônio; MENDES, Candido; MACHADO NETO, Carlos Frederico Torres; MARÍAS, Julián; REALE, Miguel. **Machado Neto**. Bahia: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1979. p. 87.

MACHADO NETO, Zahidé. A.L Machado Neto: vida intelectual: vida, paixão e morte. In: MACHADO NETO, Zahidé; COSTA, Carlos; SIMÕES, Luzinete; PINTO, Marília Muricy Machado; COSSIO, Carlos; PAIM, Antônio; MENDES, Candido; MACHADO NETO, Carlos Frederico Torres; MARÍAS, Julián; REALE, Miguel. **Machado Neto**. Bahia: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1979. p. 87.

MACHADO NETO, Zahidé. **Sociologia e Romance**. Bahia: I.E.F.B., 1961.

MACHADO NETO, Zahidé; COSTA, Carlos; SIMÕES, Luzinete; PINTO, Marília Muricy Machado; COSSIO, Carlos; PAIM, Antônio; MENDES, Candido; MACHADO NETO, Carlos Frederico Torres; MARÍAS, Julián; REALE, Miguel. **Machado Neto**. Bahia: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1979.

A.L. MACHADO NETO; MACHADO NETO, Zahidé. **Sociologia Básica**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 1987. 196 p.

MACHADO NETO, Zahidé. **Estrutura Social dos Dois Nordeste**: na obra de José Lins do Rêgo. Bahia: Coleção Ciência e Homem, 1971. 118 p.

MACHADO NETO, Zahidé. Funcionária Pública: a dona de casa nas "repartições". **Anpocis**, Bahia, v. 12, n. 6, p. 01-23, dez. 1980.

MACHADO NETO, Zahidé. Margaret Mead: um velho-novo livro (ou uma antropologia do sexo). **Universitas**, Salvador, v. 13, n. 12, p. 183-189, dez. 1972.

MACHADO NETO, Zahidé. A Força de Trabalho Da Mulher No Espaço do Bairro. In: ANPOCIS, 1981, Friburgo. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpocis, 1981. p. 01-13.

MACHADO NETO, Zahidé. Antropológicas: as "sociedades" na sociedade segundo Georges Balandier. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. 26, n. 102, p. 198-207, out. 1976.

MACHADO NETO, Zahidé. O problema epistemológico: objeto e método da sociologia. **Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**, [s. l], p. 1-8, jan. 1982.

BRITTO, Alda; MACHADO NETO, Zahidé. Tempo de Mulher: tempo de trabalho entre mulheres proletárias em salvador. In: BRAGA, Célia Maria Leal (org.). **Capitalismo e Força de Trabalho**. Salvador: Mestrado em Ciências Sociais, 1983. p. 59-72.

Referências Secundárias

- BALANDIER, Georges. Os caminhos embaralhados. In: BALANDIER, Georges. **O dédalo**: para finalizar o século xx. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 252.
- BONETTI, Alline. Antropologia feminista: o que é esta antropologia adjetivada? **Anais**: VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis, 28, 29 e 30 de 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014. 165 p.
- BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e Habitus de Classe. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 337.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. “Etnografia e imaginação histórica”. **Proa**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-72, dez. 2010.
- CANTARELLI, Aline Luisiane Camboim; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; MARIN, Angela Helena. "Eu não alterei o meu nome": o que dizem as mulheres sobre o não acréscimo do sobrenome do marido/parceiro no casamento ou união estável. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 03-16, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 abril. 2021.
- Cecilia McCallum e Vania Bustamante, « Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia », **Etnográfica** [Online], vol. 16 (2) | 2012, Online desde 26 junho 2012, consultado em 21 maio 2021. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/1476>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1476>
- CORRÊA, Mariza. **Antropólogas e Antropologia**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003. 278 p.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo Imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 10, p. 287-322, jan. 2004.
- DE CARVALHO, M. R. A institucionalização da antropologia no Nordeste. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 40, n. 2, p. 228-251, 31 dez. 2020.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins; PEREIRA, Maiara Diana Amaral; DANTAS, Míria Moraes. Zahidé Machado Neto: Uma Pioneira dos Estudos sobre a Mulher na Bahia. **Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Mato Grosso, v. 3, n. 5, p.108-124, jan. 2016.
- FONSECA, Claudia. Pesquisa “risco Zero”: é desejável? é possível? In: GROSSI, Miriam Pillar; MELLO, Anahi Guedes de; SALA, Arianna (Org.). **Trabalho de Campo, Ética e Subjetividade**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2018. p. 195-212.
- GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do "outro" encontra-se a si mesmo. In: GROSSI, Miriam Pillar. **Trabalho de Campo e Subjetividade**. Florianópolis: PPGAS, 1992. p. 7.

GROSSI, Miriam Pillar. Duas Germaines e Uma Denise: as alunas de Mauss. In: GROSSI, Miriam Pillar; CAVIGNAC, Julie Antoinette; MOTTA, Antonio. **Antropologia francesa no século XX**. Recife: Massangana, 2006. p. 239-256.

HAMMERSLEY, Martin; ATKINSON, Paul. Etnografia. Metodos de Investigación. Barcelona: Paidós Básica, 1994. Cap 3 “**El acceso**”, pp. 71-96.

HOOKS, Bell. A teoria como prática libertadora. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013. p. 83-105.

INGOLD, Tim. “Antropologia não é etnografia”, IN **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petropolis: Vozes, 2015.

LOWENKRON, Laura; FERREIRA, Letícia. Perspectivas antropológicas sobre documentos: diálogos etnográficos na trilha dos papéis policiais. In: FERREIRA, Letícia; LAURA (org.). **Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2020. p. 218.

MONTERO, Paula. Antropologia no Brasil: tendências e debates. In: Trajano Filho, W. e Ribeiro, G. L. (orgs.). **O campo da antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: ABA, 2004, 117-142.

MORAES, Fernanda Azeredo. **Pântanos de Relações e Colchões de Cumplicidade: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais**. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MORAES, Fernanda Azeredo. Fusão ou Competição? a experiência da conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres. In: GROSSI, Miriam Pillar *et al* (org.). **Teoria Feminista e Produção de Conhecimento Situado: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 336

MOREIRA, Alexandra et al. Digitalização de manuscritos históricos: a experiência da Casa Setecentista de Mariana. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 89-98, Dec. 2007. Available from <<https://doi.org/10.1590/S0100-19652007000300011>>. access on 22 May 2021. .

ONTO, Gustavo. Documentando relações e relacionando documentos: sobre a materialidade das práticas de conhecimento na regulação econômica. In: FERREIRA, Letícia; LOWNKRON, Laura (org.). **Etnografia de documentos: pesquisas antropológicas entre papéis, carimbos e burocracia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2020. p. 218.

PACHECO, Marina Rute de Aquino Marques. O Riso do Demônio: o inferno irônico n’O príncipe de Maquiavel. 92 f. il. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PACE, Richard. O legado de Charles Wagley: uma introdução. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.**, Belém, v. 9, n. 3, p. 597-602, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222014000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000300002>

PAES, Marilena Leite. Introdução aos Estudos de Arquivo. In: PAES, Marilena Leite. **Arquivo Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 228.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014. FAPUNIFESP (SCIELO).

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 09-18, jul. 1989.

PINA-CABRAL, João. “O Limiar dos afetos: algumas considerações sobre a Nomeação e a Constituição Social de Pessoas”. Texto apresentado pela primeira vez como aula inaugural do PPGASUNICAMP, abril 2005.

RIBEIRO, Adelia Miglievich -. **Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos**: pioneiras na formação das ciências sociais no rio de janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 278 p.

RICE, Anne. **A Rainha dos Condenados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Revisitando o campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista. *Mora*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 20, n. 1, agosto 2014.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo** mudou a ciência. Bauru: EDUSC, 2001. 384 p

STRATHERN, Marilyn. Cap. 1. Estratégias Antropológicas e Cap. 2. Um lugar no debate feminista. In: _____. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Editora da UNICAMP, 2006. p. 27-81.

VIDAL E SOUZA, C. Professoras de Antropologia em Minas Gerais: notas sobre a condição da margem. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 499-520, ago. 2016.

VIDAL E SOUZA, C. Arquivos de pessoas e instituições em movimento reflexões a partir de pesquisas com antropólogos no brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p.192-205, 2017.

VIDAL E SOUZA, C. Carreiras femininas na antropologia desde os anos 1960. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 40, n. 2, p. 138-158, 31 dez. 2021.

Entrevistas Realizadas

BACELAR, Jeferson. Entrevista realizada em sua sala no Centro de Estudos Afro-Orientais. Salvador, 20/08/2019.

CAROSO, Carlos Alberto. Entrevista realizada na sala do Observa Bahia, seu grupo de pesquisa, localizada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 13/06/2019.

CAROSO, Carlos Alberto. Entrevista realizada na sala do Observa Bahia, seu grupo de pesquisa, localizada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 12/09/2019

MOTTA, Alda Britto. Entrevista realizada em sua sala no Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Mulheres. Salvador, 11/12/2019.

MOTTA, Alda Britto. Entrevista realizada em sua sala no Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Mulheres. Salvador, 13/03/2020.